

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Cláudia Schneider Marques

**FALA QUE EU TE ESCUTO:
O Canal Mamilos de *podcast* ensinando sobre maternidade.**

Porto Alegre
2020

Cláudia Schneider Marques

**FALA QUE EU TE ESCUTO:
O Canal Mamilos de *podcast* ensinando sobre maternidade.**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestra pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ORIENTADORA

Prof. Doutora Maria Lúcia Castagna
Wortmann

Linha de Pesquisa: Estudos Culturais
em Educação

Porto Alegre
2020

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Marques, Cláudia Schneider
FALA QUE EU TE ESCUTO: O canal Mamilos de podcast
ensinando sobre maternidade / Cláudia Schneider
Marques. -- 2020.
143 f.
Orientadora: Maria Lúcia Castagna Wortmann.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Estudos Culturais. 2. Pedagogia Cultural. 3.
Educação. I. Wortmann, Maria Lúcia Castagna, orient.
II. Título.

Cláudia Schneider Marques

**FALA QUE EU TE ESCUTO:
O Canal Mamilos de *podcast* ensinando sobre maternidade.**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestra pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof.^a Dr.^a. Maria Lúcia Castagna Wortmann – Orientadora

Prof.^a Dr.^a Cristianne Maria Famer Rocha

Prof. Dr. Edgar Roberto Kirchof

Prof.^a Dr.^a Fabiana Amorim Marcello

*Dedico esta Dissertação ao meu filho Santiago, que me permite viver a intensa
experiência da maternidade.*

AGRADECIMENTOS

Com um misto de alívio e pesar, escrevo os agradecimentos desta Dissertação. Alívio pelo sentimento de dever cumprido, pela expectativa de mais tempo livre. Pesar pelo fim de uma jornada que, embora cansativa e desgastante, especialmente por ter acontecido em meio a uma pandemia, me trouxe muita satisfação.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora Maria Lúcia Wortmann, pela paciência e gentileza com a qual me acompanhou nesses dois atribulados anos, nos quais muitas vezes a maternidade me atropelou e não me permitiu cumprir prazos e promessas.

Agradeço ao Róger, meu companheiro de vida. Ao lado dele, me tornei mãe e, com ele, me transformo a cada dia em uma pessoa melhor. Parceiro das lutas diárias, torna meus dias infinitamente mais fáceis. Nesses dois anos desafiadores, me deu apoio e organizou todo o resto para que essa conquista fosse possível.

Agradeço ao Santiago, meu filho, pela experiência da maternidade, tão linda, tão difícil. Obrigada pela paciência e pela compreensão, mesmo que, do alto dos teus 7 anos seja difícil, por vezes, entender o significado de tudo isso (Mestrado é uma coisa muito importante?).

Agradeço à minha mãe, por ser minha mãe, tão doce, tão sincera e tão sensata. Por acolher meu filho sempre que foi necessário. Agradeço às minhas irmãs, Aline e Ana Clara, pelas trocas, pelas risadas, pelas conversas e pelo cuidado com o meu guri. Agradeço ao meu pai, que sempre incentivou e valorizou os meus estudos e certamente está muito feliz com essa realização de sua filha mais velha.

Agradeço à minha querida tia Liane Schneider, grande incentivadora dessa ideia de fazer o Mestrado. Obrigada pelo apoio em todas as etapas, pelas leituras dos artigos, resumos, projetos, textos. Obrigada pelas ideias, pelos palpites e pelas conversas de desabafo.

Agradeço à Maitê, querida amiga, pelo olhar cuidadoso e generoso direcionado ao meu texto. Agradeço à Eliete pelas conversas.

Agradeço aos meus amigos, pelos momentos de descontração e desabafo, aos meus colegas de trabalho, por segurarem as pontas sempre que necessário. Agradeço aos colegas do Mestrado, pelas trocas durante as aulas e reuniões de orientação.

Este não é um caminho que se pode trilhar sozinha. Obrigada pela companhia.

Santiago

Arranco a veia
Ponho num copo d'água
Deixo criar raízes

Arranco a veia
De preferência a aorta
Que é prantar melhor

E se der muda
Deixo crescer, que eu quero ver
Como é que é um pé de vida

Eu quero que meu pé de vida tenha vida interessante

Arranco o pelo
E tramo ele todo
Quero que ter tecido

Pelo comprido
Que é pra espalhar melhor
Quero te ver por tudo

E se der muda
Deixo crescer, que eu quero ver
Como é que é um pé de vida

Eu quero que meu pé de vida tenha vida interessante

Peso que me pede força
Chão que calça o meu desnível
Frágil que me faz cautela
Filho que me gera

Eu quero que meu pé de vida tenha vida interessante.

(Composição do Róger, quando eu ainda estava grávida, para nosso querido Santiago.)

RESUMO

Este estudo parte do entendimento de que aprendemos a ser quem somos a partir das representações que circulam nos artefatos midiáticos culturais. Conduzida na linha de pesquisa dos Estudos Culturais em Educação, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, esta pesquisa analisa de que forma o potente conceito de pedagogias culturais, produto da articulação entre os Estudos Culturais e a Educação, opera em seis episódios do canal de *podcast* Mamilos que abordam a temática da maternidade. O estudo invoca também estudos sobre mídias, especialmente os que lidam com a cultura da convergência. O objetivo deste estudo foi analisar representações de maternidade que circulam no referido canal com atenção aos modos como essas representações são construídas nas apresentações, debates e comentários feitos ao longo dos episódios. A partir de uma repetida escuta dos episódios foram definidos dois eixos temáticos: *maternidade e perfeição* e *maternidade e trabalho*. Cada um desses eixos analíticos constitui um universo de questões e conexões com fatos históricos, concepções científicas, psicológicas e do senso comum. Esses eixos têm profunda conexão entre si. É possível perceber, então, que estamos falando de vários níveis de atuação da pedagogia cultural.

Palavras-chave: Estudos Culturais. Pedagogia Cultural. Educação.

ABSTRACT

This study departs from the understanding that we learn to be who we are from the representations that circulate in cultural media artifacts. Conducted in the Cultural Studies field of research in Education, from a post-structuralist perspective, this research analyzes how the powerful concept of cultural pedagogies, product of the articulation between Cultural Studies and Education, operates in six episodes of the podcasts channel entitled Mamilos, that addresses the theme of motherhood. The study also invokes studies on media, especially those dealing with cultural convergence. The objective of this study was to analyze representations of maternity that circulate in the referred podcast channel with attention to the ways in which these representations are constructed in the presentations, debates and comments expressed along the episodes. From the repeated listening of the episodes, two thematic axes were defined: motherhood and perfection and motherhood and work. Each of these analytical axes constitutes a universe of questions and connections with historical facts, scientific, psychological and common sense conceptions. These axes have a deep connection with each other. It is possible to realize, then, that we are talking about various levels of performance of cultural pedagogy.

Keywords: Cultural Studies. Cultural Pedagogy. Education.

SUMÁRIO

1. ABERTURA.....	11
2. DESCRIÇÃO DO PROGRAMA E APRESENTAÇÃO DOS DEBATEDORES CONVIDADOS: PEDAGOGIAS CULTURAIS	17
3. TETA: O <i>PODCAST</i> COMO UMA PEDAGOGIA CULTURAL	26
3.1 UMA BREVE HISTÓRIA DO <i>PODCAST</i>	26
3.2 A INTERAÇÃO ENTRE PÚBLICO E PRODUTORES DE <i>PODCAST</i>	30
3.3 O QUE JÁ SE PESQUISOU SOBRE <i>PODCAST</i> E EDUCAÇÃO	37
3.4 O <i>PODCAST</i> OPERANDO COMO UMA PEDAGOGIA CULTURAL.....	39
3.5. A ESCOLHA DO CANAL MAMILOS DE <i>PODCAST</i>	42
3.6 A ESTRUTURA DOS PROGRAMAS	51
4. FAROL ACESO: A MATERNIDADE	53
5. FALA QUE EU TE ESCUTO: ANÁLISES, REFLEXÕES E DESDOBRAMENTOS	60
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
BEIJO PARA (REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS)	126
ANEXO 1.....	131
ANEXO 2.....	134
ANEXO 3	135

1. ABERTURA¹

E não importa o quanto tenha andado
É o chão que define o calçado, irmão
É o chão que define o calçado
(Róger Wiest)

Início este texto com parte da letra de uma canção. Talvez por minhas raízes na música, essa seja uma escolha natural e, quiçá por esse mesmo motivo, eu tenha terminado por escolher para a minha pesquisa um artefato cultural que produz e distribui conteúdo por meio do som em uma época em que a imagem é tão valorizada em detrimento de outras formas de comunicação. A escolha da letra da canção ocorreu quase ao acaso. Em um exercício de escolher o título de um capítulo do texto, na tentativa de melhor organizá-lo, essa frase me veio à mente. Acabei optando por outro título mais tarde, inspirada pelos nomes das partes dos episódios do próprio canal de *podcast* que analisei. Falarei sobre isso mais adiante. A frase “é o chão que define o calçado” ficou martelando em minha cabeça enquanto pensava sobre as leituras recém feitas sobre abordagens metodológicas.

De fato, quando penso em pesquisas dos Estudos Culturais em Educação, que se alinham ao pós-estruturalismo e a pesquisas pós-críticas, essa frase parece fazer todo o sentido, visto que vamos construindo procedimentos de pesquisa de acordo com o andamento do estudo, essas pesquisas “se aproveitam de quaisquer campos que forem necessários para produzir o conhecimento exigido por um projeto em particular” (NELSON, TREICHLER & GROSSBERG, 2003, p.9). “Afim, as teorias pós-críticas não possuem um método recomendado para realizarmos nossas investigações” (PARAÍSO, 2014, p. 26). O caminho vai definindo as leituras e as escolhas metodológicas: o chão vai definindo o calçado, afinal.

Da mesma forma, o chão, como metáfora para a minha trajetória acadêmica, foi definindo meus interesses de pesquisa, os caminhos que pretendo trilhar. Por isso, contar um pouco sobre a minha trajetória me parece importante para contextualizar o que vem a seguir. Não é meu objetivo aqui descrever detalhadamente minha experiência acadêmica e profissional. No

¹ Os títulos dos capítulos e seções desta Dissertação foram inspirados nos blocos que fazem parte de cada programa do canal Mamilos de podcast.

entanto, me parece importante oferecer aos leitores e avaliadores deste trabalho um breve resumo, um voo panorâmico sobre essa caminhada, visto que ela impactou definitivamente a escolha do meu tema de pesquisa, ou os sapatos que venho calçando já há algum tempo.

Iniciei minha formação acadêmica no curso de Licenciatura em Música, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Logo no início da minha graduação, comecei a dar aulas de piano, depois de teoria musical e a organizar grupos para práticas coletivas de música. Pouco tempo depois, tive minha primeira oportunidade como professora da escola regular: passei a dar aulas de música na educação infantil e no ensino fundamental. De forma gradual, fui ampliando minha prática docente e me integrando junto a outros professores em projetos interdisciplinares, que articulavam as aprendizagens desenvolvidas nas diferentes disciplinas. Em pouco tempo, eu já estava tão envolvida em projetos maiores, que meu interesse pela escola como um todo se tornou cada vez mais evidente. Vários anos se passaram até que eu me aproximasse novamente da universidade. Nesse meio tempo, me tornei Coordenadora Pedagógica e mãe, fatos que transformaram radicalmente minha rotina e meu entendimento sobre a educação e sobre minha prática docente.

Em 2017, resolvi participar da seleção de Mestrado do PPGEDU/UFRGS. Debrucei-me sobre a literatura indicada e, oscilando entre momentos de entusiasmo e desânimo (eram muitos conceitos novos), me preparei para a prova. Saí-me muito bem na prova escrita, mas não fui classificada. Fui aprovada como primeira suplente. Não desanimei: inscrevi-me como aluna PEC em uma disciplina do professor Alfredo Veiga-Neto, na qual ampliei meus conhecimentos sobre educação, tendo, a partir daí acesso a novas bibliografias que até então desconhecia. No semestre seguinte, quando cursei a disciplina *Introdução aos Estudos Culturais*, ministrada pela professora Maria Lúcia Wortmann e pela professora Cristianne Famer Rocha, o campo de pesquisa se revelou de forma muito mais clara para mim, pois apresentou de forma muito didática a linha de pesquisa, e novas possibilidades se apresentaram. Nessa disciplina, conheci o conceito de pedagogias culturais e entendi que esse conceito poderia ser muito importante para mim e para as investigações que desejava fazer. Fiquei encantada com a possibilidade de me debruçar sobre os novos aparatos teóricos com os quais fui tendo contato, em especial com as pedagogias culturais.

Comecei, então, a me preparar novamente para a seleção de mestrado de 2018. Dessa vez, apresentei uma proposta de estudo sobre um artefato cultural e sua condição de pedagogia cultural como possibilidade de pesquisa. Propus-me a pesquisar a mídia *podcast*². No memorial apresentado por ocasião da seleção, as ideias sobre o que estudar ao longo do Mestrado ainda estavam muito “soltas” e os meus objetivos ainda nebulosos. No entanto, fui aprovada no processo seletivo e tive a oportunidade de burilar essa ideia inicial com o auxílio de minha orientadora, de meus colegas do grupo de orientação, das disciplinas realizadas e dos textos lidos, tendo uma definição mais clara dos caminhos que pretendia seguir a partir dali.

Explico, a seguir, o que chamou a minha atenção no *podcast*. Em meu processo de preparo para a seleção de Mestrado, me vi cercada de novos conceitos e textos a serem lidos. O grande volume de leitura a ser vencido em pouco tempo (levando em conta o fato de que eu vinha de outra área) me assustou inicialmente. Segui o conselho de uma amiga, que me sugeriu buscar no *YouTube* vídeos que retomassem os conceitos. Foi ótimo. Encontrei alguns canais com vídeos que abordavam conceitos bem básicos mencionados nas leituras, mas que, por serem novos para mim, precisavam de maturação. No entanto, o vídeo era um problema: ocupava o tempo de estudo e leitura e, afinal, não aprofundava muito cada conceito. Sentia-me, então, “perdendo tempo”. Pouco tempo depois, descobri que um dos canais que eu estava acompanhando no *YouTube* disponibilizava os episódios em formato de áudio, por meio de um agregador de *podcast*. Isso permitia que eu ouvisse esse conteúdo enquanto dirigia, aproveitando melhor o meu tempo na estrada (dirijo cerca de 1h e 30min por dia em meu deslocamento de casa para o trabalho).

Assim, fui definindo meu tema. Já sabia que gostaria de estudar o conceito de pedagogias culturais e que o faria a partir da análise de um canal de *podcast*, que considero, a partir de suas características, um artefato cultural. No texto *Doing Cultural Studies: the story of the Sony Walkman*, Paul du Gay, Stuart Hall et al., (1997) explicam as características de um artefato cultural, referindo-se ao *Sony Walkman*. Tal descrição também se aplica ao *podcast*, artefato de mídia: “Ele pertence à nossa cultura porque construímos para ele um pequeno mundo

² *Podcast* é uma mídia semelhante ao rádio, que veicula principalmente áudio, e que pode ser acessada pela internet.

de significados; e transformar o objeto *em um* significado é o que faz dele um *artefato cultural*' (GAY et al., 1997 tradução minha, grifos dos autores). A partir daí, iniciei minhas leituras e comecei a organizar o meu projeto. Foi um longo caminho desde a definição de que o estudo seria realizado com um canal de *podcast* até a escolha do canal, da temática e dos episódios a serem analisados. Nos capítulos seguintes, explicarei detalhadamente quais foram as trajetórias e, por que não dizer, os calçados escolhidos para a realização deste estudo. Por fim, defini que faria análises das discussões feitas nos episódios sobre maternidade e dos e-mails e mensagens enviados pelos ouvintes do canal de *podcast* Mamilos, sobre esses episódios. O canal Mamilos será apresentado apropriadamente no terceiro capítulo desta dissertação.

Defino, a seguir, os propósitos que busquei com a realização deste estudo: **Valendo-me das análises que conduzi sobre episódios veiculados no canal Mamilos de *podcast*, que focalizaram o tema maternidade, e dos comentários que foram feitos sobre esses no mesmo artefato, analisei as representações de maternidade que circulam neste canal, buscando registrar como os episódios operam como uma pedagogia cultural configurando deveres, qualidades, dificuldades, ambições e compromissos para as mulheres-mães. Enfim, examinei como se constroem, em episódios veiculados neste canal de *podcast*, representações sobre a maternidade.**

Feitas essas considerações iniciais, nas quais busco indicar como surgiu meu interesse pelo artefato midiático *podcast*, bem como indicar a relevância de meu propósito de estudá-lo, passo a seguir a apresentar as outras seções que integram esta Dissertação de Mestrado.

Antes da apresentação das seções, entendo que é conveniente explicar de forma mais detalhada, neste momento, os títulos escolhidos para os capítulos. Escolhi utilizar os nomes das seções do programa³ para as seções da dissertação. Assim, este capítulo introdutório foi chamado de *Abertura* e o capítulo em que apresento o conceito de pedagogias culturais e os principais

³ A organização das seções, bem como seus títulos, foram se transformando ao longo do tempo. Nem todos os episódios têm exatamente essa estrutura, que tem se mostrado bastante flexível.

autores que me respaldam em minha pesquisa, foi intitulado de *Descrição do programa e apresentação dos debatedores convidados*. O capítulo em que apresento o *podcast* e o material analisado foi batizado de Teta, em referência à parte principal do programa. Para que essa referência às mamas femininas fique mais clara, faço uma breve explicação a seguir:

O nome do canal de *podcast* é uma referência a um meme⁴ de 2011, em que um menino postou um vídeo de pouco mais de 20 segundos no YouTube, afirmando que falaria de um assunto muito polêmico: mamilos. O vídeo⁵ viralizou (esse termo é usado quando algo tem um número muito grande de acessos rapidamente) e, desde então, a palavra polêmica é facilmente relacionada a mamilos. Assim, o canal de *podcast* que pretendia tratar de temas polêmicos, encontrou nesse meme a inspiração para o seu nome. A palavra mamilos inspirou, também, os nomes dados às partes do programa: Teta, maneira informal de referência aos seios femininos, é o nome dado à parte principal do programa, em que os assuntos polêmicos são discutidos. Farol aceso, expressão popularmente usada para falar de seios como atrativos ao olhar externo (aqui a palavra aceso faz referência específica ao mamilo erigido, relacionado à excitação), nomeia a seção do programa em que as apresentadoras e convidados dão dicas de leituras, filmes e programas aos ouvintes. Os demais capítulos também recebem nomes referentes a outras partes do programa, mas essas não têm mais referência aos seios femininos. A seção *Fala que eu te escuto* dos episódios, é o momento em que as apresentadoras leem mensagens enviadas pelos ouvintes e, na seção *Beijo para*, elas mandam beijo para ouvintes que encontraram pessoalmente durante a semana. Todos esses títulos foram utilizados para nomear as seções dessa dissertação, como apresento a seguir.

No segundo capítulo, intitulado *Descrição do programa e apresentação dos debatedores convidados*, lanço meu olhar sobre o conceito de pedagogia cultural, dos criadores e transformadores desse conceito, buscando cobrir dados

⁴ Memes são piadas que circulam pela internet (podem ser vídeos curtos ou imagens com algumas frases) e têm muito sucesso em pouco tempo, ou seja, têm amplo alcance. Em geral, depois dessa rápida expansão inicial, permanecem por algum tempo circulando e “morrem”.

⁵ <https://youtu.be/vtJFJbtqUd8> (acesso em 19/09/2020)

desde suas origens, até a forma como se entende que esse opera na contemporaneidade.

Ainda nesta seção, falarei sobre minhas andanças metodológicas, sobre os caminhos que trilhei para construir essa pesquisa. Neste capítulo, também, apresentarei aqueles autores que me acompanharam e com os quais dialoguei para articular as ideias que desenvolvi.

Valendo-me do conceito de pedagogia cultural abordado por estudiosos dos Estudos Culturais, discuto, no terceiro capítulo, intitulado *Teta*, o alcance e a produtividade do *podcast*, pois defendo que o conteúdo veiculado por essa ferramenta atua sobre os processos de construção de compreensões sobre as temáticas abordadas e os sujeitos que a essas são vinculados. Neste capítulo faço, também, um breve relato sobre esta mídia que tem ganhado adeptos nos últimos anos, especialmente no Brasil. Ainda na *Teta*, farei uma incursão ao *podcast* brasileiro intitulado *Mamilos*, o qual dedica-se a uma gama bastante variada de temas, muitas vezes polêmicos, dentre os quais a maternidade é bastante recorrente.

No quarto capítulo, intitulado *Farol Aceso*, falarei sobre maternidade. Contarei um pouco sobre a sua história e os diferentes entendimentos do que é ser mãe ao longo dos séculos.

Por fim, no capítulo intitulado *Fala que eu te escuto*, apresentarei minhas análises sobre os episódios selecionados, as conclusões às quais cheguei e as perguntas que eventualmente não tenham sido respondidas e que, quiçá, sirvam de inspiração para novos estudos.

2. DESCRIÇÃO DO PROGRAMA E APRESENTAÇÃO DOS DEBATEDORES CONVIDADOS: PEDAGOGIA CULTURAL

Neste capítulo, abordarei brevemente as origens da articulação entre os Estudos Culturais e a Educação, elemento fundamental na criação do conceito de pedagogias culturais, com o qual trabalhei nesta pesquisa.

Acredito que seja de fundamental importância, antes de dar seguimento a esta discussão, comentar de forma mais demorada o conceito de articulação. Vejamos, a seguir, as definições apresentadas pelo dicionário Houaiss da Língua Portuguesa:

s.f. **1** ponto de junção de duas partes do corpo ou de dois ou mais ossos **2** sequência das etapas de emissão de um som **3** pronúncia clara das palavras **4** ajuste entre partes; inter-relação <a. de grupos> (HOUAISS, p. 66)

Podemos perceber que o conceito de articulação tem diversos significados, dependendo do contexto em que é empregado. Em nosso contexto, se aproxima do quarto significado trazido pelo dicionário, de ajuste entre partes, de inter-relação. Diversos autores já discutiram esse conceito e, para melhor compreensão do sentido que darei ao termo em minha análise, trago parte dessas discussões. Vejamos, então, o que dizem Nelson, Treichler e Grossberg (2003) sobre a articulação:

“[...] fornece uma forma de descrever o processo contínuo de separação, realinhamento e recombinação de discursos, grupos sociais, interesses políticos e estruturas de poder, numa sociedade. Fornece também uma forma de descrever os processos discursivos pelos quais os objetos e identidades são formados ou pelos quais se lhes atribuem significados.” (NELSON, TREICHLER & GROSSBERG, 2003, p. 21).

O conceito de articulação é abordado também por Camozzato (2014), que defende o conceito de pedagogias culturais como “o principal elo articulador” nas discussões e pesquisas realizadas à luz dos Estudos Culturais em Educação. A articulação entre os Estudos Culturais e Educação é campo de diversas discussões e disputas, que não aprofundarei neste estudo. No entanto, cabe afirmar que essa articulação permite que os pesquisadores “valham-se tanto de teorizações quanto de metodologias consideradas próprias a uma gama de diferentes disciplinas acadêmicas [...]” (WORTMANN, 2005, p. 165). Wortmann (2005) também afirma que, a partir dessas articulações, houve um importante

deslocamento das temáticas que vinham sendo pesquisadas, oportunizando um olhar para além do espaço restrito da sala de aula. É nessa direção que, embasada pela autora, me aproprio da dimensão política de articulação⁶, pois fiz incursões em análises que buscam “indicar os efeitos produtivos das ações pedagógicas [...] não escolares na instituição de sujeitos e de suas visões de mundo” e quando me dedico aos “discursos e práticas que atuam na produção de identidades”. (WORTMANN, 2005, p. 179).

Utilizei nesta pesquisa o conceito de pedagogias culturais como ferramenta de análise, com o intuito de melhor entender como essas teorias se articulam e operam na formação dos sujeitos e de suas visões de mundo. Para um melhor entendimento desses conceitos, explanarei brevemente sobre a origem dos Estudos Culturais, suas variações e articulação com a Educação.

Os Estudos culturais, em sua vertente inglesa, tiveram início em meados dos anos 60, na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, a partir dos estudos de Williams (1958), Hoggart (1958) e Thompson (1963). Existem estudos que evidenciam a existência (ou coexistência) da prática de estudos culturais também na América Latina, fato que traz à tona algumas polêmicas sobre essa questão. Não aprofundarei a discussão acerca dessas polêmicas, visto que este não é o foco da pesquisa que estou apresentando. No entanto, no capítulo em que discuto como o conceito de pedagogia cultural opera no artefato *podcast*, me apoiarei também no arcabouço teórico latino-americano, uma vez que vários autores têm focalizado suas pesquisas no estudo das mídias e da cultura popular, como Canclini (1999) e Martín-Barbero (2003), entre outros.

A articulação entre os Estudos Culturais e a Educação também não é um tema livre de polêmicas, visto que, em virtude de algumas práticas arraigadas na educação, os Estudos Culturais podem ser vistos, por assim dizer, como uma ameaça ou como algo que tira os educadores da chamada “zona de conforto”. As escolas (e incluo aqui as universidades) são, em grande parte, habituadas às práticas tecnicistas e às práticas e organizações disciplinares estanques. Os Estudos Culturais, por sua vez, “estão profundamente preocupados com a relação entre cultura, conhecimento e poder.” (Giroux, 2003, p. 86). Essas questões geram um certo desconforto que resulta em uma resistência por parte

⁶ No entendimento de Slack (apud Wortmann, 2005, p. 178) “a articulação pode se processar em diferentes níveis: o epistemológico, o político e o estratégico.”

de alguns acadêmicos. Ainda assim, temos diversos exemplos de articulações entre os Estudos Culturais e a Educação, algumas delas aconteceram e acontecem ainda em universidades brasileiras, como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, e a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), em Canoas, ambas no Rio Grande do Sul.

A aproximação e a articulação dos Estudos Culturais com a Educação são, muito provavelmente, fator definidor do conceito de pedagogias culturais, pois “as análises inserindo a pedagogia dentro de uma rede de significações relacionada com a cultura, política e poder encontraram [nessa articulação] embasamento teórico”. (ANDRADE E COSTA, 2015, p. 49)

Viviane Camozzato (2014) discute de forma bastante aprofundada o termo pedagogia, conceito que “vem sendo cada vez mais empregado para mostrar operacionalidade de discursos específicos em artefatos que se dispõem a educar e produzir determinados tipos de sujeitos”. (CAMOZZATO, 2014, p. 574). Partindo do entendimento de que os conceitos são mutáveis e condicionados aos seus contextos, Viviane Camozzato (2014) lança esse olhar questionador ao conceito de pedagogia. Ela salienta a fragilidade das argumentações “que insistem que há somente uma pedagogia” (CAMOZZATO, 2014, p. 578) e defende, então, o uso do termo no plural, diferenciando, assim, essa discussão daquelas cujo entendimento estava presente no pensamento moderno. Ela dedicou-se à compreensão da história (das histórias) da pedagogia com o objetivo de “mostrar que o conceito de pedagogia continua, proximamente a nós, sofrendo transformações nesse tempo em que está operando”. (CAMOZZATO, 2014, p. 579).

A autora, em *Pedagogias do Presente*, discute as tensões em torno da definição de pedagogia como ciência da educação e os desdobramentos que essas tensões trazem ao conceito de pedagogia. Sabendo que o campo da ciência é tomado de disputas e interesses, é compreensível que haja tantas discussões acerca desse entendimento. Inúmeros debates ocorrem acerca dessa problematização, numa luta de reconhecimento por parte da pedagogia como uma ciência. Camozzato (2014) invoca estudo de Liliana Ferreira (2010) para trazer essa questão à tona e justificar a importância dessas discussões em torno do conceito. Ela problematiza as transformações do conceito de pedagogia, abordando o quanto as articulações desse conceito com as

transformações da cultura têm sido importantes para as “flexões da pedagogia, fazendo com que essa seja pluralizada em sua denominação e em seus espaços de atuação”. (CAMOZZATO, 2014, p. 575). É justamente sobre essa pluralização dos espaços de atuação das pedagogias que me debruço neste estudo, uma vez que direcionei meu olhar para um artefato cultural midiático que atua como uma pedagogia cultural.

Camozzato (2014) problematiza o fato de que, na atualidade, a fluidez com que as certezas e permanências se desalojam e se transformam obriga, de certa forma, que os sujeitos também se reorganizem a fim de ocupar os papéis que lhe são atribuídos em meio a essa liquidez de relações e de aprendizagens. A partir daí, são estabelecidas condições de “atualização constante [da pedagogia] para conectar-se às exigências e necessidades contemporâneas e, assim, investir, de forma sempre atualizada, nesses sujeitos” (CAMOZZATTO 2014, p. 575).

A partir do entendimento de que os sujeitos aprendem em várias instâncias, além das instituições escolares, podemos salientar que a pedagogia opera em diversos contextos culturais. Múltiplos artefatos podem operar como pedagogias culturais, interferindo “na forma como as pessoas pensam e agem sobre si mesmas e sobre o mundo que as cerca, como nas escolhas que fazem e nas maneiras como organizam suas vidas”. (ANDRADE E COSTA, 2015, p. 845). Entendo, a partir deste estudo, que os episódios do canal Mamilos, que se inserem no *podcast*, operam como pedagogias culturais, na medida em que “ensinam” modos de viver e compreender a maternidade aos indivíduos que consomem e interagem com os conteúdos que são neles veiculados.

Muitos são os estudos conduzidos nos Estudos Culturais que focalizam o conceito de pedagogias culturais e esses argumentam que “aprende-se a ser sujeito de certo tipo em imagens, discursos e narrativas que circulam em filmes, revistas, jornais, etc.” (WORTMANN; COSTA; SILVEIRA, 2015, p. 38). Inicialmente vinculado a estudos conduzidos por Giroux (2004) e Steinberg (1997, 2004), notadamente quando estes autores salientavam de que forma grandes corporações, tais como a Disney, têm reescrito a natureza da cultura infantil ao colocarem em choque “as fronteiras que eram mantidas entre as esferas da educação formal e do entretenimento” (Giroux, 2003 p.128), o conceito de pedagogias culturais foi sendo ampliado e se mostrou muito potente

para a realização de estudos em educação, pois permitiu que se passasse a pensar a pedagogia pluralmente, tal como Camozzato e Costa (2013) ressaltaram, ao discutirem o que denominaram como “vontade de pedagogia”. Como essas autoras indicam, essa seria uma condição do tempo presente, que contém o entendimento da “pedagogia como um traço, uma marca da contínua vontade de investir e atuar sobre todos os aspectos e âmbitos da vida dos sujeitos contemporâneos.” (CAMOZZATO; COSTA, 2013, p. 23).

O conceito de pedagogia cultural se aplica, assim como Silva (2000, p.89) assinalara, a qualquer “dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvido – em conexão com as relações de poder – no processo de transmissão de atitudes e valores”. Os dispositivos culturais e midiáticos operam sobre os indivíduos provocando reflexões e aprendizagens carregadas de ideologias, que são produtoras de representação, portanto, “educam, regulam condutas, subjetivam” (ANDRADE E COSTA, 2015, p. 850).

Camozzato (2014) argumenta, ainda, que: de fato, “o uso desse conceito [pedagogia] vem sendo cada vez mais empregado para mostrar a operacionalidade de discursos específicos em artefatos que se dispõem a educar e produzir determinados tipos de sujeitos” (CAMOZZATO, 2014, p. 574). Assim, nos dias atuais, as formações tradicionais e institucionais não são as únicas responsáveis por aquilo que é esperado que os sujeitos saibam. Aliás, espera-se, atualmente, que os indivíduos saibam sobre o contexto em que vivem, ou seja, que estejam a par de notícias sobre política, saúde, meio ambiente, cultura (filmes, música, exposições artísticas), mas que esses também transitem nos saberes que extrapolam os limites que as regionalidades possam, por ventura, lhes impor. E, para que isso ocorra, faz-se necessário que estejam sempre conectados e potencialmente informados ou representados por fotos, vídeos, informações, *likes*⁷, etc.

Além disso, decorre dessa conexão a possibilidade dos sujeitos se “encontrarem”, ou seja, de eles se “identificarem” (ou serem identificados) nas tantas categorias que os diferentes discursos que circulam na cultura têm

⁷ Expressão usada nas redes sociais, como Facebook e Instagram, por exemplo, para referir-se a reações de outras pessoas às postagens realizadas. No Facebook, o “like” é representado pela imagem de uma mão com o polegar apontando para cima, em sinal positivo. No Instagram, é indicado por um coração.

estabelecido: homo/hétero/ cis/trans/bi, carnívoro/vegetariano/vegano, de direita/de esquerda, entre tantas outras classificações e rotulações com as quais nos deparamos em nosso dia a dia. Assumo, assim, neste texto, o entendimento de que os discursos constroem representações e operam na “modelagem” de sujeitos ao promoverem constantemente a sua inclusão/exclusão em *determinadas* classificações. Os indivíduos aprendem a ser quem são e os lugares e papéis que ocupam na sociedade em muitas instâncias, entre as quais estão uma gama de artefatos culturais nos quais opera a pedagogia cultural, este “potente conceito acionado a partir do referencial dos Estudos Culturais” (ANDRADE, 2016, p. 19).

Considero importante destacar que, a partir do entendimento dos Estudos Culturais, a palavra cultura assume outros significados, incluindo também a chamada “cultura de massas”. Segundo Martín-Barbero (1997), “a cultura de massa não aparece de repente, como uma ruptura, que permita seu confronto com a cultura popular. O massivo foi gerado lentamente a partir do popular”. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 169). Assim, ocorre o que Camozzatto (2014) chama de “dessacralização dos cânones entre cultura(s) e pedagogia(s)”. De acordo com a autora, podemos entender que, “sob a ótica da cultura [...] materiais mais próximos do que é convencionalmente chamado de *cultura popular* passaram a ser considerados como objetos de estudo [...]. (CAMOZZATTO, 2014, p. 586). A partir desse entendimento, podemos perceber a potência do conceito de pedagogias culturais, uma vez que a cultura popular tem amplo alcance e papel fundamental na produção de subjetividades. Daí a importância dos artefatos midiáticos, a partir dos quais “cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de fragmentos de informações [...] transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana” (JENKINS, 2009, p. 30).

Martín-Barbero faz uma importante análise sobre o surgimento dos folhetins, no século XIX, e sua relação com a cultura. A linguagem e a diagramação acessíveis, somadas ao formato em “episódios”, que tornam o texto folhetinesco muito palatável ao público menos letrado, são aspectos fundamentais para a sua popularização, mas não são mais importantes do que o fato de que “as pessoas do povo têm a sensação de estar lendo a narrativa de suas próprias vidas.” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 178). Todos esses

elementos são pensados cuidadosamente, pois desempenham “papel importante na constituição desse desejo [de ler]”. (idem, p. 180). Essas estratégias de “sedução” do público para firmar vínculos e conquistar a fidelidade, também serão analisadas por mim nos capítulos seguintes em relação às produtoras e consumidores do canal Mamilos de *podcast*. O que é chamado por Barbero nos folhetins de “estrutura aberta”, também aparece no *podcast*. “A *estrutura aberta*, o fato de escrever dia após dia conforme um plano que é, no entanto, flexível, a partir da reação dos leitores⁸, também se inscreve na confusão da narrativa com a vida [...]” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 181-182, grifos do autor). Essa confusão da narrativa com a vida, essa sensação de estar lendo (ou ouvindo, no caso do *podcast*) a narrativa de sua própria vida, conecta o público ao artefato midiático de forma que esta conexão permita reflexões e reconhecimentos, que constituem modos de ser e viver. Além disso, nos permite entender outra articulação importante para as análises realizadas neste estudo, que é aquela que coloca em relação Estudos Culturais, Educação e Comunicação.

No momento em que me propus a focalizar um artefato midiático, precisei fazer uma incursão também ao referencial teórico dos estudos de mídia, de comunicação e de recepção. Ana Carolina Escosteguy é uma referência importante nessa articulação. Ela defende uma abordagem integrada dos estudos de comunicação, em que se estuda o processo comunicativo como um todo. Embasada por Hall (2003), Escosteguy (2007) defende a ideia da “comunicação como estrutura sustentada por uma articulação entre momentos distintos – produção, circulação, distribuição, consumo - , em que cada um tem condições próprias de existência.” (ESCOSTEGUY, 2007, p. 119). Dessa forma, esses momentos devem ser registrados sempre uns em relação aos outros, “sendo que cada momento é necessário para o todo, mas nenhum antecipa o próximo.” (idem, p. 119). Com base nas análises de Escosteguy, direcionei meu olhar para várias etapas do processo de produção do conteúdo veiculado pelas produtoras do *podcast*. Dediquei-me à análise das motivações para a criação dos episódios, das etapas pelas quais o programa passou antes da publicação, das discussões realizadas em cada episódio e também aos desdobramentos

⁸ Ouvintes, no caso do *podcast*.

resultantes da interação com o público, fechando o ciclo. Segundo a autora, é necessário “observar a conexão entre as práticas de grupos sociais e os textos que estão em circulação, realizando uma análise sócio histórica de elementos culturais que estejam ativos em meios sociais particulares.” (ESCOSTEGUY, 2007, p. 121).

Também é pertinente referir os estudos que focalizam os modos de endereçamento das produções midiáticas. Para realizar uma análise sob esta perspectiva, amparei-me pelos estudos de Elisabeth Ellsworth.

Elisabeth Ellsworth (2001) discute as mídias e aprendizagens sob o olhar dos Estudos Culturais em Educação. A autora afirma que não quer mais “ensinar ou aprender na ausência de prazer, enredo, emoção, metáfora, artefatos culturais e de envolvimento e interação com o público”. (ELSSWORTH, 2001, p. 11). Essa afirmação me convoca a pensar sobre os artefatos culturais e midiáticos e sobre como esses têm de envolver seu público. Esse “encantamento” proveniente do “prazer, enredo, emoção...” citados por Ellsworth (2001), me parece ser a chave dessa potência das pedagogias culturais. Ela aciona o conceito de modos de endereçamento, que vem dos estudos de mídia, do cinema para pensar em educação. Articulamos, aqui, a área da Comunicação aos Estudos Culturais e à Educação. Os modos de endereçamento eram compreendidos pelos teóricos do cinema como algo que está no texto do filme e que age sobre os seus expectadores (e eu tomo a liberdade de ampliar essa ideia aqui para qualquer artefato midiático, incluindo o *podcast*, sobre o qual me debrucei na pesquisa). No entanto, esse entendimento se transformou e os teóricos do cinema, segundo Ellsworth (2001), começam a entender os modos de endereçamento de outra forma, “mais como um evento que ocorre em algum lugar *entre* o social e o individual.” (ELLSWORHT, 2001, p. 13 – grifo da autora). Esse entendimento, segundo ela, permitiu-lhe articular a noção de modo de endereçamento com a educação, com os estudos culturais e com a psicanálise, pois “o evento do endereçamento ocorre num espaço que é social, psíquico, ou ambos, entre o texto do filme e os usos que o espectador faz dele.” (ibidem).

Essa discussão acerca dos modos de endereçamento é muito pertinente, porque elucida as formas como operam as pedagogias culturais. Assim como no cinema os produtores se preocupam em endereçar o filme da melhor maneira, com o objetivo de melhor atingir seu público e, a partir daí, usufruir de todas as

vantagens dessa relação que se estabelece, qualquer outro artefato cultural pode se apoderar do mesmo critério de endereçamento para melhor se conectar com seu público (seja ele de ouvintes, leitores, jogadores, etc.). Tanto no cinema quanto em outros artefatos, o processo invisível dos modos de endereçamento, conforme Ellsworth (2001), parece “convocar o espectador a uma posição a partir da qual ele deve ler o filme” (ELLSWORTH, 2001, p. 17), ou o livro, ou o *podcast* ou qual seja o artefato. No entanto, a autora discute o fato de o endereçamento “falhar”, praticamente, na totalidade das vezes, já que “não existe um ajuste exato entre endereço e resposta” (idem, p. 42). Para ela, é justamente isso que “torna possível ver o endereçamento de um texto como um evento poderoso, mas paradoxal, cujo poder advém precisamente da *diferença* entre endereçamento e resposta” (ibidem, grifo da autora). “O modo de endereçamento consiste na diferença entre o que poderia ser dito – tudo o que é histórica e culturalmente possível e inteligível de se dizer – e o que é dito”. (ELLSWORTH, 2001, p. 47). Nessa diferença, nesse evento, acontecem as reflexões e provocações a partir das quais os sujeitos realizam “aprendizagens tanto em relação a si mesmos, quanto em relação aos outros e ao mundo” (ELLSWORTH, 2005 *apud* ANDRADE E COSTA, 2017, p.6). Martín-Barbero, ao falar sobre a modernidade e a mediação de massas, quando fazia reflexões acerca do cinema e a identidade do povo afirmou: “Não se ia ao cinema para sonhar; ia-se para aprender.” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 231-232). Ainda citando o autor: “As pessoas vão ao cinema *para se ver*, numa sequência de imagens que mais do que argumentos lhes entrega gestos, rostos, modos de falar e caminhar[...]” (idem, p. 232, grifos do autor).

Respaldada pelas reflexões desse imponente arcabouço teórico, sigo para o próximo capítulo, no qual me dedico ao artefato cultural em que se localizam os episódios do canal Mamilos que pesquisei, o *podcast*.

3. TETA: O *PODCAST* COMO PEDAGOGIA CULTURAL

3.1 Uma breve história do *podcast*

Podcast é uma mídia por meio da qual se transmitem informações em áudio, a partir de diversos canais, de forma semelhante ao rádio. “Em linhas gerais, *podcasts* são programas de áudio cuja principal característica é um formato de distribuição direto e atemporal chamado *podcasting*” (LUIZ; ASSIS, 2010, p. 1). O *Podcasting* não pode, no entanto, ser classificado como “rádio pela internet”, por ser o rádio transmitido em tempo real, enquanto o *podcast*, na maior parte das vezes, tem mais semelhanças com um material fonográfico. Sua principal diferença em relação ao rádio é que os programas de *podcast* não são, em sua maioria, transmitidos ao vivo em horário fixo, mas, uma vez disponibilizados, os ouvintes podem acessá-los no momento que acharem mais conveniente. Por meio de um agregador de *podcast*, que é um tipo de aplicativo no qual o ouvinte tem acesso aos canais disponíveis, o público pode acompanhar os canais pelos quais tem maior interesse e “assiná-los”⁹ (sem pagar por isso). Sempre que um novo episódio estiver disponível, o usuário assinante pode ser avisado por meio de um ícone diferenciado que surge na tela de seu celular, *tablet* ou computador. A tecnologia que permite que isso aconteça é o RSS (Really Simple Syndication), que foi inicialmente usada na distribuição de publicações de texto.

Segundo Ricardo Macari, em seu artigo intitulado *O que é um Podcast?*, disponível no site da Associação Brasileira de *Podcasters*¹⁰, em 2003, o programador Dave Winer adaptou o código RSS para que fosse possível usá-lo também em arquivos de áudio. Só que esse modelo ainda precisava de outras transformações para tornar-se *podcast*. Em 2004, Adam Cury conseguiu adaptar a tecnologia existente até então e, assim, foi criado o *podcast*. Neste mesmo ano, o *podcast* chegou ao Brasil, com o canal *Digital Minds*. Existem inúmeros canais de *podcast* disponíveis no Brasil, atualmente. Podemos acessá-los baixando um agregador ou até mesmo no Spotify (serviço de *streaming* de música, muito popular atualmente).

⁹ Assinar, neste contexto, assemelha-se ao “seguir” das redes sociais digitais.

¹⁰ <http://abpod.com.br/>

O ano de 2019 foi considerado o ano do *podcast* no Brasil, devido ao crescimento substancial dessa mídia em nosso país. O crescimento foi tão significativo que o *Spotify*, famoso serviço de *streaming* de áudio programou um evento para criadores de *podcast*, o *Spotify For Podcasters Summit*,¹¹ cuja primeira edição ocorreu em novembro de 2019, no Brasil. Segundo pesquisa realizada pelo próprio *Spotify*, o consumo de *podcast* no Brasil havia crescido 21% ao mês desde janeiro de 2018. Segundo reportagens¹², o evento foi realizado em São Paulo e reuniu mais de 700 *podcasters* em dois dias de palestras, mesas de debates e gravações de programas ao vivo. Toda a programação do evento está disponível no formato *podcast* no *Spotify*.

Os formatos de *podcasts* disponíveis atualmente são muito variados e abordam diversos temas, desde notícias, literatura e cinema, passando por temas polêmicos até questões bastante diversificadas como modos de vida, saúde, humor, maternidade e criação de filhos, entre outras. Alguns programas têm formato de entrevista, outros apenas apresentam conteúdos/temas e outros, ainda, se organizam como debates ou bate-papos. Existem canais que contam histórias (narração com sonoplastia) com formato semelhante ao das radionovelas, que foram muito populares na época de ouro do rádio (anos 1930 a 1950).

A Associação Brasileira de *Podcasters* tem um site, no qual é possível encontrar diversas informações sobre essa mídia, que está se popularizando mais e mais a cada dia. No site, há textos explicativos sobre o que é *podcast* e sobre sua disseminação no Brasil, bem como resultados das PodPesquisas, que nos fornecem indicações sobre o perfil dos ouvintes e produtores de *podcasts* em nosso país.

Por exemplo, a edição de 2019 da PodPesquisa¹³ foi realizada por meio de um questionário online. O questionário foi preenchido por 16.713 pessoas. Esse número foi consideravelmente menor do que o do ano anterior, que ultrapassou 23 mil respostas. No entanto, em 2019, a pesquisa dirigiu-se

¹¹ <https://spotifyforpodcasterssummit.com.br/>

¹² <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/11/podcast-cresce-21percent-no-brasil-e-spotify-investe-em-criadores-de-conteudo.ghtml>

¹³ Disponível em <http://abpod.com.br/podpesquisa-2019/>

exclusivamente aos ouvintes de *podcast*, enquanto nos anos anteriores, dirigia-se, também, aos produtores.

Entre os ouvintes que responderam à pesquisa em 2019, 27% são mulheres e 72% são homens. O público masculino ainda representa uma maioria significativa, embora o percentual de mulheres ouvintes tenha aumentado em relação a 2018, quando 16% eram mulheres e 84% eram homens. Considero relevante tecer um comentário a respeito dos canais de *podcast* mais populares, de acordo com a pesquisa. Em primeiro lugar, foi citado o canal *NerdCast*, em segundo lugar, o *Gugacast* e, em terceiro lugar, o canal *Mamilos*. Em um universo de centenas de canais, cujo público é 72% formado por homens, me parece muito pertinente chamar a atenção para o fato de que o terceiro canal mais ouvido é produzido e apresentado por mulheres. Apesar de não tratar apenas de temas femininos, boa parte dos assuntos abordados falam sobre o universo das mulheres.

A pesquisa traz informações sobre a faixa etária também, que gira em torno dos 28 anos. Outros aspectos como diversidade, orientação sexual, estado civil, escolaridade, renda, interesses e preferências, onde e como ouvem os programas e outros tópicos também foram levantados pela pesquisa.

Tais dados fornecem um rápido panorama do público geral de *podcasts*, aos quais são acrescentados motivos que levam esse público a procurar este artefato. Também é interessante comparar as diferentes edições da pesquisa, pelo registro de alguns dados anteriores: a primeira, realizada em 2008, contou com 436 respondentes; a segunda edição, de 2009, já contou com 2.487 respostas válidas. Na terceira edição, realizada em 2014, o número de participantes subiu para 16.197; e, em 2018, foram 22.993 os respondentes. Ou seja, é possível concluir que há um importante crescimento na aceitação desta mídia no país.

Em uma reportagem do site *Consumidor Moderno*¹⁴, foi feita uma análise sobre o crescimento mundial do *podcast* e também algumas previsões acerca do que se espera para 2020. Uma das análises trazidas pela reportagem é sobre o fato de o *podcast* ter se tornado um excelente meio para anunciantes. A reportagem traz seis tendências de *podcast* para 2020. São elas, *monetização*

¹⁴ <https://www.consumidormoderno.com.br/2020/01/02/principais-tendencias-de-podcast-2020/>

(o aprimoramento dos meios de promover o retorno financeiro para os produtores), *anúncios baseados em dados* (utilização de inteligência artificial para revelar o perfil dos ouvintes e, assim, direcionar propagandas), *apresentadoras mulheres* (tem-se acompanhado o crescimento de ouvintes e apresentadoras mulheres), *traduções* (tem aumentado a busca por *podcasts* e diversos países e a tradução de canais populares de língua inglesa para outros idiomas já é realidade), *investimento em qualidade* (pois percebeu-se que a qualidade do áudio interfere diretamente na preferência dos ouvintes por determinados canais) e *desafios* (a necessidade de superar todas as dificuldades citadas para que a mídia continue crescendo). Certamente, a inesperada pandemia alterou muito do que foi previsto para este campo. Em pesquisa posterior, no mesmo site de notícias, encontrei algumas reportagens sobre o artefato, nenhuma delas confirmando ou não essas previsões. Entre essas reportagens, chama atenção uma, de abril de 2020, que apresenta dicas de episódios com conteúdos sobre bem-estar para ouvir durante a quarentena. Outra, de outubro, fala sobre inovações que podem ocorrer no Spotify e, ainda naquele mês, o anúncio de uma plataforma brasileira que pretende concorrer com o Spotify.

Uma reportagem¹⁵, de agosto de 2019 do *Tilt* (canal sobre tecnologia do Uol), traz resultados de uma pesquisa do Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) sobre a mídia *podcast*. A pesquisa foi realizada em maio de 2019 e contou com a participação de dois mil internautas, com mais de 16 anos, representantes das classes A, B e C. De acordo com a pesquisa comentada pela reportagem, o *YouTube* é a plataforma mais usada para ouvir *podcasts* no país. A informação é inusitada, visto que esta plataforma é usualmente acessada para consumo audiovisual, e talvez seja um dos motivos para empresas, tal como o Spotify, investirem em publicidade, relacionando sua plataforma ao formato *podcast*. A reportagem traz, também, informações do próprio Spotify, que afirma que o consumo de *podcast* aumentou 250% de dezembro de 2017 para dezembro de 2018. Desde o início de 2019 esse consumo quase dobrou. O autor da reportagem, Rodrigo Trindade, afirma ainda que a facilidade de acesso promovida pelos telefones celulares é uma das causas da “renascença” do

¹⁵ <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/08/20/2019-e-o-ano-dos-podcasts-no-brasil.htm>

podcast, pois o formato é antigo (tem 16 anos) e já teve uma queda significativa em sua popularidade, há alguns anos.

Em outra reportagem¹⁶ do mesmo site, Trindade traz informações de uma pesquisa do *Deezer*, outra plataforma que oferece serviço de *streaming*, como o Spotify. Segundo esta pesquisa, o *Deezer* registrou um crescimento de 67% no consumo de *podcast* no Brasil (por meio de sua plataforma) só em 2019. Segundo a reportagem, a plataforma comparou, em sua pesquisa, o comportamento dos brasileiros com o comportamento dos ouvintes franceses e alemães e constatou que, no caso dos europeus, o crescimento foi menos expressivo, de cerca de 50%.

Após apresentar essas informações estatísticas, passo, a seguir, à discussão sobre a interação entre público e produtores de *podcast*.

3.2 A interação entre público e produtores de *podcast*

O conceito de pedagogia cultural pode ser visto operando de forma bastante clara nos processos de interação entre público e produtores de programas do *podcast*, como será possível verificar nas análises que serão apresentadas logo a seguir. Antes disso, no entanto, é importante esclarecer como ocorrem essas interações, sendo uma característica muito marcante dessa mídia a proximidade (não geográfica, por certo), que se estabelece entre público e produtores (*podcasters*), característica que decorre dessa mídia ter surgido já no meio digital e se desenvolvido em plena era das redes sociais.

Para caracterizar tal interação tem sido utilizado o conceito de *prosumer* (utilizado pela primeira vez por Alvi Tofler, em 1980, no seu livro *A terceira onda*), termo inglês que Marques & Vidigal (2018, p.4) indicam reunir as palavras *producer* (produtor) e *consumer* (consumidor) para designar o consumidor/produtor de conteúdo. No caso do *podcast*, o ouvinte não apenas escuta e compartilha os episódios do canal, como também os comenta por e-mail ou nas redes sociais. Seus comentários são lidos no ar¹⁷ e discutidos pelos *podcasters*

¹⁶ <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/10/21/impulsionado-por-streaming-consumo-de-podcast-cresce-67-no-brasil-em-2019.htm>

¹⁷ Mantenho aqui a expressão “no ar”, utilizada no meio radiofônico e na televisão, para indicar que os programas estavam sendo transmitidos para o público, embora no *podcast* e sistemática seja diferente, visto que os programas são disponibilizados online e assistidos pelos consumidores no momento que estes acharem mais conveniente. A escolha por manter

e seus convidados. Além disso, os ouvintes sugerem pautas, contribuem para os conteúdos dos programas e, algumas vezes, chegam mesmo a participar de algum episódio. Há, também, eventualmente, encontros entre o público e os *podcasters*, sendo esses agendados por meio das redes sociais. Aliás, muitos consumidores de *podcast* passaram a produzir seus próprios canais, inspirados por seus *podcasters* preferidos.

Nos blocos de leituras de e-mail, os comentários feitos pelos ouvintes são valorizados e, em alguns canais, recebem espaço de destaque no conteúdo. A participação ativa do público se dá, também, na divulgação dos canais de *podcast*, fato extremamente importante para a multiplicação do número de ouvintes e igualmente importante para a análise das aprendizagens que se dão nessa troca.

Podemos entender, então, que os produtores deste tipo de artefato atuam como líderes de opinião, apesar de esses não atingirem um número tão ampliado de públicos quanto as chamadas “mídias de massas”, pela influência que exercem em seus nichos. Muitos dos canais de *podcast* mantêm um site e perfis nas redes sociais, como *Twitter*, *Instagram* e *Facebook*, nos quais seus programas são divulgados e, onde, muitas vezes, também, são publicados textos, notícias e outros materiais relacionados com a temática central do canal. Como grande parte dos canais é independente, muitos produtores aproveitam essa interface online para venda de produtos, tais como camisetas, canecas e outros artigos para o público.

Além da venda de artigos variados para a arrecadação de fundos para a produção dos programas, há outras formas de buscar apoio financeiro, já que esses produtores, por serem independentes, geralmente não recebem nenhum pagamento por este trabalho, que é realizado, na maioria das vezes, em seu tempo livre, pois a maioria deles segue trabalhando em suas profissões anteriores, como jornalistas, professores, publicitários, engenheiros etc. Uma dessas formas de arrecadação de fundos é o *crowdfunding*, ou financiamento coletivo. Essa prática ocorre por meio de plataformas de financiamento digital

essa expressão deve-se ao fato de que, além de ser esta uma expressão amplamente conhecida pelo público em geral, autoexplicativa – eu diria -, é também utilizada por alguns *podcasters*.

como o Catarse¹⁸, por exemplo. Na plataforma, o produtor de conteúdo estabelece o valor que ele pretende atingir com as doações e cria recompensas (proporcionais às doações) para aqueles que contribuírem. E essas recompensas podem incluir desde o acesso aos grupos fechados de bate-papo com os produtores, ou o acesso online às gravações, até o direito a receber o episódio finalizado em primeira mão, entre outras. Assim que o valor estabelecido pelo produtor for atingido, encerra-se a campanha e ele recebe a quantia acumulada. Se o valor total não for atingido, todos os colaboradores recebem seu dinheiro de volta. Outro modo de financiamento coletivo é o Patreon¹⁹, criado em 2013, que, de modo diferente das outras plataformas da época, recebe dos ouvintes contribuições mensais, o que é ressaltado por seus produtores, que alegam ter assim maior segurança e estabilidade em função da entrada regular de dinheiro para custeá-los. Ressalto que a partir de 2019, o *Catarse* passou a trabalhar com um sistema semelhante ao do *Patreon*, assim como o brasileiro Apoia.se.²⁰

Essa interação entre público e produtores e a consequente divulgação do canal feita pelos ouvintes é alvo de diversos estudos que analisam como ocorrem as interações entre os produtores de mídia e seu público, estando entre os mais importantes, o conduzido por Jenkins, Ford e Green (2015), que ressaltam:

Quando os membros do público propagam esse conteúdo de uma comunidade para outra é porque têm interesse na propagação dessas mensagens. Eles estão adotando um material significativo para si em função de este ter valor dentro de suas redes sociais, além de facilitar as conversas que querem manter com seus amigos e familiares. (JENKINS; FORD; GREEN, 2015 e-book)

Dessa forma, constrói-se, entre os “membros” do público uma identidade que os une e que é favorecida pelo ciberespaço, e tal interação permite que as pessoas discutam sobre um tema e se identifiquem com novos grupos, tal como Freire (2015, p. 62) assinalou. O produtor de *podcast* aposta, então, nesse vínculo criado com o seu público para que o canal seja viável, sob o ponto de vista da interação e financeiro. “Assim, na identificação [entre público e produtor] se cria uma confiança construída, que pode ser utilizada também para o

¹⁸ <https://www.catarse.me/>

¹⁹ <https://www.patreon.com/>

²⁰ <https://apoia.se/>

oferecimento de bens de consumo”. (FREIRE G., 2015, p. 62). Como indicou Primo (2005, p.18) “esse relacionamento vai sendo “inventado” durante a interação. Em outras palavras, não se trata de transmissão de pacotes fechados, mas sim da criação do processo enquanto ele ocorre. ”

Jenkins; Ford; Green (2015) também discutem o comprometimento entre público e o produtor de conteúdo. Esses autores problematizam a relação entre empresas e público, salientando que as “empresas agem como se estivessem “concedendo” o poder de agência ao público, tornando a sua produção criativa significativa pela determinação de valor dentro da lógica da cultura de commodity” (JENKINS; FORD; GREEN, 2015, e-book). A discussão feita por Jenkins; Ford; Green (2015) é, assim, um pouco diferente da situação relatada sobre os produtos de alguns canais de *podcast*, pois, nesses produtos, há a participação do público por meio de contribuições intelectuais (com e-mails e mesmo participação na gravação dos programas), além das contribuições financeiras, sendo essas motivadas pelo interesse nas temáticas e voltadas ao intuito de colaborar com sua manutenção e crescimento do canal.

É possível dizer que a contribuição financeira, no caso dos canais de *podcast*, funciona de forma semelhante à da contribuição intelectual. Ambas mobilizam no público um sentimento de pertencimento que, ao menor deslize da empresa (ou do produtor de conteúdo, nesse caso), pode gerar desapontamentos e um conseqüente distanciamento, ou mesmo abandono, por parte do público. Como afirma Jenkins (2009), “Bem-vindo à cultura da convergência, onde as velhas e novas mídias colidem, onde a mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis. (JENKINS, 2009, p.29).

O canal Mamilos, foco central da minha análise, iniciou seus programas sem a colaboração financeira dos ouvintes²¹. Após a apresentação de alguns episódios, no entanto, os convites para a contribuição começaram a ser feitos em uma das plataformas de financiamento já mencionadas em troca de uma *newsletter* semanal. Nessa *newsletter*, notícias da semana são organizadas com

²¹ É importante destacar que o canal Mamilos já iniciou com o apoio do grupo B9, empresa que na época pertencia a Carlos Merigo, marido da apresentadora do Mamilos Juliana Wallauer, e apresentador do podcast Braincast, que já tinha uma certa popularidade com o público. Carlos Merigo inclusive participou dos primeiros episódios, a fim de dar apoio e suporte, tanto do ponto de vista técnico, como contribuindo com sua popularidade.

a curadoria da dupla Juliana Wallauer e Cris Bartis e de seus colaboradores. Ainda de acordo com Jenkins, “No mundo da convergência das mídias, toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplas plataformas de mídia” (JENKINS, 2009, p. 29).

Registro, também, que o grupo de colaboração do *podcast* Mamilos cresceu de forma impressionante nos pouco mais de cinco anos de atividade deste *podcast*. As duas *podcasters*²² contam com uma equipe de apoio à pauta, tendo sido muitos dos episódios transcritos voluntariamente pelos “melhores ouvintes”²³ (como são chamados os ouvintes do canal pelas produtoras). Essas atividades voluntárias chamam a atenção, pois confirmam a ideia de comunidade, que se estabelece a partir do investimento na criação de uma relação de confiança entre público e produtores, tal como está referido por Jenkins; Ford; Green (2015).

Com o passar dos anos, a rede de ouvintes do Mamilos foi crescendo e as colaborações em dinheiro passaram a ser mais substanciais. Em 2018, as apresentadoras solicitaram aos seus mais fiéis ouvintes que deixassem de contribuir em outras plataformas e migrassem para o Catarse, com o intuito de centralizar e melhor organizar as finanças de seu *podcast*. Elas fizeram uma campanha bastante intensa, explicitando a meta de arrecadação, dizendo qual valor seria necessário mensalmente para manter o programa no ar, o que incluiria alugar um local para sediá-lo, bem como a contratação de profissionais que, como elas ressaltaram, pudessem trabalhar de forma “digna” na produção e gerenciamento do *podcast*. Informaram, também, outro valor, maior, que, se fosse atingido, permitiria à dupla receber um salário mensal, que as desobrigaria de trabalharem em outras atividades. Essa prática é muito bem analisada por Jenkins, quando afirma que

Segundo a lógica da economia afetiva, o consumidor ideal é ativo, comprometido emocionalmente e parte de uma rede social. Ver o anúncio ou comprar o produto já não basta; a empresa convida o público para entrar na comunidade da marca.(JENKINS, 2009, p. 48-49).

²² Juliana Wallauer e Cris Bartis agora são sócias de Carlos Merigo na empresa B9.

²³ Durante um período, os episódios foram transcritos. É possível encontrar as transcrições no site do B9 no mesmo espaço em que são divulgados os episódios.

Em poucos meses, a meta mais alta, com salário para as *podcasters*, foi atingida com sucesso. Isso nos mostra, de certa forma, a ideia de economia afetiva atuando. A economia afetiva é uma nova teoria do marketing “que procura entender os fundamentos emocionais da tomada de decisão do consumidor como uma força motriz por trás das decisões de audiência e de compra.” (JENKINS, 2009, p. 98). Esses consumidores fiéis são os mais valiosos, de acordo com essa lógica. Nessa lógica os produtores devem ampliar, também, os pontos de contato com o consumidor e “a experiência não deve ser contida em uma única plataforma de mídia, mas deve estender-se ao maior número possível delas.” (JENKINS, 2009, p. 107)

Ainda assim, o canal Mamilos conta, a partir de 2019, com o patrocínio do Banco Bradesco. No episódio em que essa parceria foi anunciada, houve uma longa explicação sobre os motivos pelos quais essa empresa seria “digna”, por assim dizer, de patrocinar este canal de *podcast*. Um dos argumentos utilizados pela dupla para aceitar o apoio do Banco Bradesco refere-se a uma experiência anterior da *podcaster* Juliana Wallauer, que produzira, em parceria com o mesmo banco, outro canal de *podcast*, o *Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes*²⁴. As *podcasters* ressaltam, ainda, nesta justificativa, que, desde a parceria no *Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes*, o apoio à cultura tem sido evidenciado como qualidade importante do Banco Bradesco. No episódio em que os anúncios das conquistas financeiras foram feitos aos ouvintes, as apresentadoras trouxeram para a mesa o responsável pelo *marketing* do Banco Bradesco, Marcelo Salgado, que falou sobre a oportunidade do patrocínio, afirmando que o Banco também fica honrado com a parceria [e certamente com os lucros decorrentes dela], destacando que a missão do Banco, tal como a do Mamilos, é “construir pontes”²⁵.

É frequente que as empresas direcionem seu foco para instâncias tais como essa, visto que os laços afetivos e de confiança estabelecidos entre público e produtores de conteúdo podem ser muito úteis para a divulgação das marcas, “os anunciantes estão percebendo, cada vez mais, que é melhor investir seus

²⁴ Adaptado do podcast originalmente publicado em inglês, baseado em livro *História de Ninar para Garotas Rebeldes: 100 fábulas sobre mulheres extraordinárias*, de Elena Favilli e Francesca Cavallo.

²⁵ Em sua descrição nas redes e episódios de podcast, o canal Mamilos sempre afirma que o jornalismo é feito para construir pontes e não para provar pontos.

dólares em programas com mais chances de se tornarem favoritos [ou que já o sejam] do que em programas com mais audiência”. (JENKINS, 2009, p. 115). Nesta lógica, se o *podcaster* indicar um produto ao seu público, as chances de adesão por parte deste são grandes. “De certa forma, pode-se dizer que muitos *podcasters* humanizam essa relação de consumo: o ouvinte dá crédito ao que seu emissor indica e uma compra é feita partindo da paridade de opinião e na identificação”, (FREIRE G., 2015, p. 62). E, talvez, essas indicações, que até parecem não conterem uma intenção diretamente voltada a vendas, possam ser pensadas como uma das muitas estratégias de divulgação de produtos, tendo em vista que, na maioria das vezes, será feito um agradecimento público ao doador. E essa é, então, uma forma de fazer propaganda de modo quase “natural”, pela utilização de uma estratégia de venda, que corresponde a uma forma não explícita de fazê-lo, o que contrasta com a usual divulgação de produtos (em sua maioria culturais) no trecho final de grande parte dos canais de *podcasts*, o chamado bloco de indicações, que não parece, de fato, ter o intuito de marketing. No canal Tricô de Pais, por exemplo, esse bloco se chama *Dicas supimpas*; no canal Braincast, se chama *Qual é a boa?* e, no canal Mamilos, se chama *Farol aceso*. Nesses blocos, tanto os produtores como seus convidados dão dicas de livros, filmes, séries, espetáculos e outras manifestações culturais, muitas vezes relacionadas ao tema que foi discutido no episódio, para seus ouvintes.

É importante entender essa relação que se estabelece, tal como um “laço de confiança”, que parece ser fundamental para que o *podcast* opere como uma pedagogia cultural, como estou argumentando ao longo deste trabalho. Isso porque tem-se sobejamente indicado que, quando o público está vinculado emocionalmente aos produtores, seja de um site, seja de um outro produto midiático, quando o público se sente parte do projeto (nele contribuindo de diversas formas), as informações trazidas pelo produtor tendem a ter maior importância para esse público, pois já viriam com uma assinatura que esses reconhecem. “No fim, os produtores precisam dos fãs tanto quanto os fãs precisam deles.” (JENKINS, 2009, p. 234).

A partir desse entendimento, parto para a seção em que destaco outras pesquisas realizadas sobre esse artefato cultural.

3.3 O que já se pesquisou sobre *podcast* e educação

Ao definir um tema de pesquisa e ao começar a pensar nas questões que norteiam essa pesquisa, é importante fazer uma ampla varredura nos bancos e repositórios das universidades, em busca do que já foi estudado sobre a temática e mesmo em busca de trabalhos semelhantes, de forma a garantir a originalidade de nossa pesquisa.

Em todas as plataformas nas quais pesquisei, como o Repositório Capes ou o Lume, encontrei diversas pesquisas sobre *podcast*. No entanto, a maioria delas investiga o potencial pedagógico deste artefato dentro da escola ou na universidade, ou seja, essas buscam indicar como este pode ser útil em situações formais de ensino.

Em um primeiro momento, debruicei-me, em especial, sobre a tese de doutorado do Eugênio Paccelli Aguiar Freire (2013), *Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação*, defendida na UFRN no Programa de Pós-Graduação em Educação, em que o autor se propõe a analisar o cenário brasileiro de *podcasts* e seus quesitos educativos com o objetivo de amadurecer reflexões e esclarecimentos, bem como “proposições relativas às diversas apropriações educativas possíveis do *podcast*, de modo a tornar essa tecnologia, mais que uma possibilidade, instrumento de efetiva ampliação educacional.” (FREIRE, 2013a, p. 17).

Examinei, também, artigos em que este mesmo autor reorganiza seus estudos. Entre esses está o intitulado *Conceito educativo de podcast: um olhar para além do foco técnico* (FREIRE, 2013b) e, também, o artigo em que Freire pesquisou sobre como o *podcast* pode atuar *como ferramenta de educação inclusiva para deficientes visuais e auditivos*, nos quais o autor traz à tona, novamente, a funcionalidade educativa do *podcast*.

Em seu artigo *Podcast: novas vozes no diálogo educativo* (2013), Freire traz outra questão para o foco, se aproximando um pouco dos meus objetivos de pesquisa, embora o faça com outro embasamento teórico. Nesse artigo, o autor vê o *podcast* como uma possibilidade de evidenciar vozes normalmente caladas (que geralmente não são ouvidas pelas e nas chamadas “mídias de massa”). Pela liberdade da qual goza (não precisa de concessão pública, não tem horário

marcado para transmissão ao vivo, não depende (em geral) de patrocinadores), o *podcast* pode dar voz a esses sujeitos normalmente “calados” pela mídia. “Em vista disso, o uso do *podcast* como instrumento de ampliação de vozes direcionadas à veiculação de temáticas e posicionamentos usualmente ausentes na Escola [e fora dela] configura-se como imprescindível à Educação.” (FREIRE, 2013c, p. 120). O autor afirma, ainda, que “o uso descrito destina-se, na verdade, à ampliação de possibilidades, ao acréscimo de novas formas de descobrir a si através do outro”. (FREIRE, 2013c, p. 119)

Vali-me, também, da monografia de conclusão de curso da Faculdade de Comunicação da UnB, de Gabriel Ribeiro Freire, intitulada *Ideias sem fio: um panorama sobre podcasts no Brasil* (FREIRE G., 2015). Este estudo foi muito útil para entender a origem deste artefato e sua história no contexto nacional. Seguindo este mesmo propósito, consultei, também, o texto *Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio* (VICENTE, 2018), de Eduardo Vicente, e *O Podcast no Brasil e no mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais*, de Lúcio Luiz e Pablo de Assis (LUIZ; ASSIS, 2010). Outro autor consultado foi Alex Primo, que tem ampla produção relacionada ao *podcast* e à tecnologia. O estudo de Primo intitula-se *Para além da emissão sonora: as interações no podcasting* (PRIMO, 2005), no qual focaliza as interações entre público e produtores, artigo que foi utilizado para fornecer embasamento teórico para algumas das seções deste trabalho. Embora esse seja um trabalho mais antigo, o que pode ser particularmente problemático quando estamos falando em mídias e tecnologia, que são constantemente atualizadas, o referido estudo de Primo (2005) é frequentemente citado como referência importante em outro trabalhos, como no de Diana Pulga, que será mencionado a seguir.

Em 2019, curiosamente, dois trabalhos sobre o canal Mamilos foram publicados. Um deles é uma monografia, escrita por Diana Corti Pulga, um trabalho de conclusão do curso do Jornalismo, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O foco de Diana não tem base nos Estudos Culturais e na Educação, direciona-se ao aspecto jornalístico do canal. Já a dissertação de mestrado de Leonardo Costa Souza, defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo, na Linha de Pesquisa *Tecnologia, Organizações*

e *Poder*, se aproxima mais de algumas das minhas análises, tendo em vista que o autor se dedica à análise da *cultura do ouvir* e dos vínculos estabelecidos durante essa escuta. Leonardo Souza (2019), a partir da ideia de *cultura do ouvir*, destaca que “o som e sua capacidade de envolver, articular e tocar os corpos sugere-nos ampliar o leque da sensorialidade, considerar os sentidos além da visão – cuja hipertrofia determina um número expressivo de ambientes de comunicação.” (SOUZA, 2019, p. 12).

Após essa breve incursão em outras pesquisas realizadas sobre o *podcast*, discuto, a seguir, de que formas o *podcast* opera como uma pedagogia cultural.

3.4 O *podcast* colocando em operação a pedagogia cultural

Os artefatos culturais, como o *podcast*, não são meras manifestações culturais. Tal como alguns outros artefatos, esses são produtivos, colocam em ação práticas de representação, que inventam sentidos, e que, ao circularem nas arenas culturais, tornam-se implicadas com negociações nas quais hierarquias são estabelecidas, tal como COSTA; SILVEIRA; SOMMER (2006) indicaram. Diversos autores têm problematizando esse conceito, entre esses Camozzato, Carvalho e Andrade (2016). A crescente e variável demanda por novos saberes em ação em nosso cotidiano exige dos indivíduos a reconfiguração constante de suas identidades e de suas formas de atuar na sociedade e esses artefatos “têm uma pedagogia, ensinam e posicionam os sujeitos”. (ANDRADE, 2016, p. 28). Neste estudo, no entanto, não vou me ater à pedagogia do *podcast*, mas a como o Canal Mamilos atua pedagogicamente, pois nele a pedagogia se reconstrói e amplia seu campo de ação, ao atingir o maior número de indivíduos e pelo maior tempo possível. Disso decorre que “as formas de investir na produção de subjetividades desses sujeitos devem ser atualizadas” (CAMOZZATTO; CARVALHO; ANDRADE, 2016). As tecnologias têm sido importantes recursos para essa atualização e invoco novamente Camozzato, quando ela ressalta que

Com a ênfase nas tecnologias, o saber é diluído na massa informacional que circula na sociedade, sendo exteriorizado e, ao mesmo tempo, acessível e presente na vida das pessoas de variadas maneiras, operando em conjunto com artefatos culturais que tem contribuído para disseminar os

saberes socialmente mais legitimados.(CAMOZZATO, 2014, p. 579)

Como as reflexões de Camozzato e Costa (2013) registraram, o conceito de pedagogia é mutável e tem assumido conotações diversas em diferentes contextos históricos. No contexto atual, em que está em curso a transformação da sociedade de ensino em sociedade de aprendizagem, tal como registram Camozzato e Costa (2013), está ocorrendo uma série de transformações, que afetam a proliferação das pedagogias, bem como dos artefatos, que podem servir (e funcionar) como ferramentas pedagógicas dentro e fora das escolas. As autoras salientam que esse novo contexto propiciou uma condição cultural a que denominam “vontade de pedagogia”, expressão que já referi anteriormente, que as autoras articulam à vontade de governar e de produzir sujeitos. Ou seja, as Camozzato e Costa associam essa “vontade de pedagogia” ao conceito foucaultiano de governamentalidade, pois, como salientam, a pedagogia é a “operadora nos discursos que intentam nos constituir”. (CAMOZZATO; COSTA, 2013, p. 23)

Pode-se dizer, então, que os variados artefatos culturais que povoam as sociedades contemporâneas operam na constituição de identidades, ensinando os sujeitos a serem estudantes, trabalhadores, homens, mulheres, crianças, gays, professores, ativistas, e a assumirem tantos outros papéis que são delegados aos indivíduos em sociedade. E é dessa forma que se entende e se atribui a centralidade da cultura na “constituição da subjetividade, da própria identidade e da pessoa como um ator social”. (HALL, 1997, p. 24).

Os Estudos Culturais articulados à Educação e à Comunicação se propõem a estudar esses artefatos e “defendem que existe pedagogia, modos de ensinar e possibilidades de aprender nos mais diferentes artefatos culturais” (PARAÍSO, 2014, p. 26). E entre esses artefatos culturais estão o rádio, as propagandas, as revistas, jornais, livros músicas, a televisão, o *podcast* etc.

É possível dizer, então, que cada vez mais se estabelece uma importante conexão entre os produtos da comunicação e a educação, e que essa “hibridação entre Educação e Comunicação tem contribuído para uma significativa discussão sobre como funcionam as pedagogias, uma vez que é destacada a implicação de artefatos que compõem o que tem sido denominado

de cultura da mídia na formação de sujeitos hoje. ” (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 52)

Muitos estudos têm sido realizados acerca das articulações entre educação, cultura e comunicação, objetivando esses indicar como os sujeitos constroem suas identidades e assumem seus papéis na sociedade por meio das aprendizagens que se desenvolvem nessas articulações. E isso me remete a salientar, a partir de Hall (1997), que “a identidade emerge, não tanto de um centro interior, de um “eu verdadeiro e único”, mas do diálogo entre conceitos e definições que são *representados* para nós pelos discursos de uma cultura”. (HALL, 1997, p. 26, grifo do autor)

Por meio dos artefatos culturais, os indivíduos têm contato com diversos conceitos e ideias, bem como com identidades, com as quais vão, aos poucos, se identificando. Em outras palavras, “nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. ” (HALL, 1997, p. 26) O que lemos, o que ouvimos e assistimos é conteúdo em grande parte responsável pela nossa construção identitária, pelo nosso lugar no mundo, bem como pelos elos que passamos a construir nas comunidades nas quais nos inserimos.

Na articulação entre os Estudos Culturais e a Comunicação há um esforço para transitar nos chamados circuitos de cultura/ circuitos de comunicação, com o objetivo de analisar as etapas de um complexo processo, que envolve representações, consumo, regulações, identidades e produção. Ana Carolina Escosteguy (2007), com base nos estudos de Stuart Hall (2003), Richard Johnson (1999) e Martín-Barbero (2003), apresenta “um protocolo analítico que atende à integração dos diferentes elementos – produtores, textos e receptores – e momentos – produção, circulação e recepção/consumo” (ESCOSTEGUY, 2007, p. 117). Escosteguy compara as proposições analíticas dos autores supramencionados e salienta que as três “reivindicam um olhar integral da comunicação” (ESCOSTEGUY, 2007, p. 133) e afirma que se pode pensar em uma “conversão do circuito de cultura em circuito de comunicação [...] na medida em que ambos destacam o papel crucial da dimensão simbólica que está no centro da vida social.” (2007, p. 133) A autora destaca, ainda, que os “sentidos são produzidos em diversos momentos do circuito” (2007, p. 133) tal como Paul du Gay et al (1997) destacaram:

Em outras palavras, significados não são apenas “enviados” pelos produtores e “recebidos”, passivamente, pelos consumidores; pelo contrário, significados são ativamente produzidos no consumo, por meio do uso que cada pessoa faz desses produtos em sua vida diária. ”(GAY et al., 1997, p. 5, tradução minha, grifos do autor)

E tais estudos têm inspirado as análises conduzidas sobre os procedimentos pedagógicos em operação nos processos que ocorrem na interação dos sujeitos com os artefatos culturais.

Como já indiquei anteriormente, para conhecer as ações pedagógicas em ação no canal Mamilos do *podcast*, examinei conteúdos e estratégias em ação nos episódios colocados em circulação nesse artefato cultural. Concluo esta seção invocando, mais uma vez, Camozzato, Carvalho e Andrade (2016), quando salientam que:

Há, nesse sentido, muitos espaços e artefatos disponíveis para que as pedagogias funcionem e, com isso, possam propiciar que os sujeitos aprendam a se modificar e estabelecer relações consigo e com o mundo que os cerca. (CAMOZZATTO; CARVALHO; ANDRADE, 2016).

Passo, a seguir, a apresentar os caminhos metodológicos que trilhei para focalizar mais detidamente o canal de *podcast* Mamilos, que optei por examinar neste estudo.

3.5 A escolha do canal de *podcast* Mamilos

Saliento, que foi árdua a tarefa de escolher um dos canais de *podcast* para analisar, devido ao grande número de canais em operação, bem como em função desses abordarem temas variados, dentre os quais inúmeros despertavam meu interesse. Como disponho de um tempo limitado para a conclusão de minha dissertação de mestrado, um dos primeiros critérios de escolha que defini foi o número de episódios já publicados pelo *podcast*. Assim, pensei, inicialmente, em escolher um canal que se concentrasse em um único tema (ou pelo menos numa gama menor de temáticas), o que indicaria potencialmente um aprofundamento maior no assunto tratado. Outro critério foi a escolha de um canal não vinculado a jornais, revistas ou emissoras de rádio e TV, por entender que esse pudesse ser um espaço “mais independente”, que permitiria que seus produtores tivessem mais liberdade para definir temas e

discussões, em parceria com o seu público ouvinte. Por fim, em um primeiro momento, escolhi um canal que mantivesse um diálogo intenso com o seu público, pois essa característica me parecia fundamental para verificar, por meio das manifestações desse público, a pedagogia cultural operando.

Assim, inicialmente, interessei-me por analisar os episódios do canal de *podcast* intitulado Tricô de Pais. No entanto, conforme fui acompanhando os episódios e aprofundando minhas leituras, percebi que o meu interesse maior nesse canal advinha da temática “filhos”, que é tratada naquele *podcast* e que está baseada em experiências empíricas relatadas com bom humor e informalidade. Registro que eu acessava inicialmente esse canal em momentos de descontração, como um passatempo. Então, ao tentar aprofundar minhas reflexões, me senti um “peixe fora d’água”, para levar as discussões adiante, tendo em vista que os temas abordados eram sempre marcadamente masculinos e focalizados sob o ponto de vista da paternidade, embora muitas mulheres ouvintes contribuíssem para a discussão com suas mensagens. Ao mesmo tempo, mesmo antes de começar a ouvir o canal Tricô de Pais, eu já era ouvinte do canal Mamilos, apresentado por duas mulheres. Dei-me conta de que esse canal fora um dos principais responsáveis pelo meu interesse neste tipo de mídia, tendo sido esse um dos motivos que me levou a considerar a possibilidade de tomá-lo como foco de meu estudo.

Inicialmente considerei que, como esse canal aborda temas variados e já tem mais de 270 episódios gravados, pareceu-me impossível encará-lo como “material de pesquisa”. Mesmo assim, resolvi optar por estudá-lo, pensando na possibilidade de extrair algumas questões que poderia definir ao longo das análises; ou seja, faria o meu recorte de interesse dentro do material disponibilizado ali.

Para fazer esse recorte, criei um primeiro filtro, a partir do qual, separei apenas os episódios que tratassem de temas femininos. A partir desse recorte, classifiquei os programas sobre o universo feminino em algumas categorias, como violência contra a mulher, profissão, maternidade e outros. Focalizei, então, a categoria maternidade, que tinha um número considerável de episódios e que me chamava atenção especialmente pela minha condição de mãe.

Na ocasião da qualificação do projeto de dissertação, em agosto de 2019, havia 15 episódios dedicados à maternidade, alguns nos quais este era um dos

diversos temas abordados e outros em que o programa todo era dedicado às mães. De lá para cá, cinco outros episódios direcionaram o debate para temas familiares e que envolvem a parentalidade, Mas nenhum deles dedicou-se exclusivamente (ou preferencialmente) à maternidade.

Como os episódios desse canal são longos, com cerca de uma hora e meia de duração, ainda seria necessário restringir um pouco mais o número de episódios a serem analisados, uma vez que o tempo para a realização da pesquisa é limitado. A partir daí, fui estabelecendo novos critérios para selecionar os episódios que analisei. Alguns desses 15 episódios foram logo descartados da lista. O primeiro filtro aplicado foi o destaque dado pelas apresentadoras ao tema. Nos primeiros anos do *podcast* Mamilos, a proposta do programa era discutir os temas polêmicos da semana, então cada episódio trazia muitos assuntos, discutindo cada um deles de forma um pouco mais superficial. Alguns desses, no entanto, tinham uma parte mais importante, chamada pelas apresentadoras de “Teta”. Quando a Teta estava relacionada à maternidade, ela foi mantida em minha lista. Se o assunto maternidade fosse periférico no programa, era descartado. Essa escolha também foi embasada pelo fato de que os comentários do público normalmente se fixam nesse tema central do programa. Como meu foco também foi lançado com muita atenção para essas trocas entre público e produtoras, esse foi um critério importante para a seleção. Alguns programas também tratavam da maternidade de forma indireta, voltando os olhares para o pai (paternidade) ou para os filhos (crianças). Esse foi outro critério decisivo na seleção: direcionei meu olhar para episódios que contemplassem a mulher-mãe. Assim, foram selecionados, inicialmente, cinco episódios para a análise. Após focalizar os episódios selecionados, percebi que eles perpassavam por todas as fases da maternidade: gravidez, parto, puerpério, maternidade de fato e retorno ao trabalho. Pensando nisso, organizei os programas na lista abaixo de forma que respeitassem essa ordem, e não a cronológica (de publicação).

Gestação

Episódio 23 – Mães sem Doriana – nesse episódio, que também trata brevemente de outros temas, as apresentadoras e suas convidadas falam sobre a maternidade de forma despretensiosa. Como elas mesmas anunciam, é uma “conversa de comadre”. Falam sobre as expectativas e frustrações da

maternidade. Esse episódio traz questões de forma leve, sem aprofundar muito a discussão. Por falar dos clichês e da maternidade idealizada, fiz um paralelo com a gravidez, momento de grandes expectativas, em que a mãe ainda está sonhando com a sua nova condição.

Parto

Episódio 11 – Parto – Esse episódio também aborda outros temas de forma periférica, mas o parto é o assunto central. O tema é discutido com profundidade, com o auxílio de profissionais da área da saúde e do direito, além de provocar discussões importantes para as mulheres parturientes.

Puerpério

Episódio 190 – Depois do parto – Histórias e reflexões – Esse episódio aborda exclusivamente o puerpério, com todos os seus desdobramentos, sofrimentos e alegrias.

Maternidade de fato

Episódio 147 – Mães e Tabus – Esse episódio fala do dia-a-dia da maternidade, com seus desafios, culpas, conquistas e lutas. Já não trata mais das dificuldades do puerpério e da mãe aprendendo a exercer seu papel, mas das lutas diárias das mães, da desconstrução de modelos ultrapassados, da construção de novos caminhos.

Além da maternidade

Episódio 196 – Maternidade e carreira – Esse episódio aborda as dificuldades e os desafios da mulher-mãe ao escolher manter sua carreira paralelamente à maternidade.

Com a chegada do ano de 2020 e, logo no seu início, as surpresas de uma pandemia e da consequente quarentena, muitas novas discussões surgiram nos programas do canal. Em abril desse ano, foi publicado o episódio *Crianças e quarentena* que, apesar de não ter nenhuma referência direta às mães em seu título, traz muitos questionamentos e reflexões sobre o papel da mulher-mãe na sociedade, além de abordar o aumento da sobrecarga dessas mulheres nessa situação. Considerei importante inserir, então, este programa à minha lista, uma vez que não podemos ignorar os impactos que este momento tão atípico gera em todos nós, especialmente às mulheres-mães.

Depois de definidos os seis episódios, parti para a análise de cada um deles. Preliminarmente, construí uma tabela com informações básicas de cada

um: data, título, tema central, convidados e repercussão. Em seguida, me dediquei a uma nova escuta de cada um dos episódios, registrando os principais tópicos abordados. Em outra audição, selecionei os trechos a serem analisados e os transcrevi. Além da transcrição, também editei o áudio selecionando esses trechos e salvando em separado. Considero importante essa etapa do processo, uma vez que o tom da fala, as reações dos interlocutores e o ambiente sonoro em que a conversa se desenvolve não ficam registrados em uma transcrição, embora sejam de extrema importância para a análise do que foi dito. De acordo com Souza (2019), “Os processos dialógicos do ambiente sonoro em *Mamilos* são caracterizados especialmente pela psicoafetividade e pela alteridade. E, ao procurar fazê-lo, [...] assume seu potencial vinculador mais associado ao verbo agregar.” (SOUZA, 2019, p. 41). Por isso, indiquei, em cada citação, o ponto exato em que o excerto ocorre, com minutos e segundos, possibilitando que os leitores deste estudo possam consultar a fonte sonora rapidamente sempre que desejarem. Essa transcrição e edição dos áudios também foi realizada no programa seguinte àqueles selecionados, pois estes continham as leituras dos comentários feitos pelos ouvintes, com exceção do episódio *Mães e Tabus*, que não teve nenhum comentário lido no programa subsequente. Todos esses dados foram compilados em uma tabela, na qual é possível ter uma visão panorâmica das discussões. A partir daí, fui realizando as análises, respaldada pelo arcabouço teórico que ampara este estudo.

Feitas essas considerações acerca dos caminhos metodológicos, parto para a apresentação do canal *Mamilos*, foco deste estudo.

Esclareço que *Mamilos* é um canal de *podcast* que faz parte da plataforma B9 (Brainstorm 9²⁶), que produz conteúdos de comunicação, cultura e mídia. Como já informei anteriormente, *Mamilos* é produzido e apresentado por Juliana Wallauer e Cris Bartis, ambas publicitárias, e foi ao ar pela primeira vez em 14 de novembro de 2014. Na PodPesquisa de 2018, o canal *Mamilos* figura entre os mais ouvidos, estando em terceiro lugar, com 13,3% dos respondentes e se mantém nessa posição na pesquisa de 2019. Considero essa informação bastante relevante pois, como já afirmei anteriormente, a mesma pesquisa identificou que a maioria dos ouvintes de *podcast* são homens, enquanto apenas

²⁶ <https://www.b9.com.br/>

cerca de 27% são mulheres. No site, o canal Mamilos, se auto-define como fazendo um “jornalismo de peito aberto”.

No episódio de comemoração ao primeiro ano da existência projeto (episódio 47), Juliana Wallauer expõe o modelo de programa que ela e Cris Bartis projetaram, tal como se pode ver na transcrição apresentada a seguir:

O Mamilos é um *podcast* criado para discutir os temas polêmicos da semana com inteligência, bom humor, empatia e respeito. Então a nossa ideia com *podcast* foi criar um espaço de encontro para unir pessoas com pontos de vista muito diferentes, para que elas se escutassem e conseguissem entender o ponto de vista do outro. Entendeu? Então, a nossa ideia não é um debate, não é para alguém ganhar, é um lugar para gente conseguir entender por que será que aquele meu amigo que é tão legal pode votar num partido tão corrupto. E por que será que aquele meu amigo que é tão bacana, pode ser contra a ciclo faixa. (MAMILOS, 2015)

Esse propósito de proporcionar uma conversa franca e acolhedora, com empatia e respeito, é analisado por Souza (2019), que afirma:

[...] é possível dizer que o lugar de encontro promovido por *Mamilos* está apto a envolver os corpos que se dispõem a escutar o conteúdo do programa, a compartilhar do mesmo espaço das apresentadoras e dos convidados, por meio do som, num movimento de escuta atenta. Considerada a tridimensionalidade e a tatilidade sonora, [...] pode-se intuir que, potencialmente, *Mamilos* conversa, atinge, toca o outro, reverbera nele. Constrói um ambiente sonoro, potencialmente, vinculador.

A análise de Souza (2019) nos indica a importância do vínculo que Jenkins (2009) chama de economia afetiva, fundamental na cultura da convergência. Por meio de um ambiente sonoro acolhedor e convidativo, as apresentadoras conquistam a afetividade dos ouvintes, que se engajarão, portanto, nesta rede. Esse enredamento é importante e, para garanti-lo, além da acolhida em cada episódio, os ouvintes são chamados a participar também por meio das redes sociais, por e-mail, enviando dúvidas e comentários. Estabelecem-se, assim, os requisitos da cultura da convergência que permite, a partir de suas conexões que a pedagogia cultural opere, “ensinando” diversos temas ao público.

Embora o nome do canal tenha como referência o meme “mamilos são polêmicos”, é inevitável fazer a relação deste nome com o universo feminino, uma vez que as produtoras e apresentadoras são mulheres. Mesmo que elas

tratem de assuntos polêmicos muito diversificados e não necessariamente do universo feminino, elas sempre o fazem do ponto de vista da mulher.

A ideia de como eu poderia selecionar alguns dentre os quase 300 episódios do canal Mamilos para o meu estudo não surgiu imediatamente, mas se organizou a partir das leituras que fiz nesse período de organização do projeto que deu origem a esta Dissertação. Ao me debruçar sobre o livro de Manuel Castells (2018) intitulado *O Poder da Identidade*, mais especificamente no capítulo no qual o autor focaliza e discute o fim do patriarcalismo, percebi que poderia ser muito produtivo abordar o tema do ponto de vista feminino. Sinto-me amparada, também, pelo pensamento de Stuart Hall (1997), que traz reflexões importantes sobre a centralidade da cultura e os sujeitos que a produzem e que por ela são produzidos. Vivemos em uma sociedade sabidamente patriarcal e machista, na qual é necessário (vital, eu diria) direcionar o olhar para as questões de gênero. Estudar os artefatos culturais e a forma como eles operam, constituindo os sujeitos de nossa sociedade parece ser uma chave importante para pensarmos e problematizarmos essas questões.

Sobre as reflexões de Hall (1997), Costa, Silveira e Sommer afirmam que

(...) na ótica dos EC as sociedades capitalistas são lugares de desigualdade no que se refere a etnia, sexo, gerações e classes, sendo a cultura o *locus* central em que são estabelecidas e contestadas tais distinções. É na esfera cultural que se dá a luta pela significação, na qual os grupos subordinados procuram fazer frente à imposição de significados que sustentam os interesses dos grupos mais poderosos. Nesse sentido, os textos culturais são o próprio local onde o significado é negociado e fixado. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2006, p. 38)

Esse “jogo de poderes” em que sujeitos subordinados procuram seu lugar frente aos usualmente pensados como dominantes, é oportuno focalizar questões sobre o feminino, implicadas, por exemplo, sobre os significados atribuídos ao “ser mulher”. Assumo a compreensão de que os papéis que as mulheres ocupam na sociedade e a forma como são aceitas (ou não) em determinados espaços são construídos culturalmente. Cabe aos sujeitos lutar pela transformação de padrões que estão cristalizados, mas que podem ser burilados. De acordo com as reflexões do autor sobre a centralidade da cultura, ao adotar determinada posição de sujeito, os indivíduos tornam-se,

efetivamente, esse tipo de sujeito, produzem-se desta forma, portanto. (HALL, 1997).

Assim, vão se constituindo as identidades dos indivíduos e, falar sobre constituição de identidades é algo complexo, pois “os sujeitos se constituem de múltiplas e distintas identidades (de gênero, de raça, etnia, sexualidade, etc.), na medida em que são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais.” (LOURO, 2007, p. 240) e isso envolve muitas variáveis. E essas “várias identidades de um sujeito podem lhe cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias”. (LOURO, 2007, p. 240). O feminismo interseccional é um exemplo dessa complexidade, uma vez que, mesmo na categoria das mulheres (que por muito tempo e ainda hoje é entendida por muitas pessoas como algo único e estanque) é múltipla e composta de infinitas nuances. Para melhor explicar o que ocorre nesta seara, valho-me das palavras de Judith Butler (2017):

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2017, p. 21, grifos da autora)

Indico, ainda, a partir de Castells (2018), que a construção de identidades ocorre de forma coletiva e em contextos marcados por relações de poder. O autor propõe uma distinção entre três formas de construção de identidades: identidade legitimadora, identidade de resistência e identidade de projeto. De forma sucinta, a identidade legitimadora seria aquela “introduzida pelas instituições dominantes”, que já estão estabelecidas e construídas quase que como modelos únicos, negando tudo o que divergia deles, sendo praticamente impostas à sociedade (a família tradicional, casais heteronormativos, etc.). Já as identidades de resistência são criadas por sujeitos que ocupam posições desvalorizadas na sociedade hegemônica (gays, negros, mulheres, etc.). Quando esses sujeitos utilizam os materiais culturais que estão ao seu alcance para construir uma nova identidade a fim de lutar e se estabelecer na sociedade, como é o caso do feminismo, eles estão criando uma identidade de projeto, que

“consiste em um projeto de uma vida diferente, talvez com base em uma identidade oprimida, porém expandindo-se no sentido da transformação da sociedade” (CASTELLS, 2018, p. 58).

Essas disputas de poder que ocorrem no processo de construção das identidades perpassam vários aspectos da vida em sociedade, como afirma a socióloga argentina feminista María Lugones (2020), que explica as diferenças de condição vivenciadas pelas diferentes categorias de mulheres:

Como já indiquei, a autodenominação mulheres de cor não é equivalente aos termos raciais impostos pelo Estado racista, e sim proposta em grande tensão com eles. Ainda que na modernidade eurocêntrica capitalista sejamos todos/as racializados/as e um gênero nos seja atribuído, nem todos/as somos dominados/as ou vitimizados/as por esse processo. O processo é binário, dicotômico e hierárquico. Kimberlé Crenshaw, eu e outras mulheres de cor feministas argumentamos que as categorias são entendidas como homogêneas e que elas selecionam um dominante, em seu grupo, como norma; dessa maneira, “mulher” seleciona como norma as fêmeas burguesas brancas heterossexuais, “homem” seleciona os machos burgueses brancos heterossexuais, “negro” seleciona os machos heterossexuais negros, e assim sucessivamente. (LUGONES, 2020, p. 66)

Vejo o artefato cultural *podcast* como uma dessas ferramentas (ou materiais culturais, tal como citado por Castells) utilizadas pelos indivíduos para a construção das identidades, nesse caso específico, identidades de mulheres na contemporaneidade. Todas essas disputas e os tensionamentos inerentes às construções de identidades na sociedade podem se dar, atualmente, por meios digitais, visto que nossa sociedade está conectada às redes. Forechi (2018) dedicou-se a este tema em sua tese de doutorado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e afirma que vivemos hoje a “transferência da experiência do corpo individual dos sujeitos para a experiência da conexão, da participação e da presença em múltiplos lugares simultaneamente”. (FORECHI, 2018, p. 29). Ela entende que essas relações “vividas nas redes sociais digitais expõem mais desafios e perguntas do que respostas e apontam para produções de novos modos de ser sujeitos e produzir identidades.” (FORECHI, 2018, p. 29).

Antes de avançar, considero importante apresentar brevemente a estrutura dos programas, visto que esta será mencionada em diversas seções desta Dissertação.

3.6. A estrutura dos programas

O canal de *podcast* Mamilos, em suas primeiras edições, propunha-se a debater pautas polêmicas surgidas a cada semana e que dominavam as conversas e debates no momento. Nas primeiras temporadas, os programas tinham, portanto, diversos temas, o que já ficava evidente nos títulos dos episódios. Com o passar do tempo, no entanto, os episódios foram se transformando e alguns quadros foram criados, dando ao programa um formato mais definido e organizado. Os temas polêmicos continuavam sendo tratados brevemente, no início de cada episódio e, depois, as apresentadoras dedicavam-se à *Teta*, a metafórica denominação atribuída à temática definida como central (e organizadora) de cada episódio. Após uma série de transformações, os temas periféricos foram sendo eliminados e os episódios passaram a focalizar e a discutir um único tema. A organização dos episódios e o formato que esses assumem tem se mostrado bastante variável. A cada temporada, são inseridas novidades e novas partes a cada programa.

Geralmente, o programa inicia com uma saudação aos ouvintes, que é seguida pela divulgação dos patrocinadores. Mais recentemente, as produtoras tem inserido participações gravadas, chamadas de “colunas”, em que alguns convidados apresentam projetos, falam sobre algum tema, etc. Com duração reduzida, essa parte inicial logo dá lugar ao tema principal e, imediatamente após, inicia-se a *Teta*, com a apresentação dos convidados, que têm continuidade com um debate, que dura cerca de uma hora e meia. Depois da *Teta*, tem início o quadro *Farol Aceso*²⁷, no qual as apresentadoras e os convidados “dão dicas” de filmes, livros, peças de teatro, etc. para o público, relacionados, ou não, à temática do episódio. Na sequência, as apresentadoras anunciam o quadro *Beijo para*, momento em que ambas mencionam os fãs que as encontraram em eventos, palestras e em outras situações durante a semana. O quadro *Fala que eu te escuto* encerra o Programa, com leituras dos comentários de ouvintes, feitos por e-mail e pelas redes sociais.

Como já foi mencionado, essa estrutura não é fixa e sofreu algumas variações ao longo do tempo. Durante algumas temporadas, algumas inserções

²⁷ Nos episódios mais recentes de 2020, esse quadro foi eliminado. Em algumas ocasiões, os convidados e as próprias apresentadoras dão sugestões de livros ou filmes já durante o debate, de forma contextualizada.

musicais eram intercaladas às discussões, assim como outros quadros ou apenas nomes diferentes para os mesmos quadros. Atribuo essas transformações ao diálogo constante com o público, pois a *estrutura aberta* conforme entendida por Martín-Barbero (1997), resulta nessas transformações ao longo do tempo. A partir do diálogo estabelecido e das trocas realizadas por e-mail e nas redes sociais, é possível que a produção do programa vá entendendo as demandas do público, percebendo quais quadros do programa têm, de fato, a audiência desejada e quais poderiam ser descartados.

É importante salientar que, independentemente do formato do programa, o quadro *Fala que eu te escuto* sempre foi mantido, por vezes trocando de “lugar” na narrativa ou sendo chamado de outra forma, mas a contribuição dos ouvintes já foi colocada em destaque desde o segundo episódio. Muito eventualmente, ocorrem programas em que os relatos de ouvintes não são lidos, como ocorreu no episódio seguinte ao 147, que falava sobre mães e tabus. Não houve nenhuma explicação por parte das apresentadoras sobre o motivo da ausência de comentários.

No capítulo seguinte, farei uma breve incursão à história da maternidade, com o intuito de proporcionar aos leitores e avaliadores um panorama do arcabouço teórico que utilizei para analisar as questões sobre esse tema.

4 FAROL ACESO: A maternidade

O foco deste estudo está voltado para o conceito de pedagogia cultural e de como ele opera no artefato cultural chamado *podcast*. No entanto, como os episódios selecionados para a análise giram em torno da maternidade, é necessário aprofundar a discussão sobre esse tema, para melhor embasamento da análise.

À maternidade foram reservados diversos papéis ao longo da história da humanidade. Na Antiguidade, período em que a posição geral era natalista, ter filhos era sinônimo de relativa “imortalidade”, já que a linhagem da família era mantida por meio dos filhos. Além disso, muitos filhos permitiam a vida em comunidade, companhia na velhice, bem como garantia cuidados aos pais idosos.

Para Aristóteles, a mulher era um ser inferior e, conseqüentemente, também era menor o seu papel na concepção. “Semelhante à terra que precisa ser semeada, seu único mérito é ser um bom ventre.” (BADINTER, 1985, p. 31)

Do ponto de vista psicológico, a maternidade é “uma vivência inscrita numa dinâmica sócio-histórica. Envolve prestação de cuidados, envolvimento afectivo ... em medidas variáveis.” (CORREIA, 1998, p. 366). O ser mulher era atrelado à maternidade de forma automática. Esperava-se (espera-se?) que uma mulher casasse e tivesse filhos, nada além disso.

Na Idade Média, havia a ideia de procriação para Deus. Constituir família era a alternativa ao celibato da vida religiosa. A infertilidade era entendida como um castigo. Não se conhecia completamente o funcionamento do organismo da gestante e da concepção. “Acreditava-se que a mulher era o “vaso” que recebia a semente do homem, que engendrava a futura criança inteira, sendo a mãe apenas o receptáculo que preparava o pequeno corpo para o nascimento”. (SANTOS-SILVA, 2016, p.2). A ideia da mulher como vaso, nos remete a Aristóteles e à sua teoria, de que a menstruação era a matéria à qual o esperma dava forma (BADINTER, 1985, p. 31). A ideia da mulher subalterna ao marido seguia vigorando, já que ele dava vida aos materiais corpóreos que a mulher carregaria apenas.

Nesse período, não havia valorização da maternidade como hoje conhecemos, pois era o poder paterno que imperava, ainda que mesmo hoje

seja essa uma valorização por vezes bastante idealizada e *fetichizada*, que serve a vários segmentos sociais econômica e emocionalmente. Mas, de fato, naqueles tempos pregressos, o homem era o elemento superior e sobrepunha-se à mulher e à criança, cujas posições equiparavam-se, provavelmente como setores dependentes do grupo composto por sujeitos masculinos e adultos. Na Idade Média, de acordo com Ariés (1981), as crianças viviam por pouco tempo com suas famílias, pois, por volta dos 10 anos, eram entregues a outras famílias como aprendizes. Nesse período, além desse aparente “desapego” da família para com os seus filhos, também era comum a mortalidade infantil. Além das mortes “naturais”, causadas por doenças e pelas condições de vida, eram relativamente comuns os infanticídios, praticados, inclusive, como controle de natalidade em situações de miséria, por ser menos arriscado à vida da mãe do que o aborto. Segundo Badinter (1985), a alarmante taxa de mortalidade infantil (que atingia 25% nas crianças de até um mês) na França, decorrente das sucessivas entregas de bebês às amas de leite, não é nada além de um infanticídio disfarçado. “O mínimo que se pode dizer é que não se procurou realmente saber o que acontecia com todas as crianças.” (BADINTER, 1985, p. 141).

Por quase dois séculos, temos registros massivos de crianças entregues às amas de leite assim que nasciam. No século XVII, pedagogos recomendavam frieza dos pais para com os filhos, “lembrando-lhes incessantemente sua malignidade natural, que seria um pecado alimentar [amamentação voluptuosa]” (BADINTER, 1985, p. 56). Mulheres da aristocracia traziam amas de leite para alimentarem seus filhos em casa ou enviavam seus bebês para amas de leite mercenárias, que ficavam com essas crianças por vários anos, muitas vezes sem que os pais as procurassem para ter notícias dos filhos. Não queriam esse “estorvo” e delegavam as obrigações de mãe a outras mulheres, pagando por isso. Já as mulheres mais pobres, a partir do momento em que o público feminino adentrou o mundo do trabalho, tinham que recorrer às amas para poder trabalhar, pois seu salário era fundamental para compor a renda familiar. Muitas amas de leite acabavam trabalhando também, o que resultava em crianças mal alimentadas, doentes e, muitas vezes, mortas, pois eram deixadas sozinhas em casa o dia todo, até o retorno da ama. Se as crianças eram entregues ao nascer às amas de leite, de cuja residência, quando sobreviviam, voltavam por volta dos

5 ou 7 anos e, a partir dos 10 anos, eram enviadas a outras famílias como aprendizes, a relação delas com seus pais era, no mínimo, distante.

Talvez seja interessante estabelecer um paralelo entre aquele período e a maternidade exercida hoje em dia, em que muitas crianças, apesar de não entregues a amas de leite, são terceirizadas, muitas vezes por 12 horas diárias, a partir dos 4 meses de idade. Tenho clareza da imensurável diferença entre os cenários, uma vez que, atualmente, na maioria das vezes, as crianças são cercadas de todo tipo de cuidados, são vistas como crianças e, em geral, muito desejadas, além de voltarem para o seio familiar todas as noites.

Levou tempo para que a transformação desse cenário acontecesse, por vários interesses e não sem esforços do estado e do mercado, que começaram a ver no cuidado materno a chance de aumento populacional. Se antes Jesus salvava os pecadores, agora a criança salva a humanidade. Já a partir do século XVII começam a acontecer algumas transformações. Articulado a interesses econômicos e do estado, a quem interessava a sobrevivência e a saúde das crianças, começa-se a investir no discurso do amor materno, que, a partir de 1760, passa a ser exaltado como “um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade, incentivando a mulher a assumir diretamente os cuidados com a prole.” (MOURA e ARAÚJO, 2004, p. 46). Nas camadas mais pobres, no entanto, esses laços afetivos não eram estimulados. Em vez deles, criaram-se estratégias de filantropia, que visavam a reduzir os custos de reprodução e conseqüente controle dessas famílias no que dizia respeito à natalidade.

O parto é outro aspecto da maternidade que merece especial atenção. Existem, ainda, muitos tabus relacionados ao momento do parto. Em algumas culturas, o parto é tratado como algo natural e fisiológico. Na Bíblia, e, portanto, pelas origens judaico-cristãs, é tratado como castigo divino aplicado à Eva. Muitas culturas relacionam o parto com a dor e com uma estreita relação com a morte. Até o século XVII, o parto era assunto exclusivo de mulheres. A parturiente era atendida pela mãe, irmãs, cunhadas e parteiras. Os homens eram, via de regra, excluídos do parto. Só mais tarde, já no final do século XVII, surge o médico obstetra, que confere aos homens o direito de participar dos nascimentos. Subitamente, esses viram referência e autoridade no assunto

(especialistas). Nessa época, também, começa a se pensar na cesariana como um procedimento viável para manter a mãe viva.

A partir do século XVIII a criança passa a se transformar em prioridade para a atenção da mãe. Esse fato tem como consequência a ampliação de responsabilidades maternas, seguida de maior “valorização da mulher-mãe, a “rainha do lar”, dotada de poder e respeitabilidade desde que não transcendesse o domínio doméstico”. (MOURA e ARAÚJO, 2004, p. 47. Grifos das autoras). Mary Del Priore também analisa esse poder feminino resultante da gestação:

Para as mulheres, a gravidez era um impressionante estado de poder. Se por um lado ela reproduzia a maldição lançada sobre Eva – dar à luz em sofrimento – por outro, tornava-se, como mãe, sinônimo de abundância e riqueza. Ela dava os frutos da vida, fonte de uma linhagem, e ainda mais importante: a gravidez permitia romper com a dependência do homem, este excluído do processo de gestação. (DEL PRIORE, 2013 E-book)

Essa posição de rainha, a valorização e exclusividade nas tarefas maternas proporcionavam à mulher um grau de poder que ela ainda não havia vivenciado. Ao mesmo tempo, merecer esse poder demandava algum sacrifício, visto que a gestação, a amamentação (antes delegada a amas de leite) e os cuidados com a criança significavam confinamento e limitação. O não desejo de manter-se nessa realidade ou a infelicidade ao assumir este papel significava anormalidade. Gerava culpa, portanto.

Além disso, esse poder atribuído à mãe marcou o declínio do papel paterno (que antes exercia o poder sobre a mulher e as crianças). No entanto, à mulher não era permitido reinar sozinha. Nas camadas mais pobres, quem assumia a função era o Estado, por meio de suas instituições. Nas camadas mais abastadas, o especialista (primeiro o médico, depois os enfermeiros, psicólogos, psiquiatras) assumiam esse papel em parceria com a mãe.

Em outras culturas que não a ocidental, a gestação pode ser considerada a consumação do casamento ou pode ter um quê de sagrado. Em algumas comunidades indígenas, se acredita que a grávida possua virtudes mágicas. Em nossa cultura comumente esses rituais não estão atrelados à maternidade, mas como afirma Correia (1998), “a grávida torna-se “doente” e necessitada de cuidados médicos como alguém com problemas de saúde. ” Segundo a autora, esse tratamento recebido por parte da gestante a deixa insegura “quanto à sua

capacidade de prosseguir uma gravidez e dar à luz sem intervenção médica. ” (CORREIA, 1998, p. 367.)

De acordo com Moura e Araújo (2004), essa parceria mãe-especialista, somada ao distanciamento gradual entre os membros das comunidades, que se instaurou nas cidades com o passar do tempo, resultou num isolamento da família nuclear e, conseqüentemente, em maior dependência em relação ao especialista. Já não se podia contar com a presença e sabedoria de outras mulheres experientes, que passaram a ser questionadas pela ciência a partir principalmente do século XVIII e XIX.

No Brasil, todas essas transformações ocorreram de forma semelhante à realidade europeia a partir da chegada da família real ao Brasil. Nesse processo, “os higienistas auxiliaram a família brasileira a assimilar novos valores, nuclearizando-se e urbanizando-se.” (MOURA E ARAÚJO, 2004, p. 48.) As autoras ainda afirmam que havia pressa nesse processo, pois, depois de muitos séculos vivendo como “donos do país” os colonos latifundiários acumularam uma “massa de poder que, em breve, competia com o poder da metrópole” (p. 49).

Percebemos, assim, que a forma como nos relacionamos em família é, de alguma forma, determinada pelo poder, dinheiro e interesses do Estado. A figura da “mãe-higiênica” aparece nesse período a partir da “aliança da família com o poder médico”. (MOURA e ARAÚJO, p. 49). Mais uma vez, é reforçado o discurso da natureza da mulher como mãe, que é a única que pode gerar, parir e amamentar. Discurso esse que tinha o intuito de melhor controlar as mulheres, fazendo-as crer serem as únicas responsáveis pela criação dos filhos.

No contexto da Europa, por exemplo, por ocasião da Primeira Guerra Mundial, as mulheres viram-se sozinhas e com o desafio de assumir as tarefas masculinas. Essa vivência permitiu que percebessem (lembrassem?) que poderiam assumir outras funções além de gerar filhos e cuidar da casa. A Segunda Guerra Mundial, com grande número de mortes de homens, acentuou ainda mais a independência feminina. A partir dessa época, as mulheres foram, gradativamente, tomando novos espaços e, nos anos 60, com o movimento feminista em sua referida segunda onda²⁸ de lutas por direitos civis, “surge um novo discurso feminino – destrói-se, assim, o mito da passividade da mulher, [...]

²⁸ A chamada primeira onda do feminismo ocorreu na virada do século XIX para o XX e definiu-se, entre outras questões, pela luta pelo voto e direito à propriedade.

morre a teoria da mãe espontaneamente dedicada e sacrificada”. (CORREIA, p. 369).

Atualmente, ter ou não filhos é parte da realização pessoal ou mesmo uma etapa que pode ou não fazer parte do entrar na vida adulta. Durante o século XX, várias transformações continuaram ocorrendo no que diz respeito às características da maternidade. As crianças começaram a frequentar escolas cada vez mais cedo e as mães começaram a inserir-se de forma significativa no mercado de trabalho. Isso resultou num acúmulo de tarefas e responsabilidades para as mulheres-mães. Essa exigência de harmonia entre as diferentes facetas da vida da mulher é, seguidamente, origem de estresse e um dos grandes conflitos femininos.

Ainda nas últimas décadas do século XX, ocorre a reaproximação do pai na criação dos filhos, antes liberados e afastados desse território quase que como norma. Dessa vez não como o ser superior, que está acima da esposa e dos filhos, mas como parceiro que faz parte do “casal grávido”, conforme Salem (1985). Nessa nova configuração, ‘a própria representação do casal baseia-se na ética da igualdade entre gêneros.’ (MOURA e ARAÚJO, 2004, p. 50.). Essa condição não é, ainda uma regra, mas faz parte de ideais a serem buscados, pois frequentemente pode-se encontrar modelos quase medievais de criação e organização de vida familiar mesmo hoje.

A partir dos anos 80 do século XX, houve uma espécie de ruptura com os antigos paradigmas. Uma nova onda de valorização de especialistas (especialmente ligados à psicologia) levava a uma reação aos antigos valores familiares e inclusive à ideologia médica tradicional. Nos anos 90, esse novo discurso passou a ser mais amplamente divulgado por meio da TV, dos jornais e das revistas, atingindo mais pessoas.

Com a evolução das tecnologias da área da saúde e a possibilidade de geração de bebês *in vitro*, as mulheres puderam liberar-se das amarras do casamento e, se desejassem, poderiam gerar seus filhos “sozinhas”. Mais uma vez, a maternidade se vê nas mãos dos especialistas, dessa vez responsáveis não apenas em manter a vida, mas também por gerá-la.

Atualmente, muitas mulheres têm confiado seu corpo e sua gestação às doulas, mulheres que dão o apoio afetivo e também suporte técnico durante a gestação, parto e puerpério. Dessa forma, busca-se, aparentemente, a rede

feminina, em que o apoio entre mulheres permite uma intimidade diferente da relação construída com o especialista (médico). A prática de contratar uma doula para acompanhar a gestação e o nascimento normalmente está relacionada também, a um parto natural humanizado, muitas vezes domiciliar, em que a presença do especialista caracteriza-se como coadjuvante, alguém que entrará em cena apenas se necessário. Essa prática também se configura como um privilégio para poucas, tendo em vista o alto custo que este tipo de procedimento representa.

Ao mesmo tempo que um olhar cuidadoso é direcionado ao feto na contemporaneidade, observado em detalhes graças às tecnologias que foram disponibilizadas no período, a mãe é transformada em uma espécie de “refém” de seu bebê, pois “tudo que diz respeito a ela é remetido à ordem dos sentimentos e preocupações para com o feto”. (MOURA e ARAÚJO, 2004, p. 51). Muitas mulheres, embora tenham desejado e invistam afetivamente na gravidez, passam a mostrar de forma evidente que este não é o seu único papel no mundo. Recusam-se a vestir-se com “roupas de gestante”, enfim, o papel feminino deve “conter a maternidade, sem deixar-se englobar por ela”. (idem). Ou seja, pretendem continuar sendo mulheres e sujeitos independentes enquanto grávidas ou mesmo após o nascimento de seus bebês.

Apresenta-se, então, mais um mecanismo de controle, a mãe é responsável pela vida do bebê, então sua alimentação e seus hábitos passam a ser vigiados pelos especialistas. Mais uma vez a dualidade poder e aprisionamento se apresentam de forma contundente. Não se poupam esforços para orientar as mulheres-mães nesse sentido: campanhas oficiais de governos, “um grande número de publicações, anúncios publicitários, filmes, entre outros produtos culturais, disputa lugar para dizer, sobretudo às mulheres, como serem “boas mães” em tempo integral” (KLEIN, MEYER e BORGES, 2013, p. 912).

5 FALA QUE EU TE ESCUTO

Apresentarei, a seguir, as análises que realizei a partir dos episódios selecionados no *podcast* Mamilos e dos desdobramentos que daí decorreram. Para organizar o material que coletei a partir da repetida escuta desses episódios, organizei a tabela *Episódios Selecionados*, na qual inseri dados/aspectos que os resumem para facilitar a visualização do que foi neles destacado.

Tabela: Episódios Selecionados - Resumo dos aspectos salientados nos episódios que compõem o corpus analítico deste estudo:

Número do episódio	Título	Tema central	Convidados
23 (1º/05/2015)	Mães sem Doriana, Barbárie no PR, Viúva Negra e Baltimore	Expectativas em relação à maternidade, vivências dessa realidade	Débora Souza e Anna Karina. Ambas publicitárias e mães.
11 (06/02/2015)	Parto, Dopping, Misoginia e a bunda que REALMENTE quebrou a internet	Parto, medos, tabus, inseguranças. Fatos e mentiras. Cesárea x parto normal.	Vanessa Vigna - obstetra especialista em gravidez de risco. Valéria Sousa - advogada e ativista da ONG Artemis, que protege as mulheres de todo o tipo de violência.
190 (29/03/2019)	Depois do parto: histórias e reflexões	Puerpério	Helen Ramos – criadora do canal Hell Mother, no YouTube e Juliana Gil – psicóloga do SUS. Ambas mães.
147 (11/05/2018)	Mães e tabus	Cotidiano da maternidade. Conversa sobre desafios, culpa, desejos e realidade.	Rebeca Lerer - ativista de direitos humanos Isis Carolina - ativista do coletivo AMEM do coletivo Sistema Negro, assessora de Djamila Ribeiro e colaboradora na revista Elle Brasil.
196 (10/05/2019)	Maternidade e Carreira	Desafios da mulher-mãe ao retornar ao mercado de trabalho	Mel Veneroso, doutoranda em sociologia pela UFMG e autora do estudo “Diferenciais de Participação Laboral e rendimento por Gênero e Classes de Renda: uma Investigação sobre o Ônus da

			Maternidade no Brasil”; Adriana Carvalho, gerente de projetos da ONU Mulheres; e Camila Fornazari, business partner da área de Recursos Humanos da Natura.
247	Crianças e Quarentena	Reflexões sobre o confinamento com filhos	Daniel Becker – Pediatra; e Débora Bastos – mãe, publicitária e criadora do Criando Crianças Pretas

Fonte – elaboração própria

Na tabela acima, não apresento os episódios em ordem cronológica, mas em uma ordem que pode representar as etapas da transformação da mulher em mulher-mãe: a) gestação, momentos de expectativa e idealização da maternidade; b) parto, momento também idealizado, no qual muitas vezes as primeiras expectativas se quebram; c) puerpério, fase em que muitas dúvidas e desafios se apresentam; d) maternidade de fato, quando as coisas começam a se organizar e novas expectativas e desafios aparecem; por fim, e) maternidade e carreira, momento do retorno ao trabalho e os desafios que a ele são inerentes (nos dois últimos episódios listados). Em um primeiro exame dessa tabela, foi possível perceber que nesses episódios selecionados quase²⁹ todas as convidadas eram mulheres que, em sua maioria, eram mães. Essa não foi, no entanto, uma característica geral dos episódios que focalizam questões relativas à maternidade, pois naquele que trata do aborto, por exemplo, tema ao qual não me dediquei neste estudo³⁰, participaram dois convidados homens - Francisco Razzo, mestre em filosofia pela PUC-SP e autor do livro “Contra - o Aborto”, e

²⁹ Há uma exceção, no episódio 247 – *Crianças e quarentena*, do qual o pediatra Daniel Becker participa.

³⁰ Como já foi explicado em outro capítulo deste estudo, apliquei uma série de filtros para realizar a definição dos episódios que seriam analisados. Como o limite de tempo também é um dos aspectos importantes de seleção, o tema aborto, assim como adoção, ficaram de fora, embora pudessem facilmente terem sido inseridos no corpus de pesquisa construído por mim. No entanto, por se tratarem de temas extremamente complexos e que abarcam um arcabouço significativamente amplo de teorias, ligadas ao universo jurídico, não seria viável dedicar-me a eles de forma satisfatória neste momento. Acredito que essas possam ser futuras pesquisas realizadas, de forma a darem aprofundamento a esta discussão.

Denis Cacique, mestre e doutor em Ciências da Saúde, que atua na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp.³¹

Destacar quem são os convidados a falar sobre determinados temas no *podcast* ganha importância na medida em que entendo que essas colocações indicam a atribuição de um determinado “poder” a quem detém a palavra, pois, “longe de se constituir como um campo de neutralidade, as palavras têm um potencial transformador, e [...] a luta política é antes de mais nada uma luta pelas palavras” (BOCCHI, 2016, p. 310). Esse entendimento é fundamental, pois “em certos momentos históricos, algumas pessoas têm mais poder para falar de determinados assuntos do que outras”. (HALL, 2016, p. 78). Muitos dos debates travados ao longo dos episódios têm cunho político e pretendem defender uma série de ideias relacionadas ao amplo universo da maternidade. São inúmeras as discussões acerca dos locais de enunciação relacionadas ao feminismo, tema que perpassa toda essa Dissertação, e muitas autoras propõem que este lugar seja evidenciado. Curiel (2020) argumenta, embasada nas ideias de Donna Haraway (1995), que é importante que “se evidencie o lugar de enunciação, que definitivamente afeta as interpretações sobre as pesquisas realizadas” (CURIEL, 2020, p. 137). Trazendo essa afirmação para a realidade do programa de *podcast*, podemos dizer que o lugar de enunciação afeta as interpretações acerca dos temas discutidos nos debates e mesmo do entendimento por parte do público. Cláudia Costa (2002) também estabelece discussões em torno dessa política do lugar de enunciação e afirma que essa é importante ferramenta de avaliação para “estimar até que ponto tais categorias [analíticas do feminismo] podem ou não intervir nas estruturas de desigualdade social.” (COSTA, 2002, p. 84). Essa discussão se estende também para o campo do feminismo interseccional, no qual o termo “lugar de fala”, amplamente discutido pela filósofa Djamilia Ribeiro também propõe essas discussões e reflexões.

Segundo essa autora,

Ao reivindicar os diferentes pontos de análises e a afirmação de que um dos objetivos do feminismo negro é marcar o lugar de fala de quem o propõe, percebemos que essa marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica. (RIBEIRO, 2019, e-book)

³¹ Outros episódios que falam sobre temas associados à maternidade também contam com participações masculinas.

A partir dessas considerações, saliento a importância de evidenciar, ao longo das análises, quem são os interlocutores convidados pelas apresentadoras do canal. Os contextos a partir dos quais esses interlocutores se posicionam e o poder que lhes é atribuído a partir desses locais de enunciação parecem contribuir para que a pedagogia cultural ocorra na escuta desses programas.

A respeito do que foi considerado, cabe registrar que participou do episódio 196 uma convidada que não é mãe e que revela, inclusive, às entrevistadoras não ter o desejo de tornar-se mãe. Essa convidada, Mel Veneroso, era doutoranda em sociologia na ocasião da gravação do programa, e sua pesquisa, intitulada *Diferenciais de Participação Laboral e rendimento por Gênero e Classes de Renda: uma Investigação sobre o Ônus da Maternidade no Brasil*, se propunha a discutir as questões levantadas na pauta do episódio. Assim, o papel que lhe cabe na discussão que se estabelece pode ser visto como o de fazer contraponto a algumas posições que radicalizam as formas de pensar acerca do referido direito à palavra.

Passo, então, à análise desses episódios, os quais ouvi inúmeras vezes, fazendo anotações, destacando trechos que, a partir de minhas leituras e de meu estudo sobre maternidade, cultura da convergência e pedagogia cultural, se mostrassem relevantes. Essas anotações foram organizadas em outra tabela, intitulada *Excertos dos programas*, a qual não colocarei aqui em virtude de sua extensão. Ela está inserida nos anexos desta dissertação. Para ouvir os episódios e garantir que os teria à minha disposição sempre que necessário, sem a necessidade de contar com uma rede de internet ou mesmo correr o risco de os mesmos tornarem-se indisponíveis, decidi fazer *download* de todos eles. O *download* dos episódios é sempre disponibilizado na página no canal. Além de registrar os excertos que pretendia utilizar na escrita da dissertação na tabela referida, também os extraí do arquivo de áudio, criando arquivos separados para cada um dos excertos. Inicialmente, meu objetivo com essa edição seria inserir esses trechos no próprio texto, por meio de QR Codes. No entanto, com o intuito de não correr o risco de descumprir normas de direitos autorais, optei por usá-los apenas no momento da defesa e para eventuais consultas durante a escrita, pois a sonoridade, o tom da fala é parte importante para a compreensão do que

está sendo dito. Para que os leitores e avaliadores deste estudo possam também ouvir os trechos citados, sempre foi indicado o ponto exato daquele excerto, com minutos e segundos.

Ao longo de meu estudo sobre a maternidade, foi possível perceber que, historicamente, foi instituída uma representação de maternidade idealizada. E essa representação, naturalmente inatingível, perpassa e é colocada em cheque em muitas das discussões realizadas nos seis episódios selecionados para a minha análise. Associada a essa representação perpassam as discussões focalizadas no programa Mamilos, a discussão de uma série de regras e normas que estabelecem controles **sobre as mulheres-mães, definindo quais comportamentos são desejáveis para um correto desempenho de funções maternas**. Esse controle, bem como as representações de maternidade, é tensionado aparece nas discussões como elemento impactante e contra o qual são criadas tensões com o intuito de resistência. Esse controle se apresenta como uma ferramenta utilizada com o objetivo de atingir a perfeição idealizada e de possibilitar que a mulher-mãe permaneça cumprindo com suas “obrigações”.

Para melhor conduzir a análise, destaquei dois eixos temáticos principais, que derivam dessa idealização materna, e em torno dos quais se desenrola a maior parte das discussões. O primeiro eixo, intitulado **Maternidade e perfeição** aborda as representações de maternidade idealizada/romantizada, que compreendem expectativas, postulações e temores nutridos tanto em períodos que antecedem a gestação, quanto posteriores a essa. O segundo eixo, intitulado **Maternidade e trabalho**, aborda a sobrecarga de trabalho atribuída às mulheres-mães, que engloba o trabalho doméstico, os cuidados com a família e as tarefas decorrentes do trabalho/carreira profissional, quando essa existe.

Passo a seguir às análises, a partir de cada um dos eixos supramencionados.

EIXO 1 - Maternidade e Perfeição

Focalizo, inicialmente, o episódio de número 23, intitulado *Mães sem Doriana, Barbárie no PR, Viúva Negra e Baltimore*³². Interessou-me,

³² Nas primeiras temporadas do podcast, os programas tinham diversos temas discutidos. Isso explica o título do episódio, que é longo e aborda temas muito diversificados. Alguns deles, como este do qual estou falando, tinham uma parte chamada *Teta* (neste caso, o parto), que continha o tema central do episódio, o qual recebia maior atenção e, conseqüentemente, ocupava a maior parte do tempo de gravação.

especialmente, nesse episódio, que aborda mais de um tema, a alusão feita, por meio da expressão *Mães sem Doriana*, a conhecido anúncio publicitário da margarina Doriana, que contém uma representação de família ideal, perfeita e feliz. Essa propaganda apresenta uma cena familiar, na qual pai, mãe e três filhas, de idades aproximadas, compõem uma risonha família que compartilha em seu desjejum, em uma manhã ensolarada, um pote de margarina Doriana.



(<http://mundodasmarcas.blogspot.com/2006/06/doriana-d-gosto-ter-sade-assim.html>) - acesso em 15/11/2020)

Embora os comerciais da margarina Doriana não sejam meu foco de estudo, não posso deixar de destacar a pedagogia cultural operando nesse artefato midiático. Nesse está destacada uma representação bastante frequente de organização familiar que povoa visões partilhadas por muitos acerca do que seja uma família integrada e feliz. Como SCHWENGBER e JOHANN (2016) salientaram, anúncios publicitários, tais como esse, funcionam como pedagogias culturais que “apresentam um forte apelo às configurações corporais e de gênero, aos afetos e aos sentimentos; como tal, captam-nos de uma forma muito sutil e, ao mesmo tempo, muito envolvente.” (SCHWENGBER e JOHANN, 2016, p. 137).

A partir desse breve comentário sobre o título do episódio 23, já é possível perceber que nele estão enunciadas uma série de expectativas relacionadas à maternidade. Badinter (2011) faz referência a algumas dessas expectativas, quando diz: “A futura mãe fantasia apenas o amor e felicidade. Ela ignora a outra

face da maternidade feita de esgotamento, de frustração, de solidão, e até mesmo de alienação, com seu cortejo de culpa. ” (BADINTER, 2011, e-book).

Na direção do que está ressaltado por Badinter (ibidem), é bastante comum ouvirem-se relatos que referem que a mulher, quando se percebe grávida, independentemente de seu grau de desejo e felicidade com esse fato, é inundada por expectativas das mais variadas naturezas. Entre essas, há, também, muitas inseguranças acerca do que está por vir - os diversos exames aos quais o corpo da mulher será submetido durante a gravidez, além da inevitável pergunta: “é menino ou menina? ” e tantas outras questões que surgem durante esse período. “Na ecografia, diante da imagem da genitália do feto e da confirmação de que é, por exemplo, menina, aquele ser em desenvolvimento ingressa em outro conjunto de práticas “invisíveis”, agora também da família.” (SOUZA, 2016, p. 37).

Representações idealizadas sobre a maternidade são trazidas pela apresentadora Juliana Wallauer, neste episódio, já nos primeiros minutos da *Teta*, quando ela registra que

Essa pauta veio, agora, porque começa o dia das mães, a gente é bombardeada por um monte de propagandas e vídeos emotivos sobre a maternidade, criando uma maternidade romântica e linda e perfeita. E que a gente sonha com ela e romantiza sobre ela quando a gente ainda não é mãe. (MAMILLOS 23, 35:01 – 35:20)

E essa representação de um mundo perfeito e da possibilidade de alcance de uma felicidade plena obtida na vida familiar, a partir da maternidade, é tensionada neste programa e também por Lima e Vicente (2016), autores que registram que até mesmo

no discurso dos manuais de puericultura, esse empenho materno em acertar, quando se torna excessivo, pode levar à depressão pós-parto, condição patológica em que a mãe se mostra excessivamente angustiada ou ansiosa por se sentir incapaz ou sem vontade de atender às exigências de seu filho. (LIMA E VICENTE, 2016, p. 107).

Voltando ao programa, saliento que as apresentadoras e convidadas começam a conversar sobre essas expectativas romantizadas e registram situações em que essas foram quebradas, tendo uma das convidadas - Anna

Karina (publicitária e também conhecida por suas frequentes publicações sobre maternidade em sua página no Facebook³³) - feito o seguinte relato:

É, então... Foi no primeiro dia, logo que nasceu, depois que eu fui pro quarto, né, enfim. Meu marido foi em casa, porque a gente tinha feito um bolo integral antes de eu começar a ter as contrações [...] ele foi em casa, tal, e trouxe. Quando eu olhei a *tupperware*³⁴ com o bolo, meu mundo caiu, né, porque eu olhei pra aquilo assim e falei “ah, minha vida de antes, eu quero a minha vida!” E aí eu só chorava a partir daquele momento, eu não sabia o que tava acontecendo. Mas na verdade eu tive aquele *babyblues*³⁵ [...] então ali eu já vi, porra, eu tinha que estar feliz, né? (MAMILOS 23, 35:54 – 36:12)

E a conversa tem prosseguimento com a apresentadora Juliana Wallauer comentando respostas usualmente dadas à pergunta:

“Qual foi o dia mais feliz da sua vida?” “O dia que meu filho nasceu, o dia mais feliz!” Então você está naquela expectativa: “Gente, eu vou viver o dia mais feliz da minha vida, né? Eu já vivi tanta coisa bacana até agora, mas esse vai ser o... porra, top!” (MAMILOS 23, 37:13 – 37:35)

As convidadas e apresentadoras seguem debatendo sobre o choque que a quebra de expectativas de felicidade plena, decorrente do nascimento do bebê, ocasiona para muitas mulheres, pois logo se estabelecem rotinas repetitivas de mamadas e trocas de fraldas, surgem as dificuldades de amamentação e essas são aliadas, muitas vezes, à solidão e à anulação da identidade.

Como Badinter (2011) registrou, as necessidades e desejos da mulher que não era mãe passam a inexistir, são esquecidos e dão lugar à ideia de “eu lhe devo tudo”. E relatos associados a essas questões são o tema central desta etapa do programa no qual uma outra convidada, Débora Souza, que também é publicitária³⁶, declarou não se sentir maternal o suficiente: “Maternal, daquela coisa do querer cuidar, o querer cuidar. Pra mim, o cuidado [sic] era a parte chata.” (MAMILOS 23, 39:01 – 39:12). E ela justifica: “Porque eu me sentia muito

³³ <https://www.facebook.com/anna.karina.370>

³⁴ Marca de embalagens plásticas para acondicionar alimentos.

³⁵ Condição mais leve que a depressão pós-parto, em que a mulher puérpera sente-se triste, mesmo tendo em seu colo um bebê saudável. Muitas vezes essa condição é agravada pela culpa por esse sentimento.

³⁶ O fato de ser mãe parece ter sido o principal motivo do convite para que Débora Souza participasse do episódio, pois ela não trabalha especificamente com maternidade. No entanto, é perceptível que existe um laço de amizade (ou de convivência) entre Débora e as apresentadoras, talvez pelo fato de as duas apresentadoras também serem publicitárias/ atuarem nesta área durante muitos anos. Em um comentário feito no episódio 23, a apresentadora Juliana Wallauer afirma que Débora é, para ela, uma referência de maternidade.

sem eu mesma, sem ser eu mesma, eu era a mãe do João. ” (MAMILOS 23, 39:30 – 39:35). Ao que a apresentadora Juliana Wallauer respondeu: “Ah, mas a maternidade é isso. É o apagamento completo seu. ” (MAMILOS 23, 39:35 – 39:40) E essa fala de Juliana Wallauer evidencia a sobrecarga de responsabilidade que é atribuída às mulheres-mães, uma vez que elas, na maioria das vezes, assumem o papel de cuidar da prole, especialmente nos primeiros anos de vida da criança. Daí a importância de existirem discussões acerca desse tema que, de acordo com Lauxen e Quadrado (2018), acabou sendo visto como “um dos marcadores” que atribuem à mãe a responsabilidade sobre todos os cuidados com a criança, tendo em vista que ela é a geradora da vida.

No episódio 147, intitulado *Mães e Tabus*, uma das convidadas, Isis Carolina³⁷, diz: “A mãe, o indivíduo mãe, independente de casada ou não, ela é um indivíduo que historicamente é desumanizado. ” (MAMILOS 147, 45:31 – 45:37), declaração essa que se encaixa nas reflexões realizadas a partir de Lauxen e Quadrado (2018). À mulher-mãe são atribuídas tarefas das mais variadas naturezas e em volume desproporcional às tarefas atribuídas aos homens e pais. Daí a ideia de desumanização.

Relatos que contrastam com as expectativas de sentir imediatamente o maior amor do mundo ou de viver o melhor dia de sua vida se sucedem em outros episódios do Mamilos, tal como no episódio 190, que focalizou o puerpério, no qual a psicóloga Juliana Gil, que trabalha no SUS (Sistema Único de Saúde) e também é mãe, convidada para o debate, ressaltou que a sensação de desencanto

Passa um pouco por isso, pelas expectativas, pela idealização, né, tudo leva a mulher, desde que ela pensa, ou nem pensa em engravidar, ou se vê grávida... Tudo leva ela a acreditar que vai ser maravilhoso ou que tem que ser maravilhoso, né? (MAMILOS 190, 12:12 – 12:27)

Lauxen e Quadrado (2018) discutem a romantização da maternidade e alertam: “questionar o amor materno como instinto e as subjetividades femininas

³⁷ Ativista do coletivo AMEM, dedicado a questões como a homofobia, a sexualidade, o racismo e a aids. <https://www.facebook.com/ColetivoAmem/>; ativista do coletivo Sistema Negro, que é formado por produtores, artistas, empreendedores e educadores negros, que mescla cultura e ação, no combate ao racismo. <https://www.facebook.com/sistemanegrodesom011/> É assessora de Djamilia Ribeiro e colaboradora na revista Elle Brasil.

deste contexto se faz urgente e necessário, como um instrumento político na luta pela igualdade entre os gêneros” (LAUXEN e QUADRADO, 2018, p.2). Essa naturalização da maternidade atribuída aos corpos femininos também é discutida por muitos outros autores e autoras. Guacira Louro (2018) afirma que atribuímos à natureza humana diversos aspectos que são, de fato, construções culturais. De acordo com a autora, construímos nossos corpos considerando as condições culturais que nos são impostas para que possamos adequar esse corpo aos “critérios estéticos, higiênicos e morais” dos grupos dos quais fazemos parte. Ainda referindo Louro (2018), “através de muitos processos [...] inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, conseqüentemente, de diferenciação” (LOURO, 2018, e-book).

Porém, as romantizações não se restringem à gestação e ao parto, estendendo-se à amamentação, ato que se torna um pesadelo para muitas mulheres. A naturalização da maternidade, incluindo cada uma das situações que a essa estão vinculadas assume a compreensão de que todas essas situações são biológicas, portanto naturais e fáceis. Assim, nada deve dar errado e não haverá riscos. E, de fato, muitas vezes tudo acontece sem maiores percalços. No entanto, quando a única informação veiculada é aquela que reforça essa naturalização, corremos o risco de gerar expectativas irreais para as mulheres-mães, especialmente àquelas de “primeira viagem”.

As responsabilidades maternas parecem ser infinitas, como afirma Rebeca Lerer, ativista de direitos humanos e convidada do episódio 147, “São tantos níveis que tem esse controle social sobre o lugar da mãe, que você esquece de ser mulher!” (MAMILOS 147, 53:43 – 52:51) e resultam em um controle do corpo da mulher, como percebemos a partir das reflexões de Lima e Vicente (2016), pois, sob o argumento de que a saúde da mãe interfere diretamente na saúde do bebê, o discurso da pediatria acaba autorizado a fazer recomendações de todo o tipo, como aquelas relativas à dieta ou ao consumo de drogas. Com essa reflexão, não pretendo aqui afirmar que os pediatras não devam fazer recomendações acerca da saúde materna e do feto, visto que este é o seu papel. No entanto, existe um limite tênue entre essas recomendações e sua utilização como controle. É nessa linha que se dão as reflexões de Lima e Vicente (2016).

Nas discussões do episódio 23, as convidadas e apresentadoras debatem sobre essas proibições e revelam algumas desobediências em meio a gargalhadas³⁸:



Anna Karina - Minha mãe fumava no ginecologista!
 Juliana Wallauer - No carro, gente, vidro fechado e eles fumando!
 Débora Souza - Minha mãe bebeu na gravidez. Eu bebi na gravidez!
 Anna Karina - Ah, uma taça de vinho eu também bebi!
 Débora Souza - Não! Eu não bebi uma taça! (muitas risadas, todas falando juntas) O meu desejo... Quando todo mundo fala, assim: ah, você teve desejo? Tive! De cerveja! A minha geladeira era cerveja e amendoim! Era o que eu tinha vontade de comer.
 Anna Karina - Mamãe Happy Hour! (MAMILOS 23, 1:02:02 – 1:02:32)

Durante a conversa, ao mesmo tempo em que revelavam suas “falhas”, as convidadas e apresentadoras questionavam o controle e a sobrecarga atribuídas a elas. Percebe-se no tom de suas falas uma certa “resistência” às regras impostas, um certo deleite na desobediência aos guias e manuais. “O *Guia da Gestante* reitera exaustivamente imperativos que buscam garantir a conformação à norma mediante o uso de expressões prescritivas, como “você deve”, “você precisa” [...] (KLEIN, MEYER e BORGES, 2013, p. 915).

Nádia de Souza (2016) também problematiza esse controle sobre o corpo da mulher, assim que se vê grávida. Ela discute o fato de que, já no início da gravidez,

o feto e o corpo da mulher se encontram imersos em uma rede de práticas, tais como as médicas, cuja bateria de exames – de sangue, urina, ecografia, etc. – geram resultados, conhecimentos e prescrições [...] com efeitos de diferentes ordens para ambos. (SOUZA, 2016, p. 37)

E o controle existente sobre a mãe durante a gestação e amamentação não se encerra nesses dois tópicos. O controle se espalha também sobre outros aspectos da vida da mãe e do bebê, como a educação dos filhos. Não faltam

³⁸ Leia o QR Code para acessar o áudio desse diálogo.

guias e palpites para ensinarem as mães a fazer a criança comer, fazer a criança dormir, fazer a criança tirar a fralda e etc. Psicólogos, professores, avós, tias, vizinhos.... Todos se sentem aptos para opinar e ensinar a mãe a educar a sua criança. Ora, se as mulheres defendem a não naturalização do amor materno e, com essa não naturalização, reconhecem a necessidade de aprender a ser mãe, qual é o problema desses “ensinamentos”? Juliana Wallauer apresenta alguns de seus incômodos em relação a isso. Ela conta que o primeiro pediatra de seu filho costumava interferir e opinar em suas atitudes educativas. Ela relata, então, uma conversa que teve com seu padrasto:

Juliana Wallauer – E aí eu cansada pra caralho, encontrei meu padrasto, falei pra ele isso. E ele é médico, médico das antigas, né? E ele falou assim: médico é pra cuidar da saúde do teu filho. Pra falar como criar o teu filho, isso ele tá ultrapassando as responsabilidades dele. Ele não pode te falar isso. Isso é você que tem que descobrir. (MAMILOS 23, 1:13:29 – 1:13:47)

De fato, a Sociedade Brasileira de Pediatria³⁹ faz várias recomendações aos pais sobre aspectos variados do desenvolvimento da criança. Lima e Vicente (2016) trazem algumas dessas informações em um de seus artigos, afirmando que este manual traz informações como a destacada a seguir:

[...] o desenvolvimento e o perfil comportamental dos filhos; as vacinas e consultas ao pediatra; os cuidados com os dentes, com a pele, além dos exames para a avaliação da visão e da audição. Até uma orientação sobre as brincadeiras ideais para proporcionar a adequada estimulação da criança está presente neste guia. (Lopez e Campos Jr, 2009, *apud* LIMA e VICENTE, 2016, p. 103).

Motivada pela fala de seu padrasto e pela repercussão dela no debate, Juliana Wallauer encerra o episódio 23 com as seguintes palavras:

Pare de ler livros, pelo amor de deus. Pare de ler livros, sabe. Você tem que desenvolver... Maternar é desenvolver, aguçar o seu ouvido. Pra você se ouvir, pra ouvir a criança e pra você construir a melhor maneira entre você e a criança, de se relacionar e de resolverem os conflitos que vão existir. E as coisas que funcionam pra Cris não funcionam pra mim. Nenhuma funciona. As coisas que funcionam pra mim, nenhuma funciona pra Anna, não funciona pra Debs e não vão funcionar pra você. Não vão. Pode ser lindo, pode ser incrível e você vai toda inspirada, pegar exatamente o que a Cris falou e vai tentar fazer com o seu filho e não vai funcionar. Seu filho é o seu filho, você é você, sua rotina é sua rotina. São seres humanos diferentes, então esquece o manual. Se joga! (MAMILOS 23, 1:38:05 – 1:38:49)

³⁹ <https://www.sbp.com.br/>

É particularmente interessante essa fala com a qual Juliana Wallauer encerra o episódio; pois, ao mesmo em que ela critica ou pede que as mães esqueçam o manual, ela defende, em vários momentos deste e de outros episódios, que a informação é um elemento importante para o “empoderamento” das mães. Existe uma demanda cada vez maior por informações. As mães buscam essas informações durante a gestação e depois dela nos mais diferentes meios. O próprio canal Mamilos de *podcast* é um destes meios de informação. Parece-me, no entanto, que as produtoras do canal pretendem orientar as mães para que, além da leitura dos manuais, elas ouçam seus “instintos”, façam reflexões acerca do que leram e ouviram para que tomem as suas decisões. Essa fala pode representar uma conexão entre as diversas compreensões da maternidade, mesclando as vertentes naturalistas, que defendem a maternidade como algo natural e biológico, com as vertentes que acreditam na maternidade como uma construção social, que deve ser, portanto, aprendida.

Trago, a seguir, mais alguns relatos lidos no ar sobre os programas selecionados para este estudo. Em resposta ao episódio 23, houve uma série de participações de ouvintes nas variadas redes sociais do canal. No programa 24, foram lidos dois relatos de ouvintes referentes ao tema central, maternidade. Transcrevo um dos relatos abaixo, que foi lido por Cris Bartis:

Bom, eu tô aqui no processo de virar mãe, 33 semanas de gestação e contanto. Ouvindo o *podcast* com esses hormônios loucos de grávida, chorei quase o *podcast* inteiro. Era isso que eu queria ouvir, me senti acolhida no abraço quentinho de outras mães que também não vivem no mundo cor de rosa babadinhos e também sem todas as regras que tem que ser, que tem que ter que eu ouço diariamente. Enfim, acho que a Isadora, o bebê que vem vindo, vai acalmar quando ouvir a voz de vocês duas. (MAMILOS 24, 8:06 – 8:40)

Nesse relato, é evidente que a ouvinte se identificou com o que foi debatido no programa. Ela reforça a resistência feita pelas convidadas e apresentadoras aos controles impostos às mães. Ela refere a maternidade romântica e ideal como “mundo cor de rosa babadinhos”, parecendo procurar reforçar o vínculo com as apresentadoras, utilizando da mesma linguagem de humor e deboche utilizada no programa. Quando ela menciona ter se sentido “acolhida no abraço quentinho de outras mães” parece ficar claro o entendimento de rede se formando - da rede com interesses em comum e a partir da qual

ocorrem as aprendizagens nesse artefato midiático. Os vínculos que essa rede estabelece também colocam ações pedagógicas em ação. Assim, a partir das práticas culturais relatadas por outras mães, também essa ouvinte conseguiu estabelecer uma conexão a partir da qual sentiu-se vinculada a uma rede de mulheres que, tal como ela, tinham dúvidas e buscavam esclarecimentos sobre o que estavam vivendo. E as duas jornalistas promotoras do canal são as mediadoras/condutoras/facilitadoras desses contatos!

O outro relato lido no ar foi o de um ouvinte homem. Antes de passar para esse relato, considero importante mencionar que, na abertura do programa, Juliana Wallauer comenta o fato de saber que os ouvintes homens gostam das conversas mais femininas, as “conversas de comadre⁴⁰”, como ela diz.

Jenkins (2009) discute essa ideia trazendo a fofoca como elemento importante no estímulo à convergência. Citando Déborah Jones (1980), Jenkins afirma que:

[...]a fofoca é um recurso importante que as mulheres, historicamente, utilizaram para conectar suas experiências pessoais a esferas maiores, além do ambiente doméstico imediato. [...] Em uma sociedade multicultural, conversar sobre diferenças de valores torna-se um mecanismo pelo qual diferentes grupos sociais podem aprender mais sobre como cada um percebe o mundo; portanto, há um valor real na fofoca que se alastra no mundo virtual, e não em comunidades de contato direto, face a face. (JENKINS, 2009, p. 124-125)

Após citar a “conversa de comadre”, que aproximei da noção de fofoca, Juliana Wallauer continua sua fala: “Temos muitos ouvintes pais que mergulharam na paternidade de uma forma muito bonita, que realmente se entregam pra isso, se dedicam pra isso...” (MAMILOS 23, 33:43 – 34:12) Nessa fala, Juliana Wallauer parece buscar a conexão com essa parcela do público. Ao que tudo indica, essa conexão está acontecendo, pois há, quase sempre, manifestações masculinas nos comentários.

A seguir, o comentário do ouvinte, que foi lido por Juliana Wallauer:

Uma vez minha esposa me perguntou se eu gostaria de adotar uma criança ou ter uma. Eu respondi que, quer queira, quer não, homem sempre adota, é a mãe que fica nove meses com o bebê, que alimenta ele. É a mãe que passa mais tempo com o bebê, pra ela é íntimo. O homem só vai conhecer o filho depois. Esse

⁴⁰ Fofoca.

discurso foi super marcante e aí vocês me desmentiram. Fiquei até feliz com isso pra falar a verdade. (MAMILOS 24, 9:03 – 9:38)

Percebo, mais uma vez, a dimensão pedagógica do canal sendo reconhecida por um ouvinte, ou seja, o ouvinte conta qual era o seu entendimento de vínculo do pai com o filho e afirma ter reconsiderado seu entendimento, a partir da audição do programa, ou seja, ele aprendeu outras formas de pensar sobre o vínculo pai-filho ao ouvir o episódio. É importante destacar esse fato, pois nele evidencia-se como os saberes circulam, cada vez mais, fora dos “lugares sagrados que anteriormente os detinham” e como “esses também deixaram de ser gerenciados por reconhecidas figuras que anteriormente os administravam” como Costa & Wortmann (2016, p. 343) referem a partir de Martin-Barbero (2003).

No programa de número 11, Juliana Wallauer e Cris Bartis trazem à tona uma discussão sobre o parto, mais especificamente sobre o parto natural em relação ao parto cesárea. Percebe-se nesse episódio como relações de poder atuam na produção do corpo feminino e a mesma “luta” das mulheres para resistir de todas as formas possíveis a esse controle. Mais uma vez, é possível identificar o esforço das apresentadoras para manter a conexão com o público já na abertura do episódio, que inicia com um diálogo:

Cris Bartis - Ju, por que que a gente resolveu falar disso nessa semana, de novo, again?

Juliana Wallauer - Porque vários ouvintes nos mandaram o mesmo link sobre violência obstétrica, escrito pela Vanessa - Rita Lisauskas no Estadão. (MAMILOS 11, 25:32 – 25:45)

As apresentadoras evidenciam, então, que os pedidos e comentários de ouvintes de fato interferem no planejamento e programação dos episódios.

Esse episódio tem como convidada Valéria Sousa, uma advogada e ativista da ONG Artemis⁴¹, dedicada à luta e à violência contra a mulher, e Vanessa Vigna, obstetra especializada em gestação de risco. Logo nos primeiros minutos da conversa, a advogada Valéria destaca a importância das redes de informação para que as mulheres possam ter conhecimento sobre gestação e parto. Valéria, a advogada ativista, afirma:

Existem hoje organizações bastante sólidas, de mulheres em rede, trocando informações e trocando sugestões do que fazer pra

⁴¹ <https://www.artemis.org.br/>

enfrentar e resistir, mesmo, né, como estratégia, né? Então... os grupos de gestantes disseminam boa informação hoje em dia... Até que culminou numa ação civil pública pelo Ministério Público Federal. (MAMILLOS 11, 27:38 – 28:00)

Apesar de Valéria não fazer referência ao canal Mamilos, entendo que o próprio canal pode ser considerado como uma dessas redes de informações para gestantes, embora não exclusivamente para elas.

Nos primeiros minutos do episódio são apresentados dados sobre a cesariana e sobre o parto normal. Tanto as apresentadoras (que sempre estudam para a pauta, como elas dizem), quanto as convidadas exibiram muitos dados sobre percentual de cada tipo de parto, riscos de mortalidade e de danos ao bebê. Os dados mais burocráticos, com percentuais de cesárias nos hospitais e os índices de violência obstétrica foram informados, na maior parte das vezes, pela advogada, enquanto a médica, Vanessa, apresentava informações mais técnicas referentes à medicina, explicando os procedimentos e riscos do parto natural e da cesárea. Registro que todas essas informações foram explicadas de forma bastante didática. Valéria, a advogada ativista, se posiciona sempre a favor do parto humanizado e não intervencionista. A cesárea é uma tendência em nosso país, que luta para reduzir as alarmantes taxas de parto cirúrgico, que chegam a atingir cerca de 90% em algumas clínicas particulares, segundo a advogada.

Transcrevo, a seguir, comentário de Tornquist (2002) sobre esta questão:

É possível falar-se de um movimento social pela humanização do parto e do nascimento no Brasil pelo menos desde o final dos anos 1980, década marcante do ponto de vista da organização de algumas associações de tipo não-governamental e redes de movimentos identificadas centralmente com a crítica do modelo hegemônico de atenção ao parto e ao nascimento, como a Rehuna (Rede de Humanização do Parto e do Nascimento). (TORNQUIST, 2002, p. 483)

O excerto acima, escrito por Carmem Tornquist no artigo *Armadilhas da nova era: natureza e maternidade no ideário da humanização do parto*, parece representar muito bem o que é feito pela Valéria em sua atuação como ativista e advogada na ONG Artemis.

Considero importante, neste contexto, trazer a fala da obstetra Vanessa, debatedora do episódio, em que ela explica o que é o parto humanizado:

O termo parto humanizado vem sendo utilizado pra definir uma espécie de assistência em que há uma humanização da equipe, uma assistência pra dor que surge durante o trabalho de parto, seja por analgesia endovenosa, seja por punção, né, na coluna, que a gente faz dois tipos de anestesia, pode ser a raquidiana ou a peridural e com o uso de analgésicos você auxilia a mulher. (MAMILOS 11, 30:53 – 31:16)

Para complementar a fala da obstetra Vanessa, trago outro excerto de Tornquist, em que ela fala sobre

a proposta da Organização Mundial da Saúde (OMS), de 1985, e que inclui: incentivo ao parto vaginal, ao aleitamento materno nos pós-parto imediato, ao alojamento conjunto (mãe e recém-nascido), à presença do pai ou outra/o acompanhante no processo do parto à atuação de enfermeiras obstétricas na atenção aos partos normais, e também à inclusão de parteiras leigas no sistema de saúde nas regiões nas quais a rede hospitalar não se faz presente. (TORNQUIST, 2002, p.404)

Durante boa parte desse episódio a discussão gira em torno das causas do número tão exagerado de partos cesárea. Entre os possíveis motivos, as apresentadoras citam o fato de, talvez pela falta de informação, muitas mulheres preferirem realizar a cesárea por acharem mais segura ou por terem medo da dor. Em relação a essas questões, Juliana Wallauer afirma:

Existe uma construção cultural de que a dor do parto é a pior dor possível. Então você tem desde uma coisa bíblica que é: o castigo da mulher... a mulher foi punida com: em meio a dores darás à luz. Então é o pior castigo da mulher, como mesmo que você nunca tenha aberto a bíblia e nunca tenha lido nada e nem ouvido nada, é uma escala de dor. A escala de dor é a dor do parto. Então assim: Doeu muito? Nossa, dor do parto. Então mesmo que você nunca tenha parado pra pensar sobre isso, paira sobre toda mulher, “é um parto”. (MAMILOS 11, 35:39 – 36:12)

Badinter (1985), em seu livro *Um amor conquistado: o mito do amor materno* problematiza essa questão, citando, inclusive, a passagem bíblica mencionada por Juliana Wallauer. Segundo a autora, esse texto bíblico traz muitas consequências para “a imagem e condição de Eva”, considerada uma criatura “fraca e frívola”. Mas, o pior, nas palavras de Badinter, é que essa imagem será vinculada à “Serpente, isto é, ao Demônio tentador”. (BADINTER, 1985, p. 34). Essas informações relacionadas ao feminino foram sendo disseminadas e inseridas no ideário popular.

O medo da dor do parto parece, então, de acordo com o debate no programa ser um dos motivadores da escolha pela cesárea feita por muitas

mulheres. Feitas as devidas explicações científicas por parte da obstetra, parece tornar-se consenso na conversa que o parto natural é a melhor opção em um primeiro momento. No entanto, Vanessa, a obstetra, reforça que não é possível “demonizar” a cesárea, visto que ela evita um grande número de óbitos, salvando vidas de mulheres e bebês. A discussão evolui, então, para um ponto mais polêmico, em que as debatedoras começam a levantar a hipótese de médicos manipularem as parturientes para fazer o parto de cesariana, uma vez que esse é mais rápido e permite maior controle do médico, na maior parte dos casos. Sobre isso, a obstetra Vanessa afirma:

Quando ele é feito contrário à vontade da mulher, quando ele feito de forma prematura, mal indicada, que a gente chama de prematuridade iatrogênica, quando o médico faz e traz malefício para alguém, é uma iatrogenia⁴². É um termo médico, né. Então quando gente faz mal, né, a própria medicina se envergonha disso. É um dos princípios éticos da medicina é a não maleficência. E eu entendo que submeter uma mulher que poderia ter um parto normal sem complicações graves para ela e para o seu filho, contra a vontade dela, é uma violência muito grande. Essa é a violência da autonomia. (MAMILOS 11, 38:27 – 39:07)

É contra esse tipo de violência que diversas organizações não-governamentais se manifestam. Valéria, da ONG Artemis, faz um depoimento sobre um de seus partos durante o programa:

E eu queria muito fugir desse modelo intervencionista, também tinha essa contaminação das cenas de parto que eu tinha visto na vida, nos filmes e novelas, sempre com muita dor, com muito sangue e eu tive um parto humanizado, hospitalar do meu primeiro filho e eu percebi que não precisava ser assim tão negativo. A experiência não precisava ser com tanta dor, com tanto corte. Eu não tive nenhum corte, não tive nenhum tipo de laceração. Respeitaram a minha fisiologia, o meu tempo. Eu pude ficar numa posição vertical. Pude andar, que é muito importante pra evolução do trabalho de parto. (MAMILOS 11, 46:54 – 47:33)

Ao trazer o seu relato, Valéria deixa de ser “apenas” a advogada e ativista da ONG para se aproximar do público no papel de mãe.

Segundo Lima e Vicente (2016),

Quando escrevem sobre suas próprias experiências, as mães tomam a palavra e apresentam as questões relativas à maternidade a partir do seu próprio ponto de vista, que tende a distinguir-se da perspectiva médica, mesmo que seus discursos sejam (in)formados pelos conhecimentos especializados da

⁴² O termo iatrogenia vem do grego e refere-se a qualquer alteração patológica provocada no paciente pela má prática médica.

medicina, da psicologia infantil e da pedagogia. (LIMA e VICENTE, 2016, p. 98).

Essa aproximação e esse novo ponto de vista mencionado pelas autoras também aparece nas falas da obstetra Vanessa, que ainda não é mãe, mas está tentando engravidar e afirma que deseja ter parto normal. Além disso, como obstetra, ela traz relato de mães próximas a ela, de amigas, de cujos partos ela participou, e sobre sua sogra, que a acompanhava no momento da gravação do episódio.

A escolha do parto muitas vezes está ligada à violência obstétrica, porque induzir uma mulher a fazer uma cesárea é considerado um tipo de violência. Sobre isso, a obstetra Vanessa também se posiciona:

Agora a dor das mulheres, que muitas me dizem quando me procuram, falam que elas foram conduzidas a um determinado tipo de parto com mentiras, né? (MAMILOS 11, 1:10:25 – 1:10:36)

Mas eu entendo essa dor que está surgindo e eu nasci no meio desse monstro. Acho que a gente tem que repensar tudo, mas com muita cautela, porque eu acho que esse excesso todo de cesariana, ele tem que ser combatido, mas a mortalidade materna, ela era muito maior antes de nós encontrarmos soluções pros problemas do parto e puerpério. O Brasil reduziu em 43% a mortalidade materna, né, na meta da OMS, né, conseguiu atingir esse nível de redução, mas ainda tem uma mortalidade materna altíssima. (MAMILOS 11, 1:11:18 – 1:11:54)

Com essa fala, Vanessa procura trazer informação aos ouvintes e às debatedoras. Ela afirma que não concorda com a imposição da cesárea, mas diz que ela é uma ferramenta importante para evitar mortes. No entanto, ela diz que a mulher precisa receber todas as informações necessárias para poder escolher o parto que ela deseja ter. E, no caso de precisar de uma mudança de planos, poder aceitar ou não as sugestões do obstetra. Muitas mães “decidem seguir as recomendações especializadas na medida em que tais recomendações lhes pareçam convincentes e adequadas para elas próprias e seus filhos.” (LIMA e VICENTE, 2016, p. 99). A partir do acesso a essas informações, as mulheres-mães serão capazes de decidir trajetórias a serem seguidas em suas gestações e partos.

Os Guias de Gestante e as orientações da OMS podem ser boas fontes de informação para as mães e gestantes que pretendem manter-se informadas.

As ONGs, como a Artemis e a também citada Rehuna⁴³, também cumprem papel importante nessa informação das mães. Vanessa diz durante a discussão: “Eu acho que todo mundo tinha que saber mais, gente!” (MAMILOS 11, 1:26:08 – 1:26:10). E segue: “Vamos empoderar a pessoa através de uma coisa que já deveria estar acontecendo: educação. Vamos ter conhecimento sobre o funcionamento do corpo.” (MAMILOS 11, 1:27:22 – 1:27:29). Essa necessidade do conhecimento sobre o corpo é problematizada por Alves (2015), quando afirma que:

Ainda que se insista na naturalidade do processo [...] multiplicam-se os especialistas em todo o tipo de aconselhamento, bem como as técnicas e as aprendizagens requeridas para uma mulher-mãe tornar-se uma “mãe natural”, aparente paradoxo que só reforça o quanto o corpo da mulher-mãe é investido por estratégias de saber-poder. (ALVES, 2015, p. 6)

Seguindo nessa linha de evidenciar a necessidade de conhecimento por parte da mulher, Vanessa desabafa:

Gente, a mulher não sabe que ela vai ter dor na bacia,... eu tenho paciente de 26 anos que chega lá pra mim e não sabe o que é o... o que é o clitóris. Então, assim, é uma coisa muito grave! Nós não temos conhecimento de anatomia, entendeu? Nas escolas... a mulher não sabe que o parto é fisiológico, que é uma coisa natural.(MAMILOS 11, 1:27:29 – 1:27:56)

Ainda nas palavras da própria obstetra Vanessa, “onde há ignorância, há abuso de poder. Vocês têm alguma dúvida disso?” (MAMILOS 11, 1:27:56 – 1:27:58). Além das discussões sobre o tipo de parto, as debatedoras conversaram sobre sutilezas do parto normal e sobre quando ele acaba tendo complicações e a necessidade de alguma intervenção. A episiotomia foi uma das práticas mais debatidas nesse trecho da conversa. Logo no início dessa discussão, uma das apresentadoras solicitou que fosse explicado o que é episiotomia. Ao que Valéria, a advogada, respondeu:

Episiotomia, doutora me corrija se eu estiver errada, é um procedimento cirúrgico dentro do parto normal vaginal. Em que vai ser cortado o períneo dessa mulher. O corte pode ser lateral, então, em direção à perna, à coxa, ou em direção ao ânus. E isso aumenta o campo de atuação para retirada do bebê. (MAMILOS 11, 1:01:09 – 1:01:28)

⁴³ <http://rehuna.org.br/> acesso em 21/11/2020

Como era a advogada quem estava com a palavra, ela tomou a frente para explicar o que é episiotomia, procedimento que provavelmente ela conhece muito bem, visto que trabalha diariamente com violência obstétrica. No entanto, ela pede que a “doutora a corrija se ela estiver errada” numa clara demonstração de que existem “poderes” e conhecimentos que são mais legítimos de alguns do que de outros. A partir dessa definição, elas começam a discutir sobre esse procedimento e a médica obstetra complementa dizendo que:

Não tem uma evidência científica de indicação absoluta de se fazer a episiotomia. Ela começou a ser utilizar... porque assim: muitas coisas a gente vai fazendo porque vai vendo o outro fazer, né?(MAMILOS 11, 1:02:05 – 1:02:14)

Chama a atenção a fala da médica, na qual ela inicialmente dá uma informação científica, dizendo que não há evidências de que seja necessário fazer a episiotomia na maior parte dos partos. No entanto, do alto de seu título de obstetra, ela afirma que “muitas coisas a gente vai fazendo porque vai vendo o outro fazer”. E essa é uma prática muito semelhante ao que ocorre entre as mães nos grupos de gestantes, nas trocas entre amigas e mesmo nas discussões dos *podcasts*. No fim, as trocas acontecem em todos os níveis e os saberes científicos também se alimentam delas.

As orientações da OMS se manifestam acerca dessas intervenções, recomendando

[...] também a modificação de rotinas hospitalares consideradas como desnecessárias, geradoras de risco e excessivamente intervencionistas no que tange ao parto, como episiotomia [...], amniotomia (ruptura provocada da bolsa que contém o líquido amniótico), enema (lavagem intestinal) e tricomia (raspagem dos pelos pubianos, e, particularmente, partos cirúrgicos ou cesáreas. (TORNQUIST, 2002, p. 484)

Em diversos momentos do episódio, foi possível perceber discordâncias entre a advogada e a médica, visto que a médica defendia, de forma muito mais evidente a cesárea, por considerar seu aspecto salvador de vidas. Não a utilizar, quando necessário, é um atraso, na opinião de Vanessa. Embora Valéria pareça concordar, em parte, com isso, ela ainda insiste que, na maioria dos casos, seria possível realizar partos normais, naturais e inclusive domiciliares. A esse respeito, e objetivando situar um pouco melhor diferentes ordens de argumentos relativos a essa problemática, transcrevo consideração feita por Alves (2015):

Antes regra para camponesas ou mulheres pobres em geral, com acesso dificultado aos recursos de saúde, o parto natural, em casa, sem anestesia, começa a figurar, entre as mulheres ricas e/ou escolarizadas, como a opção de distinção para a mulher que quer dar mostras de seu amor incondicional. (ALVES, 2015, p. 5)

A obstetra Vanessa manifestou ser radicalmente contra partos domiciliares por considerá-los muito arriscados e por esses representarem um maior número de morte materna, especialmente entre mães mais pobres que não têm condições de pagar para ter uma equipe com o equipamento adequado à disposição em sua residência.

Já sobre outro aspecto as duas concordaram totalmente: ambas acreditam que é necessário “desvincular o médico do pré-natal do atendimento ao parto. Para, gente, isso é uma coisa brasileira. Eu tenho que levar o meu médico, porque ele é um...”, como afirma Vanessa. Valéria logo concorda: “Esse é um modelo que não funciona.” (MAMILOS 11, 1:14:10 – 1:14:22). Essa afirmação causa grande alvoroço e Juliana Wallauer afirma estar “chorando sangue”, e complementa que “quer o seu médico” na hora do parto. A médica argumenta que, para que o médico do pré-natal possa estar presente em todos os partos normais de suas pacientes, ele não teria vida. Ele não pode estar sempre disponível. Ambas defendem a necessidade de haver equipes multidisciplinares que acompanhem as gestantes e parturientes, possibilitando, assim, o parto natural. Valéria argumenta:

O modelo desses países que têm menores taxas de cesariana e taxas mais aceitáveis de mortalidade materna e neonatal é como a doutora Vanessa falou. Então a gente tem uma equipe que vai acompanhar essa mulher no pré-natal e uma outra equipe que trabalha num esquema de plantão pra atender o nascimento em si, né? E não precisa ser um único profissional acompanhando uma única mulher, né? A equipe hoje tem que ser multidisciplinar e a gente sabe dos benefícios de ter um apoio multidisciplinar, envolvendo o aspecto psicológico da mulher, envolvendo o atendimento emocional, suporte emocional... Porque o parto não é só uma vagina se abrindo prum bebê sair. Não é só isso. O parto tem outros aspectos profundos, psíquicos, a resposta fisiológica depende desses momentos psicológicos da mulher. (MAMILOS 11, 1:15:30 – 1:16:25)

Problematizando essas questões, invoco, novamente, Alves (2015) que alega

Preparadores de parto, consultores em aleitamento, com *expertise* para ensinar de forma simples as principais

recomendações da Organização Mundial de Saúde; acompanhantes profissionais, responsáveis pelo conforto físico e emocional da parturiente, no acompanhamento durante o pré-parto, parto e pós parto, as “doulas” – um time de especialistas que se organiza em torno desta que dizem ser a mais natural de todas as funções femininas: tornar-se mães. Multiplicam-se, pois, peritos cujo saber parece radicar no poder de “devolver” a natureza à mulher. (ALVES, 2015, p. 6)

No episódio 12, em que o quadro *Fala que eu te escuto* contou com a leitura de e-mails e mensagens das redes sociais sobre o episódio 11, apenas um relato referente ao tema “parto” foi lido. Curiosamente, este relato foi feito por um ouvinte homem, ainda na maternidade, após o nascimento de sua filha. O relato não foi lido na íntegra pelas apresentadoras, mas Cris Bartis contou o que ele disse:

Cris Bartis - A gente trouxe a participação do Fernando, aqui de São Paulo, ele começa...(não tem como não cativar) ele começa o comentário falando que ele tá falando com a gente da maternidade, que o filho dele tinha acabado de nascer. Ele conta um pouco que ele e a esposa desejaram desde o primeiro momento parto normal, e foi assim durante toda uma gravidez que teve seus altos e baixos, mas no geral foi tranquila. Mas ao chegar na maternidade, o tempo foi passando, nada de ter dilatação... eles sempre atendidos, sempre assistidos por uma enfermeira. Ela já estava lá há muito tempo. Eles vão pra maternidade muito cedo. Às 19 horas, que ele consegue, enfim, o atendimento de um obstetra e fala, olha.... Ele fala que se sente muito... de mãos abanando, né, sem poder fazer nada por ela, ali, ela sentindo muita dor. Até que finalmente o obstetra fala: não, vamos lá, então, vamos fazer a cesárea. O bebê nasceu com o cordão umbilical enrolado, sinais vitais fracos, foi uma correria absurda, eles passaram um mega susto. Três dias depois, ele ainda... tá tudo bem, mas ele ainda tá no hospital com a esposa porque ela perdeu muito sangue. Então fica aí registrada a história do Fernando. Foi muito conturbado, ele coloca como traumatizante, principalmente os "corres" que ele ficou pra tentar ajustar as coisas ali e fazer com que a esposa dele não sofresse tanto, mas ele entende que não foi o momento, não teve nada a ver com o que foi planejado e ele entende também que eles não tiveram a assistência necessária pra que o processo não dado como encaminhado tivesse tomado outros rumos corretos, teriam sido feitas outras coisas pra evitar o estresse que aconteceu num momento que era pra ser só um momento mágico. De qualquer forma, não tem como terminar melhor esse contato, ele mandou uma "fotinha" da Manu. Beijo pra Manu que chegou aí. (MAMILOS 12, 2:40 – 4:40)

Após a leitura, Juliana Wallauer comenta: “E agora é isso que importa, né? Agora, agora a aventura começa! Parabéns, Fernando, bem-vindo ao lado

de cá. ” Essa frase final traz o ouvinte para perto de novo. Bem-vindo ao lado de cá, o lado daqueles que vivem a parentalidade. Entre na rede, faça parte, continue participando.

E esse “agora” referido pela apresentadora Juliana Wallauer é o chegar em casa e “dar de cara” com o puerpério.

O episódio 190, que fala sobre o puerpério, abordou as alegrias e dificuldades vividas pelas mães e pais nesse período. O programa foi construído a partir de relatos dos ouvintes, que foram convidados a participar algumas semanas antes da publicação do episódio, pelas redes sociais do canal.

É importante registrar, também, que a “convocação” para a participação dos ouvintes foi feita pelo *Instagram*, na modalidade *Stories* (publicações que ficam no ar por 24 horas e depois são apagadas). Nas publicações, o apelo era o seguinte: “Rede mamilinda, temos um pedido super especial pra vcs [sic]” (seguido da imagem de duas mãozinhas formando um coração). Depois desse primeiro apelo, elas passam todos os detalhes do que precisam, explicam que o programa falará sobre puerpério (e já explicam o que é) e, de forma muito organizada e didática, enumeram os tipos de relatos que gostariam de receber: de uma mãe que tenha passado feliz pelo puerpério, de outra que tenha tido *baby blues*, outra que tenha tipo depressão pós-parto, relatos de mães que tenham passado pelo puerpério sozinhas, de mães que tenham dividido esse momento com uma companheira e também o relato de um pai.

É importante registrar o “tom carinhoso” do convite feito aos ouvintes, que se expressa tanto na imagem de um coração formado pelas mãos, quanto pela denominação atribuída à rede que as organizadoras intencionam formar - “*mamilinda*” – termo que alude e reúne as palavras mamilos e linda, ressonando uma imediata valorização positiva das possíveis participantes. As produtoras dão ênfase a ser esse um pedido de ajuda para encontrar sujeitos que possam ter vivido a “experiência” do pós-parto de diferentes formas. Elas argumentam que os relatos enviados pelos ouvintes, parte dessa comunidade virtual carinhosamente chamada de “*mamilinda*”, serão valorizados, mesmo que passem por uma triagem das produtoras. É possível identificar nesta postagem⁴⁴ uma forte intenção de as produtoras indicarem o quanto valorizam a comunidade

⁴⁴ Essa prática de convocar por meio das redes sociais os ouvintes a contribuírem para os episódios é recorrente, tendo sido usada outras vezes pelo canal.

virtual que é alimentada pelo canal Mamilos a cada programa – o que dá destaque ao papel solidário que elas atribuem ao grupo que lideram, destacando a importância do compartilhamento de experiências, vivências, sentimentos, medos, fragilidades, alegrias para que, assim, se torne possível construir uma comunidade genuína, que se apoia e que se ajuda. E nesses tempos de intensa conexão virtual e, por vezes, de pouca conexão presencial, especialmente durante o isolamento social imposto pela pandemia, essa parece ser uma tendência que passa a ser salientada por vários grupos nas redes sociais, tal como podemos perceber em considerações feitas por Cristianne Famer Rocha, quando essa autora ressalta:

Se a comunidade de laços físicos sucumbe (se é que algum dia ela existiu) – dada a nossa falta de tempo para os demorados encontros pessoais e o constante medo, que estimula a crescente falta de confiança uns nos outros -, um outro tipo de comunidade vai se formando, mediada pelo uso constante das inovações tecnológicas. (ROCHA, 2005, p. 241)

A esse grupo, que nas ações de conexão incentivadas pelas líderes se torna “íntimo”, é feito um apelo candente, que envolve um pedido de auxílio para a produção do próximo episódio. Ou seja, as produtoras convocam seus ouvintes a se tornarem participantes ativos na produção do programa, ao solicitar que façam relatos por e-mail sobre suas experiências sobre este tema, ou que indiquem sujeitos que possam participar do programa por se encaixarem nos perfis definidos pelas produtoras. O alerta contido na expressão “não inviabilize” configura-se igualmente como uma estratégia direcionada a fazer os fiéis acompanhantes do programa sentirem-se ainda mais comprometidos com o canal, pois, afinal, eles/elas auxiliaram na busca por participantes. É importante registrar tais estratégias de convocação, que dão destaque ao papel fundamental que o público que integra essa comunidade virtual tem para a viabilização do programa; além disso, essas denotam a confiança que as produtoras depositam nesse público e objetivam conectá-los, ainda mais, com os conteúdos que integram a programação do canal.

É importante apontar para a categorização de mães puérperas, que está explicitada no convite. Essa, além de definir quem são essas mulheres puérperas, sinaliza, também, para a possibilidade de passar-se de diferentes formas pelo puerpério. Ou seja, antes mesmo de o programa “ir ao ar” já está

definida uma variedade de cenários para essa vivência, que, pelo visto, pode transcorrer talvez diferenciadamente em famílias consideradas “padrão”, com pai, mãe e bebê, e em outras configurações familiares - mães sozinhas ou duas mães, por exemplo. De qualquer forma, as produtoras demarcam diferentes contextos em que o puerpério pode ser vivido, bem como se interessam por colher depoimentos que envolvam uma variedade de sujeitos que inclui, inclusive, pais. É relevante informar que, de acordo com as produtoras, foram enviados 60 relatos de ouvintes para o e-mail indicado. Desses, 32 eram relatos de pais. Aliás, nessa proposta, também está por certo contida a busca por incluir toda uma gama de ouvintes do canal, que sempre se apresenta como empático e respeitoso com a multiplicidade de sujeitos que integram as sociedades atuais.

Esse episódio, lançado no dia 29 de março de 2019, foi consideravelmente longo, tendo ido, inclusive, um pouco além do padrão usual do canal. No início do episódio, as apresentadoras ressaltam que esse foi o “tema mais pedido dos últimos tempos” e afirmam:

Atendendo a esses pedidos, buscamos relatos diversos para abraçar diferentes experiências de puerpério. Mas claro, como sempre, a gente só dá o pontapé inicial dessa conversa. Vem com a gente e depois contribui contando a sua experiência para o mamilos@b9.com.br. (MAMILOS 190)

Nessa afirmação, as apresentadoras assinalam, mais uma vez, que a programação do Mamilos é construída pelo público. Suas considerações representam, dessa forma, o Mamilos como um canal voltado a refletir os interesses do grupo que o constitui – esse não é, portanto, um canal idealizado apenas por suas promotoras. E isso se expressa na forma como marcaram ter construído a pauta do programa sobre puerpério: a audiência vinha ativamente solicitando a abordagem deste tema; os ouvintes foram convidados a relatar suas experiências sobre o tema; e mais do que isso, esses foram convidados a definir os convidados a discutir este tema no programa. Afinal, como as apresentadoras registraram, seu papel é, apenas, o de dar o “pontapé inicial” na conversa.

O episódio como um todo girou bastante em torno dos desafios do puerpério, no entanto, logo no início do programa elas trazem um relato de uma mãe que passou feliz pelo puerpério:

Os cinco meses de licença maternidade foram os cinco meses mais felizes da minha vida. Minha filha era tudo, e continua sendo. Eu sinto saudade de cada segundo daquela época. (MAMILOS 190, 8:30 – 8:38)

Uma das angústias mais mencionadas pelas mães ao longo desse e de outros episódios é a culpa, o medo de falhar. Como já foi comentado anteriormente, há muitas cobranças em relação às mulheres-mães. O histórico de naturalização da responsabilidade, a desvalorização da mulher, a sacralização da função materna..., tudo isso colabora para esse senso de responsabilidade excessiva e para a busca da perfeição que acompanha muitas mulheres ao longo da jornada materna. Mas essas questões ficam ainda mais intensas nesse período tão sensível chamado puerpério, devido às oscilações hormonais e às mudanças que se apresentam. Para intensificar essa ideia de cuidado, ainda temos “os manuais de puericultura [que] dedicam muitas páginas à importância da mãe e dos cuidados maternos nos primeiros meses e anos da vida para o desenvolvimento ulterior do indivíduo.” (LIMA e VICENTE, 2016, p. 106). Essa preocupação é externalizada por Juliana Wallauer no episódio 190 de forma até um tanto indignada:

A gente entra numa "pira" de fazer a coisa, que eu acho que tem a ver com a entrada da mulher no mercado de trabalho, nesse *keep eye*⁴⁵ pra tudo, em trazer uma lógica que não era da educação, que não era da relação, uma lógica que não era doméstica pra criação do bebê. Que é linha de produção, que é controle zero, que não pode ter... qualidade total, sabe? A gente não pode ter desvio. Sabe, 100%. Se um dia ele viu TV, derreteu o cérebro... (MAMILOS 190, 41:36 – 42:05)

Essa fala de Juliana Wallauer traz diversos questionamentos importantes. A relação que ela faz da mudança dos paradigmas da maternidade depois da entrada da mulher no mercado de trabalho, quando as expectativas e cobranças passam a ter um quê de corporativo. Isso é muito emblemático, pois a mulher-mãe, quando entra no mundo do trabalho, acumula funções e, além de acumulá-las, importa a lógica da empresa para dentro de sua casa. Alves (2015) problematiza essa necessidade que a mulher-mãe tem de articular diversas regras e comportamentos, indicados por prescrições “meticulosamente descritas”, como uma “gramática que deve reproduzir”. Segundo a autora, assim

⁴⁵ Ficar de olho – expressão que indica a ideia de não desconectar, de ter o controle de tudo.

“emerge, transformada e convertida, a mãe” (ALVES, 2015, p.11). Retomo aqui a colocação de Isis Carolina, trazida no episódio 147: “A mãe, o indivíduo mãe, independente de casada ou não, ela é um indivíduo que historicamente é desumanizado. ” (MAMILOS 147, 45:31 – 45:37), que parece ser muito pertinente a essas questões.

Em meio a todas essas (auto) cobranças, a mãe se vê responsável por todos os problemas que possam vir a surgir com a criança; pois, além de ser historicamente atribuída a ela essa responsabilidade, muitas vezes ela arca com a criação de seus filhos totalmente sozinha. Cris Bartis critica essa realidade:

Eu costumo falar isso para uma amiga nossa: ter filho é tarefa pra dois. [...] Sabe essa história de que a culpa é sempre da mãe? É porque ela cria sozinha [...] Quando você coloca mais gente nesse trabalho, a gente começa a ver que existe uma sociedade pra criar uma criança. [...] Ter que decidir tudo sozinha deve ser muito difícil, principalmente porque não pode errar, né?” (MAMILOS 190, 1:21:08 – 1:22:18)

Aliás, reflexões nesta direção são feitas por Badinter, quando afirma: “Cabe perguntar se o apelo sempre renovado do instinto materno, e dos comportamentos que ele pressupõe, não é o pior inimigo da maternidade”, na medida em que delega à mãe toda a responsabilidade por essa escolha e por essa “graça”. (BADINTER, 2011 e-book). E essa “graça”, quando naturalizada, concede à mãe um suposto poder, já mencionado, que causa esse sentimento ambivalente de sentir-se sobrecarregada, mas de assim mesmo querer atingir a perfeição (inatingível).

Além das cobranças imediatas, ainda existem os reflexos a longo prazo. A ideia de que o vínculo estabelecido entre mãe e bebê vão definir muito das condições de desenvolvimento e felicidade daquele indivíduo é uma carga muito pesada para as mães. Existem várias teorias que entendem que “enquanto as crianças com uma vinculação segura se transformam em adultos socialmente responsáveis e autônomos, aquela cuja vinculação à mãe é classificada como insegura desenvolvem personalidades antissociais”. (ALVES, 2015, p. 7). Essas concepções de que tudo depende da mãe a coloca numa busca incessante pela fórmula perfeita.

Tais cobranças tendem a complicar um quadro que naturalmente não é simples de enfrentar: o puerpério. Cris Bartis comenta sobre as dificuldades vividas por ela e fala também sobre o *babyblues*.

O *babyblues* me lembra muito a negação excessiva que a gente tem da tristeza. Como se a tristeza não fosse permitida. Você é obrigada a ser feliz, afinal você tem um bebezinho lindo nos braços e ele tá saudável. Não, você pode ter isso. O puerpério é a situação mais conflitante que eu já vivi na minha vida. Nunca estive tão plena e nunca estive tão exausta. É normal que eu tenha tristeza. Eu falo com as pessoas que privação de sono é técnica de tortura, não é à toa. Você perde capacidade de raciocínio, você perde a capacidade de perceber as situações como elas realmente são, tudo ganha lente de aumento. Não é possível humanização, comunicação não violenta, disciplina positiva e criação de apego com privação de sono. Ninguém é capaz de fazer isso estando privado de sono. Então é normal que você fique muito triste durante alguns períodos. Isso é o *babyblues*, né, que ele não é uma doença, mas é uma condição. E é muito importante ressaltar que essa tristeza precisa ser respeitada. Como que você vai estar feliz, se tem 3 dias que você não dorme mais de 2 horas. Não dá pra ser feliz nesse período e tá tudo bem não ser feliz. (MAMILOS 190, 1:34:30 – 1:35:45)

Muitas vezes, quando a mãe puérpera está passando pelo *babyblues*, ainda precisa dar conta de julgamentos e questionamentos. Como ela não está feliz? Se arrependeu de ter o bebê? E outras perguntas do gênero. Ainda podemos acrescentar a esse quadro complexo o preconceito relacionado às doenças mentais como a depressão. Se houver a necessidade de medicação, inicia-se novo drama: e a amamentação? A “fraqueza” da mãe interferindo da nutrição da criança. São muitas cobranças.

Sobre isso, a psicóloga Juliana Gil, convidada deste episódio fala:

Esse olhar muito atento pra mulher, pra mãe, ele é o que a gente precisa difundir, né? Eu sugiro outdoors! (risos) Do tipo: é normal você sentir coisas ruins além das experiências encantadoras, né? Essa questão do sono, mesmo, né, eu acho que quando você compartilha isso, Cris... De fato, sem dormir tudo fica mais complicado como a gente falou agora há pouco né, mas o que acontece é que a gente fica querendo cumprir uma tabela que não sei quem inventou e não sei quem disparou, e isso traz mais sofrimento. (MAMILOS 190, 1:38:57 – 1:39:33)

Percebo na fala de Juliana Gil, quando ela “sugere outdoors”, que há uma necessidade por informação e vejo aí a pedagogia cultural operando novamente. O próprio episódio do *podcast* opera como uma pedagogia cultural e refere a

necessidade de outros artefatos midiáticos operando como tal. Trago agora alguns comentários de ouvintes lidos no programa. Todos eles evidenciam a formação do vínculo entre a rede de ouvintes e produtoras e também a pedagogia cultural operando.

Transcrevo abaixo parte do relato de uma ouvinte enviado ao programa por e-mail. Neste e-mail, a ouvinte relata seu puerpério morando em outro país, longe da família, bem como as complicações que enfrentou. No relato ela afirma ter encontrado o Mamilos e que os episódios deste canal a acompanharam durante a solidão do puerpério.

Comecei a ouvir os episódios freneticamente. Eu precisava de uma voz adulta, ainda que virtual, mas que fizesse companhia nos longos dias. E foi o que aconteceu: passei a ter o que conversar com meu esposo e ainda hoje é comum que eu converse com ele dizendo: “a Ju disse isso, a Cris comentou aquilo”. E foi no meu puerpério doído, sofrido, solitário que me tornei seguidora da “palavra do Mamilos” e pude voltar a sorrir, a pensar além de mim e, principalmente, a encontrar o meu eu. (MAMILOS 191, 2:46:09 – 2:49:57)

Aparece no relato a ideia de acolhimento, a identificação, o pertencimento. Entendo que esse último comentário reúne referências a várias citações e reflexões já feitas até aqui, pois ele evidencia o poder da sociedade em rede, pois, como afirma Marcilene Forechi,

Estar nas redes sociais digitais significa mais que participar de um movimento, de uma moda, de uma tendência. Significa a possibilidade de, por meio da mediação tecnológica, falar para uma audiência ampliada – e ser “ouvido” por ela -, que se encontra muito além do nosso alcance geográfico e que não reconhece hierarquias ou fronteiras físicas. (FORECHI, 2018, p. 13)

Exemplifica o excerto de Forechi (2018) o relato enviado por um pai (lido por Juliana Wallauer), sobre o puerpério que viveu com sua esposa.⁴⁶

Ser mãe, assim como ser pai, me parece mais uma construção do que um dom, é um trabalho diário. A partir do momento que entendi isso o caminho começou a ficar mais claro. A Lílian precisava de atenção tanto quanto a Helena. Ela voltou para terapia, buscou apoio de amigas que viveram a mesma experiência. Aos poucos foi se livrando do peso da figura da mãe sagrada e idealizada. Eu sinto que a nossa experiência poderia ter sido menos complicada se a gente soubesse desde sempre

⁴⁶ Esse relato fez parte do programa, foi um daqueles 32 relatos de pais enviados para a produção do episódio. Não é, portanto, um comentário sobre o episódio 190. Ainda assim, é possível ver a pedagogia cultural operando em suas “falas”.

que a maternidade tem muitos percalços. Mas existe um tabu. Geralmente a gente não fala sobre esses problemas. Que bom falar sobre isso aqui. O Mamilos é muito necessário. (MAMILOS 190, 48:25 – 48:59)

O relato desse pai evidencia a necessidade de discussão sobre o tema. Por ser romantizada e sacralizada, a maternidade não pode ser “maculada” com os problemas que lhe são inerentes, especialmente nos primeiros meses de vida do bebê. O pai fala em tabu no relato acima e menciona a importância do canal Mamilos ao disseminar esse tipo de informações. Esse diálogo entre produtoras e ouvintes, e dos ouvintes entre si, nos indica estar em operação uma pedagogia, pois comentários e diálogos que integram episódios do canal Mamilos de *podcast*, referem a ocorrência de ensinamentos e aprendizagens.

Essa é uma rede social digital em que, tal como afirma Castells, “Falar e agir dá origem às teorias de rua e as unge de significado” (CASTELLS, 2018, p. 298). A troca de experiências auxilia as mulheres-mães e suas famílias a passarem por essa e por outras fases da maternidade, embora ela não diga respeito à informação, nem mesmo se estabelece como opinião. “[...] relaciona-se antes à suspensão da ação, à receptividade, à abertura, ao padecimento e à paixão. E, se for possível pensar em um saber derivado da experiência, é necessário distingui-lo do conhecimento científico ou tecnológico [...]” (LIMA e VICENTE, 2016, p. 105)

Retomando os comentários lidos no episódio, destacarei abaixo dois deles, um do Twitter e outro do Instagram, lidos por Juliana Wallauer, que evidenciam o entendimento de rede de trocas de experiências.

Mesmo após dez meses de parida vocês vêm me dar esse tapa na cara! Achei que um dia ia voltar a ser eu mesma, mas nunca serei. E percebi que se não foi fácil pra mim, pro meu marido muito menos. Obrigada, Mamilos, esse episódio vai ficar no repeat. Feat Mães de Merda!

Me pergunto se alguma mãe conseguiu ouvir esse episódio sem chorar. Chorei em todos os relatos. Que incrível esse episódio, quanta sensibilidade. (MAMILOS 191, 50:30 – 50:41)

Em ambos os comentários, há uma maneira carinhosa de “falar”. No primeiro, a ouvinte enfatiza a importância do tema abordado no programa, quando diz que vai colocá-lo no *repeat*. Sua fala também revela um aprendizado: seu marido também sofreu no puerpério. Essa revelação pode indicar que essa

mãe nunca tenha percebido o quanto carregava apenas consigo as dificuldades e culpas de criar um filho. Ao citar o bordão “Mães de Merda” fica evidente, também, o fato de que ela acompanha o canal e que carrega consigo as aprendizagens e reflexões que se desenvolvem a partir de sua escuta. Além disso, o bordão também indica que ela considera não ter atingido a almejada perfeição.

O comentário a seguir foi escrito no Instagram e lido no ar por Juliana Wallauer:

Excelente programa! Mais um! Meus filhos já estão grandes, mas o programa me fez revisitar todo o meu período pós-parto. Foi uma ótima viagem. Uma dica para a lista de recomendações é o filme Tully, vai na mosca. As cartas dessa semana foram de chorar muito. Quanto depoimento verdadeiro. É o que vocês fazem com todos os ouvintes. Uma enorme vontade de se abrir, pois todos sabemos que seremos escutados e acolhidos. Vocês são 10. (MAMILOS 191, 50:41 – 51:03)

Este comentário evidencia a já mencionada variedade de ouvintes do programa. Não são apenas mães recentes ou de primeira viagem que escutam os episódios. Tampouco, os ouvintes parecem escolher os episódios pelo tema indicado no título. Em diversos relatos, os ouvintes indicam que “apesar de não ser mãe”, “apesar de não ter filhos pequenos”, ouviram e foi uma grata surpresa. Em uma mensagem lida por Juliana Wallauer, um jovem de 18 anos comenta que, mesmo não sendo pai, ele passou a entender melhor sua mãe depois de ouvir um dos programas.

Voltando ao comentário acima, também podemos identificar, mais uma vez, a importância dada à rede de ouvintes do Mamilos e ao vínculo estabelecido com as apresentadoras. O tom da mensagem dá um ar de intimidade (que não é real, por certo), mas que aproxima virtualmente essas pessoas dessa rede, possibilitando que as conexões aconteçam.

O último comentário sobre o episódio foi lido pela apresentadora Juliana Wallauer:

Nem 10 minutos de *podcast* e eu já estava em lágrimas. A minha mãe foi fundamental para mim no puerpério. Naquele momento em que era tão normal que os outros olhos estivessem no bebê, os dela estavam em mim e no meu marido. Por mais que ela já tivesse seus filhos e já tivesse participado da criação de vários sobrinhos e afilhados, ela ouvia, e ainda ouve, cada descoberta minha com o maior interesse. Nós, mães e papais de hoje, precisamos mesmo aprender a valorizar o conhecimento que

nossas mães, sogras e avós têm e não ficar tão bitolados no que o pediatra do Instagram posta. Um meio termo é possível. Parabéns pela empatia, delicadeza e sensibilidade com que vocês tratam os temas. Eu amei e, enquanto ouvia o programa já estava recomendando para amigas mães, amigos pais e todo mundo. (MAMILOS 191, 2:51:11 – 2:51:52)

Acrescento a este comentário uma fala da apresentadora Cris Bartis no episódio 190:

Há muitas pesquisas, hoje tem muitos tratados. A internet transformou a maternidade porque te trouxe acesso a milhares de informações que a sua mãe não teve. (MAMILOS 190, 20:55 – 21:04)

As transformações na maternidade, causadas pela ampla oferta de fontes de informação é evidente nesses e em outros excertos do programa, bem como nas pesquisas de diversos autores que me respaldaram nesse estudo. Sobre essa mudança na localização do conhecimento, dessa transição da troca de informações face a face para a troca virtual, encontramos várias reflexões na obra de Jenkins (2009). Ele refere, em seus estudos, a “capacidade das comunidades virtuais de alavancar a expertise combinada de seus membros. O que não podemos saber ou fazer sozinhos, agora podemos fazer coletivamente.” (JENKINS, 2009, p. 56).

Passo a seguir ao segundo eixo de análise, que abarca a sobrecarga das mulheres-mães, na chamada dupla-jornada de trabalho.

Eixo 2. Representações sobre Maternidade e trabalho

Karina Alves (2015), embasada em reflexões de Dagmar Meyer (2005), usa a noção de “politização do feminino e da maternidade” para “pensar as atuais condições que reinscrevem a mulher-mãe em um regime de vigilância e regulação de certos modos de viver e sentir a maternidade que incidem na quase exclusiva responsabilização da mãe pelo bem-estar das crianças.” (ALVES, 2015, p. 2). Ainda em relação às expectativas historicamente atribuídas a muitas mães, cabe ressaltar que essas tendem a culpar-se (e muitas vezes são culpadas/ julgadas por terceiros), não se considerando boas mães quando não as atendem.

As apresentadoras e convidadas do episódio 23 trazem essa culpa e frustração para o debate. Juliana Wallauer fez a seguinte declaração: “Mãe de merda! Sabe, tipo... Você foi resolver algum problema na rua, levou as crianças e aí de repente era duas da tarde e as crianças não tinham almoçado. Mãe de merda! Deixou as crianças sem comer! Né, mãe de merda!” (MAMILLOS 23, 57:38 – 57:53). Apesar do tom debochado com que a apresentadora faz esse relato, é evidente o incômodo que este tipo de situação gera nela e nas outras mães que participavam da conversa. Outras situações semelhantes foram sendo relatadas – a mãe que esquece de cortar as unhas do filho, ou de mandar um material para escola, todas elas vão sendo mencionadas, mesmo que sarcasticamente, como “mães de merda” registrando-se, assim, no programa, a culpabilização que as mães constantemente sofrem, quando expectativas previstas deixam de ser cumpridas.

Klein, Meyer e Borges (2013) nos auxiliam a entender questões tais como essas quando refletem sobre a responsabilidade atribuída às mães de cumprirem seus deveres a qualquer custo, ignorando aspectos culturais ou sociais que possam interferir no exercício da maternidade, como mães que trabalham e não tenham com quem deixar seus filhos, por exemplo.

Essa exigência de dedicação total que, como Juliana Wallauer mencionou anteriormente no mesmo episódio, corresponde a um “apagamento completo” da mulher e a sua substituição pela mãe, nem sempre é possível. Isso porque muitas mães trabalham, têm mais filhos, cuidam de familiares idosos ou não têm com quem deixar a criança, e isso faz com que acabem por se sentir frustradas e por se considerarem más mães por não “darem conta” de suas tarefas.

Com base nesses breves relatos e em outras situações que apresentarei ao longo da análise, me parece evidente a necessidade de discutir mais amplamente essas questões, pois ainda circula largamente pela sociedade a representação de uma mãe perfeita como “aquela que amamenta, com exclusividade, pelo menos até os seis meses do bebê, não recorre a creches antes de se aprofundarem os vínculos mãe-bebê, não recorre a fraldas descartáveis nem a alimentos industrializados”, tal como registrou ALVES (2015, p 7). Nos Estados Unidos, a *La Leche League* iniciou uma militância nesse sentido, a partir dos anos 1950. Badinter (2011) atribui a essa militância a mudança de hábitos (no sentido de apoiar a amamentação) que vem

acontecendo desde aquela época. A associação tinha como propósito “ajudar “de mãe para mãe” todas as que desejam amamentar sem ousar fazê-lo por medo das dificuldades”. (BADINTER, 2011, e-book, grifos da autora). A militância, que inicia com a campanha do aleitamento, vai crescendo, se desenvolvendo em torno de quatro pontos principais: “a autoridade moral da natureza, as vantagens do aleitamento, a condição da mulher e a reforma moral da sociedade.” (ibidem). Todas essas “diretrizes” acabam por sobrecarregar ainda mais a mãe, naturalizando, mais uma vez, aspectos que na verdade tem origem cultural. Há algo de inatingível nessas cobranças feitas às mães. Não apenas nos cuidados com o bebê recém-nascido, mas ao longo da vida das crianças. Nessa representação, a mãe acaba por ter que se dedicar exclusivamente aos filhos e, como ressaltou Cris Bartis, no programa 147 do Mamilos, “você leva o estado mãe para uma coisa sacra, que só reforça mais trabalho, mais exaustão, porque você tem que ser essa mãe do lugar santificado, sabe?” (MAMILOS 147, 49:19 – 49:30) Em resposta a essa fala de Cris Bartis, a convidada Rebeca Lerer, que é ativista de direitos humanos, ressaltou que tenta escapar dessa mãe exclusivamente dedicada. Revelou seus planos para o futuro, disse que pretende viajar, intensificar sua vida profissional que, segundo ela, precisou de uma pausa⁴⁷ de 18 anos, para dali a 3 anos, quando sua filha completasse 18 anos. Ela enfatiza o fato de que as mulheres-mães mais antigas tendiam a se anular completamente, como se se rendessem a essa condição. Na opinião dela, as mães como ela e outras de sua época lutam contra essa anulação, diferenciando-se de suas mães, que pareciam não ter planos para o futuro: “a gente não ouvia nossas mães pensando assim”. (MAMILOS 147, 57:27 – 57:34). É possível dizer que esse ideal de mãe sagrada, que acompanha as mulheres há muitos séculos, é um entendimento que facilita a romantização desse papel e a sobrecarga de responsabilidades atribuída a ele. Como Lauxen & Quadrado (2018) ressaltaram “O ideal cristão do exercício da maternidade compreende que as mães devem sacrificar suas vidas e desejos pelo bem-estar

⁴⁷ Ela fala sobre essa pausa durante a discussão. No entanto, a pausa não é no trabalho em si, mas na forma como ela o exerce. Antes de ser mãe, ela participava de manifestações que, muitas vezes, resultavam em agressões físicas sofridas por ela. Quando sua filha nasceu, ela decidiu que não poderia se expor a tais riscos, sob pena de não poder mais cuidar de sua filha. Ela ressalta a necessidade ainda maior de ter esse cuidado em virtude de sua condição como “mãe-solo”, já que o pai de sua filha é ausente.

das/dos filhas/os, uma atitude que acaba sendo naturalmente esperada pela sociedade” (LAUXEN e QUADRADO, 2018, p. 7). Daí a impressão de que não se ouvia as mães da geração anterior fazerem planos para depois dos filhos crescerem. Afinal, depois elas seriam avós e continuariam sua saga de servidão à família. Quando se veem “livres” dessa demanda, muitas delas acabam perdidas, pois não aprenderam a exercer outros papéis. Essa expectativa de dedicação exclusiva, de acordo com as convidadas do episódio 147, é perceptível em diversos momentos, como quando uma delas conta que vai a festas e diversas pessoas perguntam; “Com quem está a sua filha?”

Mulheres que trabalham fora somam a essa cobrança à sobrecarga de trabalho e exaustão no fim do dia. Muitas acabam por evadirem-se do mundo do trabalho para criarem seus filhos. Na abertura do episódio 196, que focaliza relações entre mães e carreiras profissionais, Juliana Wallauer levanta perguntas, tais como: “Você já se questionou quanto do celebrado empreendedorismo materno não é resultado de um mercado que expulsa as mulheres que têm filhos?” e “Quantas mulheres pedem demissão porque não têm com quem deixar seus filhos?” (MAMILOS 196, 6:22 – 7:13)

Várias autoras como Meyer (2008, 2005), Klein (2012) e Klein, Meyer e Borges (2013) problematizam essas questões destacando a necessidade, sempre afirmada, de que a mulher que permanece no mercado de trabalho tem de reorganizar a vida doméstica, recorrendo a terceiros para garantir alimentação, cuidado e educação, “uma vez que, na maioria das vezes, não pode mais ser a mãe a fazê-lo, pois ela precisa ganhar dinheiro para garantir a sobrevivência da família”. (KLEIN, MEYER E BORGES, 2013, p. 915).

Parece-me importante referir aqui que, quando as mulheres se tornaram trabalhadoras, instaurou-se

A lógica da dupla responsabilidade, que se consolidou no século XX, com o avanço da industrialização e da urbanização, recebendo por parte das análises feministas contemporâneas a designação de “dupla jornada de trabalho” (SCAVONE, 2001, p. 49)

Para exemplificar, trago uma fala de Cris Bartis no episódio 196:

E como a maternidade impacta a vida das mulheres que continuam na carreira? São mulheres que precisam trabalhar como se não tivessem filho. E precisam ser mães como se não trabalhassem. (MAMILOS 196, 11:33 – 11:44)

A discussão ganhou, a partir dessa sua colocação, outros desdobramentos implicados com a atribuição de culpa às mulheres, não apenas por essas não alcançarem sucessos na função materna, mas por passar a ter a mulher-mãe as mesmas angústias e frustrações em seu ambiente profissional. Entre as preocupações da mãe que trabalha, a mais séria talvez seja: a quem delegar os cuidados dos filhos, especialmente os menores.

A apresentadora Juliana Wallauer menciona esta questão no episódio 196:

É uma política pública entender que se não tiver creche, hoje, do jeito que a gente configurou culturalmente a sociedade, quem é que vai ser penalizada? São as mulheres! (MAMILOS 196, 32:42 – 32:53)

Neste ponto da discussão, a convidada Mel Veneroso⁴⁸ e a apresentadora Cris Bartis complementam a fala de Juliana Wallauer, quando argumentam:

Mel - “É pensar a política a partir da realidade local. Cris - E quem vive a realidade local, sabe que creche parental⁴⁹ é a realidade da maioria das populações.” (MAMILOS 196, 35:54 – 36:04)

No episódio 196, as apresentadoras e convidadas também problematizam as dificuldades enfrentadas pelas mulheres e mulheres-mães no ambiente de trabalho antes mesmo da contratação, já na entrevista de emprego, momento em que, muitas vezes, são abordadas pela pergunta: “Você é mãe?” ou suas variantes: “Você pretende ser mãe?”, “Você é casada”, “Você tem com quem deixar seus filhos”? Elas ressaltam que a possibilidade de se tornar mãe, mesmo ainda não sendo, já se define como desvantagem para as mulheres na carreira.

Em um comentário de uma ouvinte sobre esse episódio, esse receio que se apresenta pelo simples fato de ser mulher, fica bastante evidente:

O episódio sobre maternidade e carreira do Mamilos relatou um dos meus maiores problemas. Sempre penso, ninguém emprega mulher grávida. Então vou esperar, mas morro de medo das pessoas pensarem: casada, sem filhos, não vou dar emprego

⁴⁸ Na época doutoranda em sociologia e realizando o estudo intitulado *Diferenciais de Participação Laboral e rendimento por Gênero e Classes de Renda: uma Investigação sobre o Ônus da Maternidade no Brasil*

⁴⁹ Creche parental é o nome dado às organizações informais de mães, que estabelecem sua rotina de trabalho de forma que tenham, por exemplo, um dia livre na semana para cuidar dos seus e dos filhos de outras mães que fazem parte dessa rede e que, por sua vez, reservam outros dias da semana para o mesmo fim. Desta forma, a cada dia uma das mães cuida dos filhos de todas para que as outras possam trabalhar.

porque daqui a pouco ela vai engravidar. (MAMILOS 197, 1:24:39 – 1:24:54)

Durante o debate, elas atribuem à Licença Maternidade o peso dessa discriminação. Ponderam que, se os homens também tivessem direito a essa licença de forma proporcional (com mais tempo), como ocorre em alguns países como Coreia do Sul, Japão e França⁵⁰, entre outros, não recairia sobre as mulheres o peso desse “prejuízo”, como disse a apresentadora Juliana Wallauer: “De partida, a gente já tem essa licença de 4 a 6 meses. Isso implica na hora da contratação”. (MAMILOS 196, 30:34 – 30:45). Além do impacto na contratação, as debatedoras destacam o impacto na evolução da carreira propriamente dita. A convidada Mel Veneroso problematiza:

Se afasta do trabalho por um tempo no início da maternidade, né, então, assim, esse tempo é uma perda de experiência. Aquele cara que tá ali, no mesmo cargo que você, acompanhando a sua trajetória e tal, [...] ele não perde essa experiência, ele não sai do mercado de trabalho. (MAMILOS 196, 19:28 – 19:44).

A apresentadora Juliana Wallauer complementa, então, trazendo informações sobre o impacto da licença maternidade na carreira de mulheres acadêmicas, trazendo a seguinte contribuição:

Eu li um artigo muito interessante sobre carreira acadêmica, que mostra isso. O *gap* no Lattes. Porque você fica um ano, um ano e meio sem conseguir incluir artigos e tal. E aí você tá ficando pra trás. (MAMILOS 196, 19:45 – 19:59)

Elas comentam, então, alguns processos seletivos que conferiam um tempo maior de análise do currículo de mulheres que haviam passado por uma licença maternidade, uma vez que esse tempo “improdutivo”⁵¹ impactaria, por exemplo, em uma análise de títulos em determinado período. Em 2019, essa possibilidade tornou-se real e as mulheres e homens que têm filhos já podem registrar esse período de “pausa” em sua carreira em seu currículo.⁵²

⁵⁰ <https://forbes.com.br/listas/2015/08/15-paises-com-maior-tempo-de-licenca-paternidade/> (acesso em 21/11/2020)

⁵¹ Uso a palavra improdutivo entre aspas para destacar o quanto o fato de a mulher- mãe não estar produzindo no trabalho ou na pesquisa acadêmica não significa que ela não está sendo improdutiva em outros campos de sua vida.

⁵² <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/maternidade/noticia/2019/04/maternidade-no-lattes-pesquisadoras-poderao-indicar-tempo-de-licenca-no-curriculo-cjuvrglx100s201rowc4q0cgj.html>

Nesse ponto do debate, a convidada Adriana Carvalho, que é gerente de projetos da ONU Mulheres, faz uma observação que parece impressionar as demais debatedoras:

Olha, acho que, antes de como isso impacta na carreira, é bom a gente ter em perspectiva que a gente fala muito da licença, da saída das mulheres pela licença maternidade, mas a gente compara poucos números com outros motivos de licença remunerada dos homens. Alguns poucos estudos mostrando o número de licenças remuneradas de homens e mulheres, ao longo da carreira os homens saem tanto quanto as mulheres. [...] A soma das várias licenças por saúde ou outras razões aí de homens dava a mesma coisa ou um pouco mais do que as mulheres. (MAMILOS 196, 22:00 – 22:54)

As outras convidadas logo complementam:

Mel - A licença do acidente pela pelada semanal.

Camila⁵³ - É outro valor, né? (MAMILOS 196, 23:27 – 23:31)

E assim a discussão se desenvolve no episódio 196, trazendo reflexões sobre as consequências para a carreira profissional da mulher-mãe que, não podendo dedicar-se da mesma forma que os homens, mesmo que sejam pais, acabam perdendo promoções, oportunidades e o alcance de melhores salários.

O retorno ao trabalho, após o fim da licença maternidade é outro drama vivenciado pelas mulheres-mães. Adaptar-se à nova rotina (mais uma vez), agora com novas responsabilidades, é tarefa extremamente complexa.

Sobre essas questões, a apresentadora Cris Bartis pondera:

Você fica em casa pensando que você devia estar no trabalho, e você fica no trabalho com saudade do filho que tá em casa. Esse retorno é emocionalmente difícil e fisicamente difícil, porque você tá com o peito cheio de leite. E onde você vai tirar esse leite? Muitas das vezes, na esmagadora maioria das vezes, no banheiro da empresa. (MAMILOS 196, 50:57 – 51:17)

Essa realidade de dupla jornada é extremamente desgastante e “é a prática mais comum que, evidentemente, realimenta a condição de desvantagem profissional, pois a constante conciliação entre o emprego e o lar certamente interfere negativamente na produtividade feminina”. (AIELLO-VAISBERG, GALLO-BELLUZZO e VISINTIN, 2020, p. 11). Muitas vezes, pelo receio de não conquistar a vaga sonhada (ou necessária) ou mesmo de manter o emprego, as mulheres acabam “assinando contratos” extremamente injustos, prejudiciais e

⁵³ Camila Fornazari, trabalha na área de Recursos Humanos da Natura.

que alimentam essa desvantagem. A apresentadora Juliana Wallauer critica essa realidade de modo muito enfático:

Você pode me contratar, pode me promover que eu vou provar pra você que eu posso fazer isso como se eu não tivesse casa. Cara, onde que a gente assinou esse contrato bizarro? (MAMILOS 196, 53:27 – 53:36).

Por mais que a mulher-mãe afirme que vai dedicar-se “como se não tivesse casa”, tal realidade não é acessível para muitas mulheres.

A apresentadora Cris Bartis fala sobre isso em tom de lamento:

Sempre, sempre, sempre entender que aquilo é um trabalho seu. E aí o lar tá bem arrumado, as crianças estão limpas e saudáveis, as coisas estão arrumadas, denotam que você é uma boa mulher. Uma boa mãe, uma boa esposa, uma boa dona de casa. (MAMILOS 196, 1:10:37 – 1:10:57)

Esses papéis atribuídos à mulher, em especial à mulher-mãe, resultam em uma sobrecarga física e emocional, que tem consequências. E a participação das mulheres no mercado de trabalho não tem alterado essa realidade doméstica. Karina Alves (2015) destaca que a faixa etária de mulheres que ocupam grande parte do mercado de trabalho é também o período em que essas mulheres têm filhos menores e que demandam maior dedicação, resultando em mais trabalho doméstico. A mãe, portanto, continua sendo “solicitada a assumir uma postura cada vez mais orientadora e educadora do lar, emergindo aí a individuação da mãe responsável ou “boa mãe”, para a qual a invenção do “instinto materno” é fundamental. (ALVES, 2015, p. 2)

Essa carga e esse sofrimento são ainda mais gritantes quando esta mulher-mãe é uma mulher negra. No programa sobre mães e tabus, em um convite para falar sobre a relação com sua mãe, a convidada Isis Carolina⁵⁴ conta um pouco sobre as dificuldades que viveu na infância, em uma família em que a mãe era sobrecarregada pela necessidade de trabalhar fora e também cuidar dos filhos, além da carga emocional resultante do medo que algo acontecesse com eles.

Hoje eu tenho um olhar muito mais humanizado para minha mãe, eu tento humanizar aquele indivíduo, que acima de tudo, era uma mulher que tinha desejos, que tinha vontade de, muitas vezes, não fazer nada. Às vezes ela não queria ficar com a gente e tudo bem.

⁵⁴ Ativista do Coletivo AMEM, do coletivo Sistema Negro, assessora de Djamila Ribeiro e colaboradora na revista Elle Brasil.

Porque ela tem esse direito de descansar. E de não pensar em ter que limpar nossa bunda e ter que fazer comida...Ela não tinha alternativas. Então eu tenho um olhar hoje, quando eu penso esse reflexo geracional, o que era antes e o que é agora... também porque ela não tinha consciência de gênero e raça também. Muitas vezes ela não sabia e não tinha condições de instrumentalizar a gente pra poder dar conta de tudo que também acontecia com a gente. (MAMILOS 147, 9:50)

María Lugones (2020) abre seu artigo *Colonialidade e gênero* com as seguintes palavras, que elucidam muito bem os fatos narrados aqui.

Investigo a intersecção entre raça, classe, gênero e sexualidade na tentativa de entender a preocupante indiferença dos homens com relação às violências que, sistematicamente, as mulheres de cor sofrem: mulheres não brancas; mulheres vítimas da colonialidade do poder e, inseparavelmente, da colonialidade do gênero; mulheres que criam análises críticas do feminismo hegemônico, precisamente por ele ignorar a interseccionalidade das relações de raça/classe/sexualidade/gênero. (LUGONES, 2020, p. 58)

Para melhor compreendermos a fala de Isis Carolina e o excerto de Lugones (2020), considero importante fazer uma breve reflexão acerca do feminismo, que nasce de uma necessidade de luta das mulheres, mas é tão diverso e plural quanto o universo de mulheres existentes. É ingênuo acreditar que um feminismo único pudesse representar todas as pessoas do mesmo gênero. É natural em uma sociedade machista, moralista, cristã e eurocêntrica que as mulheres brancas tenham necessidades infinitamente diferentes daquelas apresentadas pelas mulheres negras ou indígenas. A classe social também é fator de grande impacto nas lutas do feminismo. As necessidades de uma mulher negra que mora na periferia e trabalha mais de 12 horas por dia são muito diferentes das necessidades de uma mulher branca de classe média que trabalha meio turno.

A convidada Isis Carolina relata um caso de assédio que sofreu na infância, voltando da escola, e o quanto aquilo, embora tenha sido algo muito rápido, a incomodou por anos, deixando-a amedrontada por muito tempo. Mais uma vez, ela refere o fato de a sua mãe não ter, na época, instrumentalização para ajudá-la a lidar com essas situações.

Então, eu lembro que ela não tinha condições, porque ela não tinha acesso à informação e não estava debatendo sobre isso, sobre o feminismo e, muito menos, sobre o feminismo interseccional. Ela tinha medo. Ela tinha medo porque sabia, por

que era, inclusive, pessoas que foram criadas, doutrinadas pelo Datena, entendeu? Já tinha pós-graduação em Jornal Nacional. Então, sabia das situações diárias e cotidianas de violência, mas não sabia dialogar com a gente. Então eu sinto que a nossa educação, ela foi pautada muito pelo medo, mas era muito mais pelo medo da gente sofrer fora. Então, eu vou socar você, eu vou te arreentar se você voltar 11 horas. Então a gente voltava muito mais pelo medo de ser socado por ela, mas entendendo depois de muitos anos, que depois você vai refletir e tem um olhar muito mais generoso também. (MAMILOS 147, 11:00)

O diálogo segue acontecendo e as duas apresentadoras também contam sobre suas infâncias e sobre suas mães. É interessante ressaltar que quase todos os relatos se referem a mulheres que criaram seus filhos sozinhas, em sua maioria, em condições financeiras bastante instáveis. Essas condições, tão distantes dos privilégios que se apresentam para alguns grupos, tornam ainda mais importantes as lutas feministas, especialmente as interseccionais. Isis também fala sobre as dificuldades de ser mãe-solo, porque segundo ela, “independentemente de ser casada ou não, ela [a mãe] é um indivíduo que historicamente é desumanizado”. (MAMILOS 147, 45:31). Essa declaração se encaixa nas reflexões realizadas a partir de Lauxen e Quadrado (2018). À mulher-mãe são atribuídas tarefas das mais variadas naturezas e em volume desproporcional às tarefas atribuídas aos homens e pais. Daí a ideia de desumanização. Levando em conta a condição da mulher negra em nossa sociedade, essa desumanização tende a ser ainda maior e novamente reflete a ideia de Lugones (2020) sobre a desumanização imposta a todo sujeito oprimido, de alguma forma, em termos de poder.

Nessa representação, a mãe acaba por ter que se dedicar exclusivamente aos filhos e, como ressaltou a apresentadora Cris Bartis, “você leva o estado mãe para uma coisa sacra, que só reforça mais trabalho, mais exaustão, porque você tem que ser essa mãe do lugar santificado, sabe?” (MAMILOS 147, 49:19).

E aqui aspectos sob os quais ancorei minhas análises se cruzam intensamente, ou seja, a partir de representações sobre uma maternidade idealizada, há uma romantização de questões que atravessam problemas que se somam à dupla jornada de trabalho, problemas esses que envolvem temores, angústias decorrentes não só da condição de gênero, mas, também de raça e classe social.

Isis fala mais uma vez sobre sua mãe e sobre o quanto ela é importante atualmente como rede de apoio.

A minha mãe, ela é maravilhosa, ela buscou sua emancipação, ela trabalha pra cacete e ela me deu todo um suporte, a minha família, depois que eu me separei. Porque eu também acho importante frisar que, como mulher negra, quando você se separa, a mulher negra como indivíduo ela é muito estigmatizada, muito estereotipada. Então, a gente, dentro de alguns espaços, a gente tem um corpo violentado, às vezes, no olhar, sabe? Eu.... andar com minha filha sozinha é historicamente um padrão, é naturalizado. Porque as mulheres negras, inclusive em termos de porcentagem, elas vivem essa solidão, né? Mas eu gosto sempre de trazer o pensamento da bell hooks, que é isso também, eu acho que o processo de descolonização do pensamento está também em você viver esse processo só, pensando também: é o que eu gostaria, de ter, estar com alguém? Que é aquela lógica do “pelo menos ele lava a louça”, pelo menos, não! Eu não quero pelo menos. Ou a pessoa tá caminhando do meu lado, ou pelo menos eu faço isso sozinha. (MAMILOS 147, 47:55)

Apresentadoras e convidadas dialogaram sobre a dificuldade – dolorida, inclusive - de explicar a uma criança o que é racismo e o que é assédio. Isis Carolina, que é negra e tem uma filha negra, e Cris Bartis, que é branca mas tem uma filha adotiva que é negra, comentaram sobre a insegurança e a angústia geradas por essa situação. Cris Bartis afirma:

Trazer essa realidade crua é super difícil. Colocar isso pra uma criança e explicar pra ela o que é racismo, por que o racismo acontece... pra ela identificar e saber reagir diante desse racismo. [...] Pra uma menina saber identificar o que é um assédio sem quebrar... não é despertar o pavor. Eu costumo falar coisas muito básicas, né. Ninguém pode te tratar diferente por causa da sua cor. E aí essas informações vão ficar cada vez mais elaboradas ao ponto que ela vai crescendo. Ninguém pode encostar no seu corpo de uma forma que te incomode. Se você achar esquisito, tá errado. E depois as coisas vão ganhando mais elaboração. Eu percebo que a gente, nesse afã de manter essa fantasia, que é tão bonita, que ainda acredita no Papai Noel [...] e ao mesmo tempo ela tem que saber o que é o racismo, o que é o assédio. Uma criança que ainda acredita na Fada do Dente. É muito doloroso ter que colocar isso para uma criança, sabe? Porém, é preciso fazer. É muito preciso fazer, porque começa muito jovem. E se ela sai de casa sem o instrumento básico pra reconhecer isso e para conseguir se proteger, é uma vez só, sabe? Infelizmente.

Sobre um caso de assédio na rua, Isis comenta:

Audre Lorde fala isso, né, que o silêncio não vai nos proteger. E aí eu fiquei pensando nisso que.... né, eu crio uma filha negra e o Brasil, enfim, é um país que é estruturalmente machista e racista, logo, não reconhece a existência desses pilares. Então as

peças não debatem, do meu ponto de vista, com seriedade sobre essas pautas. E quando eu falo “as peças não debatem”, eu digo que as instituições não debatem, e que isso eu vou ampliando e vou trazendo pra minha realidade que é a escola. Por exemplo, a minha filha estuda numa escola particular que obviamente tem mais peças brancas do que negras e ela é vítima de racismo cotidianamente, mas ela não consegue e, muito menos eu, chegar na diretora e dizer que, só o fato de ela chegar num espaço que é majoritariamente ocupado por peças brancas já é um espaço violento. Porque é um espaço racista, então? Por que não tem mais peças negras dentro daquele espaço? Porque a sociedade ela é estruturante racista, logo, as peças negras não têm condições de ocupar aquele espaço porque elas não têm dinheiro. **Então a luta de classe, a luta de gênero e a luta de raça, elas são transversais.** Porque pra falar de classe, necessariamente você precisa falar de raça e, necessariamente você precisa falar de gênero, né? Porque se a sociedade é machista, logo, a gente está numa posição que é obviamente lá embaixo, a gente é a base. (MAMILLOS 147, 83:24)

As palavras de Lugones (2020) podem nos auxiliar a compreender o que Isis Carolina nos diz, quando afirma que “a luta de classe, a luta de gênero e a luta de raça são transversais”:

Devido à maneira como as categorias são construídas, a intersecção interpreta erroneamente as mulheres de cor. Na intersecção entre “mulher” e “negro” há uma ausência onde deveria estar a mulher negra, precisamente porque nem “mulher” nem “negro” a incluem. A intersecção nos mostra um vazio. Por isso, uma vez que a interseccionalidade nos mostra o que se perde, ficamos com a tarefa de reconceitualizar a lógica da intersecção, para, desse modo, evitar a separação das categorias existentes e o pensamento categorial. (LUGONES, 2020, p. 66).

A partir desses excertos, é possível perceber que os desafios da maternidade apresentados no programa 147, intitulado *Mães e Tabus*, além de abordar de forma muito contundente as questões raciais, podem ser ligados a comentários feitos no episódio 196, intitulado *Maternidade e Carreira*.

No programa seguinte ao episódio 196, diversos comentários de ouvintes foram lidos no ar no quadro *Fala que eu te escuto*. A apresentadora Cris Bartis leu o comentário de uma ouvinte, que enviou o seguinte e-mail:

Corri para ouvir o episódio assim que apareceu em minha *timeline*, esperando ouvir meus desconfortos, minhas angústias. Tapa na cara, né? Sou privilegiada, lembra? Sou empresária, tenho uma rede de apoio incrível, condições de ter um filho em uma creche de tempo semi-integral que adoro. Não sei o que é ter chefe há oito anos. Não sei o que é esta entidade que vocês repetiram durante todo o episódio: a empresa. Quando meu filho nasceu, eu

fiquei em casa por dois meses. Quando ele tinha 15 dias voltei a trabalhar de casa, claro que num ritmo muito mais lento e basicamente apenas quando ele dormia. Mas juro que não fiz isso pelos outros, mas por mim mesma. Eu também sou o meu trabalho, eu também sou a empresa. Eu amo trabalhar. É o que me faz ser útil no universo e me dá um propósito de vida. Eu precisava disso. Mamilos sempre abrindo a minha cabeça para realidades diferentes da minha. Obrigada, meninas. Fica meu pedido para no futuro voltarem a esse tema, envolvendo as mães empreendedoras. (MAMILOS 197, 1:18:56 – 1:20:06)

A mensagem da ouvinte traz à tona diversas discussões que foram realizadas durante o episódio. É possível perceber na “fala” dela também a pedagogia cultural operando, pois quando ela afirma “Mamilos sempre abrindo minha cabeça” fica evidente que ela conquista novos conhecimentos e desenvolve novas reflexões a partir da escuta do programa. Isso é enfatizado pelo pedido final de um programa sobre mães empreendedoras, categoria na qual ela se insere e sobre a qual parece necessitar de mais conhecimentos. Esse pedido endossa a consideração que já apresentei anteriormente sobre a pedagogia precisar

se transformar constantemente para responder às demandas que não cessam de ser produzidas [...] e precisa proliferar para estar presente aos sujeitos em todos os momentos de suas vidas para, enfim, ensinar a ser e estar nesse mundo do modo mais eficaz e global possível, tentando remodelar a máxima comeniana do “ensinar tudo a todos”. (CAMOZZATO, CARVALHO e ANDRADE, 2016, p. 11, grifos dos autores)

Na mensagem de outra ouvinte, também podemos perceber a pedagogia operando, no recado lido pela apresentadora Juliana Wallauer:

Oi, Ju e Cris! O trabalho de vocês tem sido tão importante pra minha vida há tantos anos... Mas, como acontece com muitos dos melhores ouvintes⁵⁵, só agora decidi escrever. Fui demitida na semana do dia das mães, exatos quatro meses depois de retornar da licença maternidade. Foram quase 9 anos de dedicação à companhia listada anos seguidos entre as melhores para trabalhar. No momento em que recebi a notícia do meu desligamento, as únicas palavras que consegui dizer ao RH foram: entrei pra estatística. Lembrei que já tinha lido que metade das mulheres perdem seus empregos no primeiro ano de retorno da licença. E aí, no outro dia, estou lá, recolhendo os caquinhos e recebendo a notificação de um novo episódio do Mamilos. Senhor! Não pode ser coincidência, sério, mesmo, que esse é o tema da semana? Esse episódio foi pra mim. Nas horas após a demissão,

⁵⁵ Esse termo foi cunhado pelas apresentadoras Cris Bartis e Juliana Wallauer para fazer referência aos ouvintes fiéis, especialmente àqueles que contribuem financeiramente mensalmente para o programa.

me questioneei, me diminuí, avaliei se realmente não seria eu merecedora da rua. E vocês me puxaram pra verdade. Eu já sabia dos números, mas precisava que alguém gritasse nos meus ouvidos. Era a força que eu precisava para converter a dor em luta, meus lamentos em foco, meus ressentimentos em estratégia. Estudei os artigos que vocês citaram e adicionei outros em um conteúdo que já tá publicado em um portal que reúne mães do mundo todo. Chama-se Mães em rede. Espero que este texto gere reflexões e que mude o futuro profissional de ao menos uma mulher. Obrigada pelo trabalho de vocês. (MAMILLOS 197, 1:20:06 – 1:21:25)

Esse relato evidencia o potencial pedagógico da discussão, uma vez que a ouvinte não apenas escutou o programa e assimilou as informações nele contidas, mas aprofundou esses conhecimentos, pesquisando e estudando os artigos citados pelas apresentadoras durante o episódio. Além disso, a referida ouvinte apresentou suas contribuições para a discussão, trazendo outros textos para o debate e apresentando outra rede⁵⁶ de trocas, na qual também está em operação a pedagogia cultural. Isso é resultado de um novo movimento, consequente, de acordo com Jenkins, Ford e Green (2015), da mudança “de distribuição para circulação” dos conteúdos da cultura. O público, assim, não é mais visto (nem age) como simples consumidor, mas “como pessoas que estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídia de maneira que não poderiam ter sido imaginadas antes. “ JENKINS, FORD e GREEN, 2015, p. 240, e-book).

A seguir, apresento mais uma contribuição de ouvinte sobre o episódio 196, enviada por e-mail às apresentadoras.

Apesar de acompanhar o Mamilos há muito tempo, o tema de hoje, Maternidade e Carreira caiu como uma luva na minha vida e não consegui nem dormir pensando que tinha que escrever pra vocês. Eu sou empreendedora, estou grávida do primeiro filho e sempre tive medo desse momento. Todas as pessoas que trabalham no regime do CLT romantizam o empreendedorismo e a questão de ter a própria empresa, pensando na liberdade de fazer os próprios horários, de trabalhar de casa, de ter tempo pra viver, de cuidar dos filhos e da casa sem nenhum patrão pra dar satisfação. Eu sempre sonhei em ter a minha empresa. Tenho há quase 6 anos uma pequena agência de publicidade em Goiânia, em parceria com uma sócia bem caxias e exigente, onde eu sou a diretora criativa que comanda outros três criativos em início de carreira. Há uns dois anos, mais ou menos, trabalhávamos no sistema de home office. Com cada um fazendo seu horário de trabalho de casa, eu acabava estendendo demais as minhas horas e fui vendo que estava perdendo o controle sobre o meu

⁵⁶ <http://maesemrede.com/> (acesso em 21/11/2020)

dia. Há um ano, mais ou menos, montamos sede fixa, o que me forçou a focar mais no tempo de trabalho. Mas ainda assim são raros os dias em que não trabalho ao menos 12 horas. Como uma empreendedora de uma empresa, não tenho mais essas vantagens de fazer o próprio horário, poder viajar quando quiser e muito menos não ter chefe para dar satisfação. Numa empresa pequena e própria, cada colaborador é essencial. Quando um falta, faz muita diferença na rotina inteira da agência. Sendo a gestora, então, é um gap que triplica. Eu não tenho um chefe, apenas, eu tenho 25 clientes que são meus chefes. Três criativos que, apesar de eu liderar, dependem de mim para dar andamento nas demandas deles, ou seja, também são meus chefes. Tenho uma sócia para fazer as tarefas e prestar contas da demanda da equipe e, adivinha? Chefe. Diante desse cenário, como sonhar em manter 4 meses inteiros de licença maternidade? Se a pequena empreendedora parar, a empresa também para. Licença maternidade integral é privilégio de CLT. A empreendedora nunca se ausenta das funções de proprietária e gestora da empresa, independente de onde estiver, o que estiver fazendo ou que dia da semana seja. Tem um problema, precisa resolver. O meu lado otimista acredita que as coisas vão se ajeitando e se adaptando como der, mas meu lado prático já sente culpa e angústia antecipada por perceber, desde já, que nem a minha dedicação à empresa, que é meu sonho realizado, será a mesma e nem a minha vontade de ser mãe acolhedora e participativa como eu sempre imaginei eu vou ser um dia. E dá-lhe rede de apoio. Enfim, precisava compartilhar esse lado punk do empreendedorismo materno e minhas previsões do que está por vir. Vocês fazem um trabalho necessário, Mamilos. Me ajudam toda a semana a sair da caixa. Obrigada por se dedicarem a esse projeto. (MAMILOS 197, 1:21:25 – 1:24:18)

No relato transcrito acima, que chama a atenção em primeiro lugar por sua extensão, a ouvinte parece sentir-se à vontade para contar detalhes de sua trajetória profissional às apresentadoras. Nesse relato, também é possível identificar a intenção de contribuir com as trocas do programa, pois a ouvinte afirma que precisava compartilhar o “lado punk” do empreendedorismo. Ela conclui valorizando o papel desse canal, ao mencionar que Mamilos faz um “trabalho necessário”, ajudando-a semanalmente a “sair da caixa”.

Volto aqui a ponderar sobre as reflexões de Camozzato (2016) sobre as “pedagogias do presente”, quando ela afirma que essas ainda apontam para um interesse pelo controle das vidas. “Ou seja, é sobre a vida como um todo que elas investem, procurando guiá-la e produzi-la de modo a ser bem gerenciada e, por isso mesmo, servir às necessidades da sociedade.” (CAMOZZATO, 2016, p. 189).

Esses relatos mais longos foram todos enviados por e-mail. Nas redes sociais as contribuições tendem a ser mais breves, até pelas limitações das plataformas, tais como Twitter e Instagram. Abaixo, transcrevo um relato publicado no Twitter e lido pela apresentadora Cris Bartis no programa 197.

Também nele vemos a pedagogia cultural operando nas considerações da ouvinte, que parecem carregar elementos de um machismo estrutural.⁵⁷

Você passa a noite em claro porque sua filha teve um pesadelo horrível, no outro dia, dorme super cedo e deixa a cozinha uma zona. Acorda cedo e vê que o marido deixou tudo impecável antes de dormir. Por quê? Porque agora ele é ouvinte do Mamilos! Obrigada por mudar meu mundo, gente! (MAMILOS 197, 1:24:18 – 1:24:34)

No momento em que menciona que *ela* própria deixou a cozinha uma zona (parecendo desconsiderar, nesse primeiro momento, a possibilidade de o marido realizar essa tarefa), a ouvinte deixa transparecer que assume exclusivamente para si as tarefas da cozinha (ou do lar). É possível perceber isso quando ela menciona a existência do marido que, afinal, realiza as tarefas domésticas (femininas), porque parece estar se transformando em um homem diferente e que, por isso, causa surpresa. A ouvinte atribui essa mudança de comportamento do cônjuge aos aprendizados decorrentes das escutas dos episódios do Mamilos. E a dimensão pedagógica implicada no programa também está registrada no comentário a seguir, no qual a ouvinte afirma ter várias dúvidas elucidadas pela escuta do episódio, lido no ar pela apresentadora Juliana Wallauer:

Gente, que episódio foi esse do Mamilos 196, Maternidade e Carreira? Maravilhoso! Tinha muita coisa que eu sempre senti e soube do assunto, mas não entendia o porquê, e agora tudo me foi explicado por pesquisas e apresentado por jornalistas incríveis. (MAMILOS 197, 1:25:04 – 1:25:20)

Chama a atenção nesse comentário a valorização dos “fatos científicos” que é feita pela ouvinte. Ela menciona as pesquisas apresentadas no programa como algo que explica e endossa o que ela já sabia e já sentia, mas não

⁵⁷ O machismo é um pensamento preconceituoso que entende o homem como sujeito e a mulher como objeto a serviço desse sujeito. No machismo estrutural, essas ideias estão presentes e vários níveis da sociedade, de forma que tais pensamentos preconceituosos e contrários à equidade entre os gêneros estejam naturalizados.

entendia. A partir da escuta do episódio, ela teve o aval da ciência (pesquisa) e das duas apresentadoras⁵⁸, por quem ela parece ter muita admiração.

O último relato sobre esse episódio diverge um pouco dos anteriores. Enquanto ouvintes dos comentários anteriores referem contribuições do programa em suas jornadas e as mudanças causadas por ele em suas vidas, esta ouvinte aparenta estar em outra “fase” do processo de aprendizagem e parece estar fazendo um desabafo, mostrando sentir-se acolhida para isso.

Sem palavras para descrever o que foi escutar esse episódio às 4 da manhã de um sábado, enquanto recolhia os brinquedos da sala e zerava a louça do dia anterior antes de sentar para corrigir as provas dos alunos da escola e da faculdade onde eu leciono. Tudo isso enquanto papai e filhinha dormiam tranquilos na minha cama quentinha. (MAMILOS 197, 1:26:00 – 1:26:22)

É curioso que, após a leitura desse comentário, a apresentadora Cris Bartis tenha brincado, dizendo “faça como a ouvinte do relato anterior”, referindo-se à ouvinte cujo marido lavava a louça à noite. A partir desse comentário, bem como dos anteriores, é possível perceber uma espécie de “rede afetiva” formada pelas apresentadoras e ouvintes do canal. Aliás, as apresentadoras incentivam essas trocas, inclusive, entre as ouvintes, sendo essa uma das dimensões que provavelmente fideliza a audiência ao programa.

A partir dos debates do episódio 196 e das ponderações feitas a partir do arcabouço teórico que me respalda, questiono se o afastamento dessas mulheres-mães do mercado de trabalho, em consequência da crise financeira e sanitária que estamos vivendo em função da pandemia, pode ter impacto semelhante, senão maior, àquele causado pela já discutida licença-maternidade.

Outro episódio que tratou dos problemas causados pela sobrecarga de trabalho gerada pela dupla jornada foi o 247, intitulado *Crianças e Quarentena*, que aborda questões que se agravaram nessa pandemia, a partir do confinamento decorrente das ações para diminuição das contaminações pelo novo coronavírus. Certamente, muitas das dificuldades já presentes nas rotinas maternas se intensificaram nesse período de crise. A relação entre as crises econômicas e a volta de mulheres para o lar foi abordada por Badinter (2011),

⁵⁸ É interessante mencionar que tanto Juliana Wallauer como Cris Bartis são publicitárias, mas atuam nesse canal de podcast assumindo tarefas e funções de jornalistas, sendo assim reconhecidas pelo público.

que afirma que “especialmente as [mães] menos preparadas e economicamente mais frágeis” acabam por serem recambiadas ao lar. (BADINTER, 2011, e-book)

Para o episódio 247, as apresentadoras convidaram Daniel Becker, pediatra famoso por suas publicações diárias no Instagram⁵⁹, e Débora Bastos, publicitária, mãe e criadora do *Criando Crianças Pretas*⁶⁰, projeto direcionado a falar sobre racismo. As reflexões do programa circularam, principalmente, em torno dos desafios impostos pelo confinamento. Cabe ressaltar que o episódio foi gravado em abril de 2020, fato que certamente impacta sobre as afirmações e reflexões realizadas, tendo em vista que o período de confinamento estava apenas começando e ainda parecia haver uma expectativa de que, talvez, esse não fosse tão longo. Logo no início conversa, o pediatra Daniel Becker faz uma afirmação sobre os impactos dessa transformação da rotina:

O que eu quero dizer é que pra todo mundo essa situação anômala está gerando muita mudança, muita transformação. E um dos aspectos dessa transformação é a mudança das relações entre pais e filhos, né? Há pouco tempo, tinha crianças que viam os pais meia hora por dia. Ela acordava, o pai pegava, levava pra creche, ficava 10, 12 horas na creche, a mãe pegava, levava pra casa, faz um "bilu, bilu" e bota pra dormir. Ou ficava com a babá o dia inteiro, enfim. (MAMILOS 247, 25:22 – 25:52)

Essa abrupta mudança de rotina, que transitou da convivência eventual para a convivência constante gera muitas tensões, especialmente porque essa convivência intensa, imposta e repentina, acontece em meio ao medo, à insegurança e à incerteza do que está por vir. As medidas de segurança, que incluem a “quarentena”, causam impacto intencional no controle da doença Covid-19, “mas também na economia, nas relações sociais, na convivência familiar e, conseqüentemente, na saúde mental das pessoas, o que também merece atenção dos profissionais de saúde”. (AIELLO-VAISBERG; GALLO-BELLUZZO e VISINTIN, 2020, p4). Essa preocupação é evidente nessa e em outras falas do pediatra Daniel Becker durante o episódio.

Os autores supracitados problematizam também o fato de que toda a rede de apoio das famílias foi abruptamente rompida, pois as escolas fecharam, babás e empregadas domésticas deixaram de comparecer às casas e inclusive

⁵⁹ <https://www.instagram.com/pediatriaintegralbr/?hl=pt-br>

⁶⁰ <https://www.instagram.com/criandocriancaspretas/?hl=pt-br>

as avós, que em muitos casos cumpriam esse papel de cuidado, também ficaram impossibilitadas de ajudar.

Ao ser questionada pelas apresentadoras sobre como está a sua rotina e quais são os desafios que se apresentam, Débora Bastos afirma que sua rotina está tranquila e explica:

E tá tranquilo principalmente porque a gente conversa muito. Meu marido é muito "parça", muito amigo, então, na nossa rotina, não mudou muita coisa. É muito esquisito dizer, mas eu acredito até que deu uma melhorada. Porque algumas coisas que a gente só falava, passaram a ser vistas na prática, como a divisão das tarefas, a divisão das responsabilidades, como demandas que não passam pela cabeça de alguém que fica o dia inteiro fora de casa. (MAMILLOS 247, 30:02 – 30:30)

Saliento, a partir da fala de Débora, o que eu havia afirmando anteriormente sobre o fato de o episódio ter sido lançado em abril, logo no início da quarentena. Parece-me que ainda há, na fala da convidada, um certo ar de “deslumbramento” com a possibilidade de conviver com a família, tendo em vista que esta parece ser uma relação bastante saudável e equilibrada, diferindo de muitos dos relatos já transcritos nesse estudo. Evidentemente, muitas mães, que já faziam dupla jornada e não contavam com um parceiro que as ajudasse, jamais fariam um relato semelhante a esse nessas condições.

Um impacto importante e que precisa ser destacado nessa realidade de confinamento é a suspensão das atividades das escolas. Esse tema é amplamente discutido durante o episódio, que iniciou com o depoimento de uma mãe solo que tem dois filhos, sendo um deles autista. Ela afirma, em sua fala, que não sentiu muita diferença com a chegada da quarentena, pois o trabalho todo sempre foi dela. No entanto, referiu a falta da escola como uma das dificuldades, pois era nesse momento que ela tinha alguma “folga” para trabalhar. “Configura-se, assim, uma evidente sobrecarga que pode gerar sofrimentos emocionais, socialmente determinados, que atingem tanto as próprias mães, como os filhos e demais familiares.” (AIELLO-VAISBERG; GALLO-BELLUZZO e VISINTIN, 2020, p. 5)

O pediatra Daniel Becker afirma o seguinte, após ouvir o depoimento da mãe solo:

Essa solidão nessa hora, de estar com duas crianças, ela é muito dura. É muito, muito dura, gente. Sem nenhum apoio e cuidando

de uma criança especial, é muito complicado. (MAMILOS 247, 46:47 – 47:01)

Em nossa cultura, esse imaginário de que a mãe é a melhor pessoa para cuidar da criança, independentemente de suas reais condições, contribui para essa sobrecarga, e é questionado por Aiello-Vaisberg, Gallo-Belluzzo e Visintin (2020), pois isso impacta na experiência materna em tempos de isolamento social.

Débora complementa a fala de Daniel:

A escola, ela é, pras mães solas, pra muitas mães solo pobres, que não têm condição de pagar alguém pra cuidar das crianças, isso é uma realidade, de dividir a tarefa com a escola. (MAMILOS 247, 50:56 – 51:07)

Sobre essas questões de sobrecarga atribuída como natural às mães, considero importante trazer mais um trecho do artigo de Aiello-Vaisberg, Gallo-Belluzzo e Visintin (2020), mesmo que seja extenso:

[...] o que atualmente denominamos, em nossa sociedade, como maternidade, corresponde a uma das maneiras pela qual se pode resolver o problema da dependência de cuidado de bebês e crianças. Nesse arranjo cultural, que consiste no ocupar-se das necessidades infantis como adulta solitária, em ambiente domiciliar, a mãe biológica é concebida como a melhor cuidadora das crianças, em função da suposta disposição natural, instintivamente determinada, de proteção à prole. Revelando-se histórica e culturalmente determinada, tal concepção surgiu na Europa do final do século XVIII, e vem sendo defendida, ao longo do tempo, por médicos, legisladores, filósofos e, inclusive, psicanalistas, que a consideram como forma capaz de assegurar a observação dos preceitos da puericultura e da saúde mental, favorecendo, com a concorrência da instituição escolar, o desenvolvimento de futuros cidadãos. (AIELLO-VAISBERG, GALLO-BELLUZZO e VISINTIN (2020), p. 5)

Essa engrenagem, que articula mãe e escola e que já parecia desfalcada antes do confinamento e do isolamento social, está, durante a pandemia, ainda mais vulnerável, pois uma das “pontas firmes” não existe mais e não pode auxiliar essa mulher que acaba por ter que assumir sozinha todas as atribuições e tarefas relacionadas às crianças.

No seguimento da discussão, Juliana Wallauer salienta que, além dessa sobrecarga com os filhos e com a casa, muitas mulheres estão trabalhando em

home office, chamado de forma jocosa pela convidada Débora de *hell office*, o que acrescenta ainda mais trabalho na rotina.

Essa conversa a gente já teve quando falou de carreira e maternidade, que as coisas não mudam enquanto só as mulheres falarem. Então somos todos nós que temos que ter essa conversa, que é: gente, é uma quarentena, a gente vai ter que estar dentro de casa, cuidando de casa, filho e trabalhando. Então, obviamente, empresas, nós não vamos mais trabalhar 8 horas por dia. (MAMILOS 247, 53:07 – 53:31)

Essa fala de Juliana veio em meio a depoimentos lidos pelas apresentadoras, nos quais várias mães afirmam que, mesmo compartilhando o espaço da residência com o pai de seus filhos, essa sobrecarga não parece diminuir. Elas afirmam que os maridos têm sido muito requisitados em suas tarefas de trabalho e que passam os dias trancados no quarto, em reuniões e realizando tarefas profissionais. A discussão segue em torno desse ponto, pois muitas mulheres também têm reuniões, tarefas e atribuições profissionais, às quais são acrescidas as tarefas domésticas e de cuidados com os filhos. Uma das queixas que apareceu nos depoimentos referia-se ao aumento de demanda no trabalho, pois os chefes estariam cobrando ainda mais de seus funcionários que trabalham a distância. Por isso, Juliana foi enfática na fala direcionada às empresas, transcrita acima.

Assim como o episódio 196, intitulado *Maternidade e Carreira*, esse, de número 247, também recebeu muitas contribuições de ouvintes, e essas foram lidas na seção *Fala que eu te escuto* do episódio seguinte.

A primeira mensagem foi lida por Cris Bartis e era de um ouvinte homem:

Eu quero dizer que eu não tenho maturidade pra escutar vocês. Só lembro de "corona bar" e "corona café"⁶¹. Eu vou propor para alguns amigos a live do café da tarde e da gelada do final de semana. Eu tô brincando, lógico. Mais um episódio que eu indico. O episódio não foi bom só pra quem tem filhos. O título quase me afastou, mas eu aproveitei muito as falas sobre hell office. Eu disse que não tinha maturidade. A educação, a parte de auto cobrança excessiva, foi bem legal. (MAMILOS 248, 1:05:34 – 1:06:04)

Apesar de não problematizar ou complementar muito as discussões feitas no programa, transcrevi esse comentário pelo fato de ele ter sido feito por um

⁶¹ Referência a uma fala do pediatra no programa, quando conta que sua namorada promove encontros on-line com amigos que, dependendo do horário, chama de corona-bar ou de corona-café.

homem que não tem filhos. Ele disse que o título quase o afastou, mas que decidiu ouvir e pareceu se sentir contemplado pelo episódio. É interessante observar esses relatos, pois evidenciam a ideia de rede estabelecida entre os ouvintes que, mesmo sem ter “motivos” para dar o play, no episódio que parece não ter nenhuma ligação com sua realidade, o faz confiando que vai encontrar algo interessante, a ponto de sentir-se motivado para escrever uma mensagem depois da audição. Essa interação chama a atenção, pois, como afirma Jenkins (2009), “nem todo consumidor de mídia interage no interior de uma comunidade virtual, ainda; alguns apenas discutem o que veem com amigos, com a família e com colegas de trabalho.” (JENKINS, 2009, p. 55)

Dentre as questões discutidas durante o episódio, foi problematizada a utilização de telas para distrair e ocupar as crianças, nesse período tão complicado. Tanto as apresentadoras Juliana e Cris como a convidada Débora e outras mães, cujos depoimentos foram lidos, trazem essa preocupação acerca da quantidade de tempo que seria saudável para os filhos permanecerem em frente às telas. O pediatra Daniel Becker comenta essa questão, afirmando que, nessas condições, não é possível controlar tanto, e que se, eventualmente, a criança for exposta a um tempo maior de telas, isso não irá prejudicá-la tanto assim. O comentário de uma das ouvintes comentou esse aspecto:

Meninas, eu amei o tema dessa semana, eu sigo muito as dicas do Daniel com o meu pequeno. E eu estava me sentindo super culpada em estar apelando pros filminhos, pra televisão. Eu fiquei aliviada de ouvir ele dizer que, ah... tá ok. Ser a mãe que é possível ser nesse momento, cuidar da casa, do *homme office*, da saúde mental... Foi realmente um acalanto pra minha consciência. Valeu! (MAMILOS 248, 1:06:13 – 1:06:34)

Juliana Wallauer leu o comentário enviado por outra ouvinte, que parece ter se sentido muito contemplada pelo episódio:

Esse eu ouvi, me vi na questão da mãe solo. Tenho um filho de dois anos e ele não anda, tem paralisia cerebral, pois só afetou a parte motora. Quando vocês falam que a outra mãe se acostumou após 20 anos, nós, mães solo, pedimos socorro da nossa forma, falando um pouquinho pras pessoas. Mas nosso pedido de socorro é tão baixinho que a gente desiste, pede força pro universo e segue em frente. Não peço mais socorro, me acostumei. E nessa fase de *home office* fica mais difícil. Às vezes, trabalho com ele em casa. Tem dias que não dá. Tem uma moça que olha de vez em quando. Evito estar tirando ele de casa, mas preciso trabalhar e manter o meu emprego, cumprir minha meta, porque a cobrança ficou maior. Dividir casa, trabalho e faculdade

de ensino a distância, tem hora que acho que não vou aguentar. Mas o que me deixa feliz é ter meu filho perto e me formar em marketing. Adoro vocês, meninas. (MAMILOS 248 – 1:06:34 – 1:07:29)

As duas mães ouvintes dos comentários transcritos acima demonstram terem se sentido acolhidas pela temática do programa. Citam trechos que as tocaram especialmente e contam um pouco de sua experiência. Esse tipo de mensagem deixa transparecer a ideia de comunidade virtual defendida por Piérre Lévy (1999), quando afirma que ela “é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação e de troca”. (LÉVY, 1999, p. 128).

Mais dois comentários foram lidos no programa. Um deles de uma professora:

Mesmo não tendo filhos, ouvi o episódio e fiquei feliz ao ouvir, mesmo que brevemente, menções sobre as dificuldades que nós, professores, estamos enfrentando com as aulas on-line e as atividades ead. Não está sendo fácil cumprir os que os donos das escolas querem, os nossos patrões. Ouvir as críticas de quem não é da área de educação como se fôssemos culpados e tomadores de decisões. Não somos. Ouvir as críticas de várias famílias que também têm muitas dificuldades e demandas. E, se eu posso dar uma sugestão, acho que a educação nos tempos de quarentena vale um episódio todo. Sou fã de vocês. (MAMILOS 248, 1:07:29 – 1:08:08)

Mesmo não sendo mãe, essa ouvinte se sentiu motivada ao contribuir com seu relato pelo fato de ser professora e de se sentir contemplada pela discussão que foi feita durante o episódio sobre as transformações que ocorreram na realidade da escola durante a quarentena. No programa, apresentadoras e convidados discutem o fato de a escola ter invadido a casa de alunos e professores expondo a vida privada de uma forma impactante para todos. As discussões salientaram, também, o fato de que os professoras e professores, assim como os demais trabalhadores, também estarem sobrecarregados com as atribuições domésticas e familiares. Como a escola agora está exposta aos pais, também essa tem sido alvo de muitas críticas, daí as preocupações citadas pela ouvinte que, diante desse cenário, solicita às apresentadoras um episódio sobre educação e quarentena. Chama atenção, mais uma vez nesse relato, a ideia de comunidade e de acolhida que parece existir entre público e produtoras. Isso transparece na naturalidade com a qual os ouvintes sugerem temas para os

programas seguinte, quase como uma encomenda. Citando estudos de Lévy (1998) Jenkins (2009) também direciona o olhar para essa questão das comunidades virtuais, que “servem como locais de “discussão, negociação e desenvolvimento coletivos” e estimulam o membro individual a buscar novas informações para o bem comum”. (JENKINS, 2009, p. 57). E essas discussões evidenciam mais uma vez, o pedagógico em ação nessas comunidades e, conseqüentemente, a criação de um ambiente propício para que a pedagogia cultural opere.

O último comentário foi lido por Juliana Wallauer e foi escrito por uma ouvinte que também é mãe.

Oi, meninas, que bom que vocês fizeram esse pod. Tava comentando com minhas amigas como eu tava me sentindo uma mãe de merda, lembrando o outro episódio que vocês já fizeram. Fiquei desempregada, meu marido é o da história que fica de 10 a 12 horas trancado no quarto trabalhando e todo o resto fica nas minhas costas. Já posso adicionar no meu currículo: faxineira, professora, cabelereira, personal, administradora... Ah, como eu tô cansada. E a gente ainda não pode reclamar, porque somos privilegiados em ter um teto, em ter comida na geladeira, em ter saúde. Que difícil! Espero muito que vocês estejam bem e, por favor! Não parem de fazer o Mamilos. Esse é o meu momento, meu tempo, que eu fico só escutando como tem outras pessoas iguais a mim. Muito obrigada! (MAMILOS 248, 1:08:14 – 1:08:55)

Iniciando a mensagem com “Oi, meninas”, a ouvinte traz um ar de intimidade que evidencia a ideia de rede e de comunidade. Em sua mensagem, ela faz um resumo do episódio anterior, salientando os aspectos com os quais mais se identificou. Quando menciona outros episódios e usa o jargão “mães de merda”, a ouvinte também demonstra ser uma fiel acompanhante do programa, que considera fundamental em sua vida. E isso fica claro quando ela solicita que as apresentadoras não deixem de produzir este programa, visto que ele impacta em sua vida de forma positiva. Percebo nessa mensagem o que Jenkins (2009) chama de “inteligência coletiva”, pois essas trocas e reflexões sobre os temas abordados nos programas constroem significados e aprendizagens que se enredam no “processo social de aquisição do conhecimento – que é dinâmico e participativo – continuamente testando e reafirmando os laços sociais do grupo social.” (JENKINS, 2009, p. 88).

Embora os programas sobre maternidade abordem diversos aspectos que constituem suas atribuições, a sobrecarga materna parece ser um dos temas

mais debatidos e reativados nas discussões. A já mencionada naturalização da maternidade contribui muito para essa realidade e ela está intimamente ligada à amamentação.

A amamentação é uma questão particularmente complexa nessa discussão, pois foi alvo de muitas polêmicas e debates ao longo da história, como já mencionei no capítulo anterior desta pesquisa. E ela impacta diretamente a vida profissional das mulheres-mães que desejam ou necessitam permanecer no mercado de trabalho. Hoje, entendida como a alimentação ideal para o bebê pelos nutrientes e também pelo vínculo que propicia entre mãe e filho, a amamentação já foi alvo de duras críticas há alguns séculos por representar o “pecado alimentar”, como nos conta Badinter (1985), no trecho em que fala sobre o pensamento agostiniano que reinou por muito tempo na história da pedagogia e que foi retomado até o final do século XVII:

Os pedagogos, quase sempre mestres em teologia, recomendam aos pais a frieza em relação aos filhos, lembrando-lhes incessantemente sua malignidade natural, que seria um pecado alimentar. (BADINTER, 1985, p. 57)

Nesses vários séculos de história, a amamentação foi muito valorizada e também evitada, em uma sequência de altos e baixos, ligados também às lutas feministas, visto que a naturalização da maternidade e, conseqüentemente, da amamentação, foi usada, em diferentes momentos, como argumento nas discussões, como “a recusa consciente da maternidade [que] foi o caminho proposto por esse feminismo [libertário] para alcançar a liberdade. Essa recusa consistia em uma tentativa de negar o fatalismo biológico feminino da maternidade [...]” (SCAVONE, 2001, p. 8). Mais tarde, essa ideia de naturalização da maternidade será trazida à tona novamente e “recupera a maternidade como um poder insubstituível que só as mulheres possuíam” (SCAVONE, 2001, p.8), numa tentativa de atribuir a essa prática uma força exclusiva que seria fonte de poder para as mulheres.

A partir daí, as discussões passam a abordar não mais a negação da maternidade, mas a divisão de responsabilidades entre mães e pais, a fim de minimizar a sobrecarga das mulheres, tão evidenciada nos relatos ouvidos nos programas do *podcast* Mamilos. E a idealização/romantização de situações

implicadas na maternidade novamente se apresenta relativamente à amamentação.

A apresentadora Juliana Wallauer problematiza, entre as expectativas da maternidade, a imagem construída pelo senso comum, apoiado pelos ideais naturalistas, de que amamentar é muito fácil, automático e natural: “Aquela visão de que a amamentação é natural, de que você vai acoplar o bebê ali e ele vai sair mamando e vai ser lindo. E não é assim, não é assim!” (MAMILOS 23, 50:00 – 50:10). Muitas mulheres têm experiências muito difíceis no início da amamentação. É comum encontrarmos nas redes sociais ou mesmo em conversas entre amigas relatos dos desafios da amamentação. Existe uma série de orientações, muitas delas veiculadas pelos órgãos oficiais do governo. Para favorecer a amamentação, reconhecida, hoje, pela OMS (Organização Mundial da Saúde), como de fundamental importância para o desenvolvimento dos bebês, “defende-se a humanização dos procedimentos médicos durante o parto e pós-parto por meio do encorajamento para que o bebê seja levado ao seio logo após ao nascimento”. (LIMA e VICENTE, 2016, p. 107).

Esse aleitamento materno exclusivo e de livre demanda é, assim como outros diversos aspectos da vida de mãe, romantizado, e representa, em muitos momentos, uma limitação para a mãe, que fica “presa” ao bebê, que necessita exclusivamente dela para se alimentar. Isso fica evidente na fala de Anna Karina, convidada do episódio 23: “A gente era uma lanchonete ambulante, né. Era isso...” (MAMILOS 23, 40:44 – 40:48). No entanto, essa percepção não é unânime e, mesmo que muitas mães se sintam aprisionadas nessa função, ela ainda confere às mulheres-mães algum poder, como podemos ver no relato enviado por uma ouvinte ao canal, por ocasião do episódio 190, sobre puerpério:

A amamentação, cara, foi um desafio. O bico do meu peito esquerdo rachou de uma maneira, tipo horrorosa, parecia que ia cair. Doía na alma quando ela sugava, sangrava. Eu sentia a maior alegria do mundo quando eu via a minha nenê satisfeita depois de mamar, jogada nos meus braços de barriguinha cheia. Parecia que ela tinha acabado de bater um prato de feijoada, sabe? E aquilo meio que compensava um pouco a dor. **Amamentar fazia eu me sentir poderosa. Eu, só eu, alimentava minha cria.** (MAMILOS 190, 6:55 – 7:25)

Percebo nos relatos das apresentadoras e das convidadas, bem como em alguns relatos enviados por ouvintes, uma ambivalência em relação aos sentimentos aflorados na maternidade. Ao mesmo tempo que não querem a

responsabilidade de criar seu filho só para si, ter a exclusividade de alguns cuidados (como a amamentação), a condição de maternidade parece conferir-lhes algum poder, que lhes foi continuamente negado ao longo da história. Como diz Juliana Wallauer no episódio 147, “Esse foi o único espaço de poder que a gente tinha. A gente pare o herdeiro.” (MAMILOS 147, 50:30 – 50:33) No entanto, as responsabilidades que vêm com esse “poder” também geram sobrecarga e culpa, pois para manter esse poder, as mulheres precisam ser perfeitas. Não podem errar. A perfeição, por sua vez, não é real, não é possível, não existe. E a perda do controle, que revela falhas (volto a mencionar as “mães de merda”) causam angústia e, em muitos casos, como já foi visto, depressão.

Sobre essa sobrecarga e a já mencionada responsabilidade conferida às mães pelo Estado, Klein, Meyer e Borges (2013) afirmam:

Assim, o sujeito político “mulher parceira do Estado” passa a ser postulado como um sujeito capaz de aprender constantemente para multiplicar suas capacidades como mãe, cuidadora, provedora do núcleo familiar, agente de inclusão social e promotora da saúde, da educação e do desenvolvimento infantil saudável. Para isso, ela precisa assumir a obrigatoriedade de cuidar, alimentar, consumir, organizar as tarefas e os horários da casa, limpar, higienizar, vacinar, levar para consultar regularmente, estimular, brincar, enfim, potencializar e gerar ações que tratem da saúde, do corpo e o do próprio bem-estar, para estar apta a fazer o mesmo por toda a sua família. (KLEIN, MEYER e BORGES, 2013, p. 913).

E todas essas responsabilidades parecem estar muito bem resumidas na frase proferida pela convidada Anna Karina, no episódio 23: “Ah, mas é que é muita coisa pra ser, né, gente?” (MAMILOS 23, 52:35 – 52:37).

6. Algumas outras considerações para finalizar

Peso que me pede força
Chão que calça o meu desnível
Frágil que me faz cautela
Filho que me gera
(Róger Wiest)

Iniciei essa Dissertação com a letra de uma canção que repete que “é o chão que define o calçado”. Relacionei essa frase às andanças metodológicas e à metáfora dos caminhos trilhados por mim durante a pesquisa.

Nesses caminhos, pisei diversos tipos de chão, alguns mais sólidos, firmes, e outros um tanto irregulares e instáveis, nos quais foram necessários alguns calços para “ajeitar” os desníveis. Ao longo da trajetória, usei vários calçados com o objetivo de melhor pisar esses terrenos diversos.

Essa trajetória cheia de percalços se assemelha à trajetória das mulheres-mães, que aprendem a ser mães, que aprendem a realizar tão extraordinária tarefa enquanto a estão exercendo. Dada a importância dessa tarefa, visto que dela depende a vida de outro indivíduo, evidencia-se o valor das aprendizagens acerca de suas atribuições.

A naturalização da maternidade foi discutida e problematizada ao longo dessa pesquisa e, embora ela seja parte de um processo fisiológico, certamente muitos dos seus aspectos são construções sociais e precisam, portanto, ser aprendidos. Carmem Tornquist (2002) discute essa noção e entende a “pedagogia do parto e a didática da gestação” como uma socialização consciente, que busca recuperar saberes esquecidos ou “desaprendidos” no momento em que a medicina passa a assumir o poder dessa prática.

Além das discussões em torno do parto, a maternidade, de forma mais ampla, também é objeto de debate sobre o que é naturalizado e o que é construção social. Nessas disputas, ao longo dos anos, algumas transformações importantes foram acontecendo. A concepção de naturalização da maternidade, em certos momentos, foi abandonada e esta foi condicionada às questões culturais. Em outros períodos, a ideia de naturalização foi percebida como uma ferramenta de empoderamento feminino, pois conferia à mulher algo de exclusivo, que a diferenciava dos homens e a colocava em um lugar em que ela detinha o poder. Aos poucos, essa exclusividade mostrou-se também um fardo,

uma vez que tudo o que se relacionava ao bebê e às crianças dependia da mulher-mãe. Assim, novas transformações ocorreram e hoje vemos a ideia de maternidade se deslocando, aos poucos, para a ideia de parentalidade compartilhada, na qual há uma tendência, em alguns grupos da sociedade, em favorecer uma equidade maior nas responsabilidades com os filhos.

Esse tipo de pensamento também se encontra em uma realidade atual, na qual já é possível pensar de forma mais acolhedora na possibilidade de escolha da maternidade, vista por muito tempo como algo estranho e que denotava até um certo desvio na mulher, já que ser mãe seria algo “natural”. Lucila Scavone (2001) afirma que “evidentemente, esta escolha será tanto mais reflexiva quanto maior a possibilidade de acesso à informação, à cultura e ao conhecimento especializado.” (SCAVONE, 2001, p. 57)

Tais reflexões evidenciam a importância do conhecimento e, portanto, da educação no processo da maternidade. Há uma demanda significativa de consumidoras (e consumidores) desse tipo de informação que, via de regra, é disseminada por meios informais ou não institucionais. Existem, por certo, alguns cursos para gestantes, promovidos por maternidades, hospitais, ONGs e associações; no entanto, eles representam apenas parte do conhecimento que circula na sociedade sobre a maternidade. Essa demanda pelas informações e conhecimentos se configura como a chamada “vontade de pedagogia”, proposta e estudada por Camozzatto e Costa (2013) em seus estudos sobre a pedagogia cultural.

Propus-me, neste estudo, a analisar um canal de *podcast* a fim de compreender como o potente conceito de pedagogia cultural opera neste artefato midiático, atuando na disseminação e problematização dos conhecimentos sobre maternidade. Para a realização deste estudo, foi necessário fazer incursões a vários universos, que apesar de distintos, se complementam.

Precisei adentrar o mundo da tecnologia para entender quando e onde este artefato foi criado e de que maneira ele se popularizou e passou a constituir seus enredamentos, a partir dos quais se faz possível a operação do conceito de pedagogias culturais. Precisei entender como essa tecnologia funciona, de que forma ela chega aos pontos da rede onde os consumidores podem acessá-

la. Estudei de que forma esses consumidores se conectam e a partir de quais aspectos sentem-se motivados a constituir e contribuir com essa rede.

A mídia *podcast*, que tem pouco mais de 15 anos de existência, já passou por altos e baixos e, com a evolução tecnológica e popularização dos *smartphones*, passou a crescer muito no Brasil, popularizando-se de forma significativa.

A partir dessa incursão ao mundo tecnológico, foi necessário dedicar-me ao estudo da cultura da conexão e, principalmente, da cultura da convergência, na qual este artefato cultural se insere de forma exemplar. O engajamento proposto ao público por meio da convergência em várias plataformas que se complementam e trabalham juntas para que o público se mantenha sempre conectado e motivado a continuar produzindo e compartilhando conteúdos para que esse enredamento se mantenha “firme” e sustentável.

É possível identificar no canal de *podcast* que analisei a cultura da convergência operando. Apresentadoras convocam o público insistentemente para que compartilhe, para que use as *hashtags*⁶² corretas, a fim de que todas as redes possam convergir para o canal, otimizando, dessa forma, a circulação dos conteúdos e, por certo, as marcas dos patrocinadores e o nome do canal.

Nessa conexão propiciada pelas redes sociais, acontecem as trocas, portanto, que permitem a ampla circulação das informações, como afirma Marcilene Forechi,

Estar nas redes sociais digitais significa mais que participar de um movimento, de uma moda, de uma tendência. Significa a possibilidade de, por meio da mediação tecnológica, falar para uma audiência ampliada – e ser “ouvido” por ela -, que se encontra muito além do nosso alcance geográfico e que não reconhece hierarquias ou fronteiras físicas. (FORECHI, 2018, p. 13).

Precisei adentrar no mundo da comunicação para entender de que formas o circuito da cultura e o circuito da comunicação operam e se constituem como um terreno fértil para a operação da pedagogia cultural. Foi necessário dedicar-me ao estudo dos modos de endereçamento, para melhor compreender de que

⁶² É uma ferramenta das redes sociais, que consiste no símbolo # seguido por palavras. Essa ferramenta permite que os usuários sejam direcionados, ao clicarem nas *hashtags* a outras páginas com o mesmo conteúdo. A partir das *hashtags*, o Twitter tem a sua lista de *Trending Topics*, na qual os tópicos mais acessados/ mencionados ficam em destaque.

forma as mensagens, os modelos e conceitos são endereçados ao seu público e como esses endereçamentos atingem seus destinatários, promovendo condições para que as aprendizagens ocorram.

Dediquei-me especialmente ao conceito de pedagogias culturais, produto da articulação entre os Estudos Culturais e a Educação e a partir do qual podemos entender como ocorrem as aprendizagens e as constituições dos sujeitos na sociedade, a partir dos artefatos midiáticos e dos produtos da cultura.

Para poder observar a operação desse conceito, analisei seis episódios do canal de *podcast* Mamilos. Esses episódios abordaram várias fases da maternidade, desde a gestação com suas expectativas, passando pelo parto, puerpério, retorno ao trabalho e até mesmo os desafios consequentes do isolamento social imposto pela pandemia do novo coronavírus.

A partir do conceito de cultura da convergência, me propus a analisar, sempre que possível, várias etapas da publicação dos episódios, desde sua divulgação ou eventual convocação do público para participar com relatos, passando pelo episódio em si, até a sua repercussão, a partir da análise dos comentários.

Os episódios do canal normalmente são divulgados nas redes sociais. Quando as apresentadoras precisam da contribuição do público, por meio de relatos, elas também divulgam essa oportunidade de participação nas redes sociais, dando um prazo e informando todos os meios pelos quais tais relatos podem ser enviados. Esse convite foi feito, no caso dos episódios que analisei, para a criação do programa 190, sobre o puerpério. Depois que o programa vai ao ar, ouvintes costumam comentar o que ouviram, elogiando, criticando e trazendo suas contribuições. É nessa interação que se percebe, novamente efeitos dessa pedagogia cultural operando, pois o público refere os impactos das informações veiculadas e evidencia as aprendizagens que ocorrem na escuta. Em diversas ocasiões, esse público enriquece o diálogo acrescentando dados, fontes e propondo aprofundamento e ampliação da discussão.

Para aprofundar as análises dos episódios selecionados, adentrei o universo da maternidade, estudei sua história, suas histórias e transformações que ocorreram ao longo do tempo, como já mencionei no início desse capítulo. A partir de minhas análises, identifiquei dois eixos principais, em torno dos quais as discussões sobre maternidade giraram nos episódios: o eixo **Maternidade e**

perfeição, que abordou as representações de maternidade idealizada/romantizada, que compreendem expectativas, postulações e temores nutridos tanto em períodos que antecedem a gestação, quanto posteriores a essa; e o eixo **Maternidade e trabalho**, que abordou a sobrecarga de trabalho atribuída às mulheres-mães, que englobam o trabalho doméstico, os cuidados com a família e as tarefas decorrentes do trabalho/carreira profissional, quando essa existe.

Cada um desses eixos analíticos constitui um universo de questões e conexões com fatos históricos, concepções científicas, psicológicas e do senso comum. Esses eixos têm profunda conexão entre si.

A partir das análises, é possível indicar que as expectativas nutridas pelas mulheres-mães durante a gestação, e mesmo antes dela, são imensas. Essa idealização foi debatida em diversos momentos nos programas e foi considerada, na maior parte das vezes, como a responsável pelas dificuldades que se apresentam após o nascimento do bebê. As representações de maternidade que circulam em revistas, filmes, livros e outros artefatos da cultura são responsáveis, de acordo com os debates realizados, pela imagem de que só uma maneira de maternar é correta. Só a mãe dedicada e feliz, amamentando em livre demanda é possível. No entanto, ao depararem-se com as dificuldades que se apresentam, sem o *glamour* da TV e do cinema, as mães frequentemente acreditam que estão fazendo algo errado, ou que não são capazes dessa tarefa.

É possível perceber, então, que estamos falando de vários níveis de atuação da pedagogia cultural. Em um primeiro nível, ela atua há décadas na sociedade, criando representações de maternidade idealizadas e que não se cumprem, pelo menos, para todas as mulheres. No entanto, quando uma representação sobre modos de ser mãe se destaca em várias instâncias culturais persistentemente em uma determinada época essa passa a ser assumida como a forma correta de viver a experiência da maternidade. Frustrações e insatisfações decorrem da impossibilidade de enquadramento de algumas mulheres nessa representação. Uma dessas representações é a de mãe sagrada, perfeita, detentora de todo o saber e responsabilidade sobre a criação de seus filhos e sobre a ordeira convivência de sua família. Nos dias atuais essa representação está bastante tensionada, mesmo que, em muitas situações,

condições a essa associadas emergem em muitos momentos e notadamente em determinados grupos étnicos e sociais.

Por vezes suscita, inclusive, curiosidade o modo como representações romantizadas são recolocadas em pauta, como é o caso do comentado episódio em que a ex-primeira Marcela Temer foi representada, em reportagem da revista *Veja* que descrevia o seu dia a dia como "Bela, recatada e 'do lar'"⁶³. Outro exemplo mais recente, publicado no jornal *El País* de fevereiro de 2020, surge um novo movimento, indicados nas redes pela *#tradwives*⁶⁴, de mulheres que deixaram seus empregos e retornaram ao cuidado do marido e da família.

Essas atribuições não foram, por certo, sempre naturalizadas às mães, apesar das muitas iniciativas que envolveram a convocação das mulheres-mães para serem parceiras do Estado, com o objetivo de propiciar o crescimento saudável dos indivíduos e garantir as gerações futuras, ou de convocações para que mulheres-mães atuassem como parceiras dos médicos e demais especialistas da saúde para seguirem regras destinadas a garantir a saúde da mãe e da criança.

Conduzindo esse estudo à sua finalização, destaco, mais uma vez, que a produção de identidades para mulheres-mães se processa a partir de uma gama de situações por essas vividas. Neste estudo, busquei indicar representações veiculadas em comentários e diálogos que integram episódios do canal *Mamilos de podcast*, uma rede social digital em que, tal como afirma Castells, "Falar e agir dá origem às teorias de rua e as unge de significado" (CASTELLS, 2018, p. 298). Percebi, nessas análises, a preocupação (também comercial, evidentemente) das produtoras com esclarecimentos sobre questões afetas à maternidade, que igualmente envolveram a fidelização de seus seguidores.

Jenkins, Ford e Green (2015) discutem as formas de interação que atualmente se processam entre produtores e consumidores nas redes midiáticas ressaltando que

⁶³ <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> Reportagem de 18 de abril de 2016. Acesso em 28/11/2020

⁶⁴ <https://brasil.elpais.com/smoda/2020-02-10/marido-sempre-em-primeiro-lugar-renasce-na-internet-a-dona-de-casa-submissa-e-abnegada.html> Reportagem de fevereiro de 2020. Acesso em 28/11/2020

[...]as empresas que prosperarão no longo prazo num ambiente de “mídia propagável” são aquelas que ouvem suas audiências, se importam com elas e, em última análise, almejam falar às necessidades e aos desejos delas com uma intenção tão crucial quanto a que dedicam aos objetivos de seu próprio negócio.(JENKINS; FORD; GREEN, 2015 e-book)

Destaco serem muitos os questionamentos que ainda precisam ser feitos acerca do tema com que me ocupei. Organizei meu estudo em uma determinada direção valendo-me de aportes teórico-metodológicos que aprendi no campo dos Estudos Culturais em Educação, outras abordagens certamente poderiam me conduzir a outras direções. Porém, como frisei na Introdução deste estudo, calcei “os sapatos” que me pareceram mais adequados para trilhar o caminho escolhido. E foi possível perceber que essa atuação está alterando, aos poucos, representações de maternidade criadas e difundidas por outros artefatos midiáticos nos quais a pedagogia cultural também opera. Me parece que a mesma pedagogia cultural que operou criando esses estereótipos de maternidade, muitas vezes cruéis e discriminatórios, por meio dos filmes, das histórias infantis, revistas femininas, etc. talvez seja uma ferramenta com a qual possamos contar para desmanchá-los.

BEIJO PARA: REFERÊNCIAS

AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; GALLO-BELLUZZO, S. R.; VISINTIN, C.D.N. **Maternidade sofrimento social em tempos de Covid-19: Estudo de Mommy Blogs**. Disponível em: www.preprints.scielo.org. Acesso em 27/11/2020.

ALVES, K. M. C. V. A subjetivação da mãe naturalista como modelo: a maternidade como efeito das pedagogias culturais. **Revista Periódicus**. UFBA, v.1, n.2, nov 2014 – abr 2015.

ANDRADE, P. D. DE. As invenção das pedagogias culturais. In: **Pedagogias Culturais: a arte de produzir modos de ser e viver na contemporaneidade**. 1a ed. Curitiba: Appris Editora, 2016. p. 209.

ANDRADE, P. D. DE; COSTA, M. V. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. **Textura**, v.17, nº 34, p. 48–63, mai/ ago 2015.

ANDRADE, P.D. DE; COSTA, M. V. Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, nº 2, p. 843 - 862, mai/ ago 2015

ANDRADE, P.D.; COSTA, M. V. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. **Educação em Revista**, nº 33, 2017

ARIÈS, P. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, E. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record Editora, 2011.

BOCCHI, A. F. A. A militância feminista na web: o funcionamento da argumentação em discursos sobre a violência no parto. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, SC, v. 16 n. 2, p. 309 - 328, maio/ago. 2016

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CAMOZZATO, V. C. Pedagogias do presente. **Educação & Realidade**, v. 39, n. 2, p. 573–593, 2014.

CAMOZZATO, V. C.; COSTA, M. V. Vontade de Pedagogia - pluralização das

pedagogias e condução dos sujeitos. **Cadernos de Educação**, v. 44, p. 22–44, 2013.

CAMOZZATTO, V. C.; CARVALHO, R. S. DE; ANDRADE, P. D. DE. Prefácio. In: **Pedagogias Culturais: a arte de produzir modos de ser e viver na contemporaneidade**. 1a ed. Curitiba: Appris Editora, 2016. p. 209.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1999.

CASTELLS, M. **O poder da identidade: a era da informação**, volume 2. 9a ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

COSTA, C. L. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 19, p. 59-90. 2002.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 36–61, 2006.

COSTA, M. V.; WORTMANN, M. L. C. Estudos Culturais e Educação - expandindo possibilidades para compreender a dimensão educativa. In: LISBOA FILHO, F. F.; BAPTISTA M. M. (Org.) **Estudos Culturais e interfaces: objetos, metodologias e desenhos de investigação**. Aveiro: Universidade de Aveiro. Santa Maria: UFSM; 2016.

CURIEL, O. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLLANDA, H. B. (Org.) **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

DEL PRIORE, M. **Conversas e histórias de mulher**. São Paulo: Planeta, 2013.

DEL PRIORE, M. **Sobreviventes e guerreiras: uma breve história das mulheres no Brasil: 1500 - 2000**. Livro eletrônico. São Paulo: Planeta, 2020.

ESCOSTEGUY, A. C. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 4, n. 11, p. 115–135, 2007.

ELLSWORTH, E. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa e educação também. In: SILVA, T.T. **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.

FORECHI, M. **Identidades Femininas em Comentários no Facebook: uma análise a partir dos Estudos Culturais em Educação**. Porto Alegre, UFRGS, 2018. Tese (Doutorado em Educação), UFRGS, 2018.

FREIRE, E. P. A. **Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação**. Natal: UFRN, 2013a.

FREIRE, E. P. A. Conceito educativo de *podcast*: um olhar para além do foco técnico. **Educação, Formação & Tecnologias**, v. 6, n. 1, p. 35–51, 2013b.

FREIRE, E. P. A. *Podcast*: novas vozes no diálogo educativo. **Interacções**, v. 9, n. 23, p. 102–127, 2013c.

FREIRE G., G. R. **Ideias sem fio: Um panorama sobre podcasts no Brasil**. [s.l.] Universidade de Brasília, 2015.

FREITAS, L. F. R.; CORRÊA, A. R. Linguagem e produção de saberes: uma análise do filme *A Onda*. In: CAMOZZATTO, V.; CARVALHO, R. S.; ANDRADE, P. D. **Pedagogias culturais: a arte de produzir modos de ser e viver na contemporaneidade**. Curitiba: Appris Editora, 2016.

GAY, P. DU et al. **Doing Cultural Studies: The Story of the Sony Walkman**. Sage Publications (in association with the Open University). 1997.

GIROUX, H.A. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, T. T. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

HALL, S. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, p. 15–46, 1997.

HOGGART, R. **The uses os Literacy**. Nova York, Oxford U. Press, 1958.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da Mídia propagável**. Aleph, 2015.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KLEIN, C.; MEYER, D. E.; BORGES, Z. N. Políticas de inclusão social no Brasil contemporâneo e educação da maternidade. **Cadernos de pesquisa**. São Paulo, v.43, n. 150, p. 906-923, set./dez. 2013.

LAUXEN, J.; QUADRADO, R. P. Maternidade sem romantismos: alguns olhares sobre as maternidades e os sujeitos-mãe na contemporaneidade. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. Foz do Iguaçu, V. 04, ed. especial, fev., 2018, artigo nº 775.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, A. L. G; VICENTE, B. C. Os conhecimentos sobre a maternidade e a experiência da maternidade: uma análise de discursos. **Estilos clin.**, São

Paulo, v.21, n.1, jan/abr. 2016, 96-113.

LOURO, G. L. Conhecer, pesquisar, escrever... **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 25, p. 235–245, 2007.

LOURO, G.L. (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LUGONES, M. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, H. B. (Org.) **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

LUIZ, L.; ASSIS, P. O *Podcast* no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. XXXIII **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Anais...2010

MARQUES, L. K. S.; VIDIGAL, F. Prosumers e redes sociais como fontes de informação mercadológica: uma análise sob a perspectiva da inteligência competitiva em empresas brasileiras. **Transinformação**. V. 30, n. 1, p. 1-14, 2018.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2003.

MOURA, S. M. S. R.; ARAÚJO, M. F. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia, ciência e profissão**. V. 23, n. 1, p. 44-55. 2004.

NELSON, C; TREICHLER, P.A; GROSSBERG, L. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, T. T. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, DAGMAR ESTERMANN; PARAÍSO, M. A. (ORG). (Ed.). **Metodologias de pesquisas pós críticas em Educação**. 2a ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 25–47.

PRIMO, A. Para além da emissão sonora: as interações no *podcasting*. **Intexto**, v. 2, n. 13, p. 1–23, 2005.

PULGA, D. C. **Podcasting e jornalismo: uma análise do programa Mamilos**. Porto Alegre: UFRGS, 2019, 52 fls. Trabalho de conclusão do curso de Jornalismo. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande de Sul. 2019.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

ROCHA, C. M. F. **A escola na mídia: nada fora do controle**. [s.l.] UFRGS, 2005.

- SCAVONE, L. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface - comunicação, saúde e educação**. V.5, n. 8, p. 47-60, 2001.
- SCHWENBERG, M. S. V.; JOHANN, M. R. Mona Lisa transfigurada: a objetificação do corpo feminino. In: CAMOZZATTO, V.; CARVALHO, R. S.; ANDRADE, P. D. **Pedagogias culturais: a arte de produzir modos de ser e viver na contemporaneidade**. Curitiba: Appris Editora, 2016.
- SILVA, T. T. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SOUZA, N. G.S. Discutindo práticas implicadas na produção do corpo. In: CAMOZZATTO, V.; CARVALHO, R. S.; ANDRADE, P. D. **Pedagogias culturais: a arte de produzir modos de ser e viver na contemporaneidade**. Curitiba: Appris Editora, 2016.
- SOUZA, L. C. **Os vínculos sonoros no ambiente comunicacional do podcast Mamilos**. São Paulo, Faculdade Cásper Líbero, 2019. Dissertação (Mestre em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2019.
- THOMPSON, E. P. **The Making of the English Working Class**. Nova York, Vintage, 1963.
- THORNTON, S. **Club Cultures**. Cambridge: Polity Press, 2003.
- VICENTE, E. **Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio**. São Paulo: ECA/ USP, 2018.
- TORNQUIST, C. S. Armadilhas na nova era: natureza e maternidade no ideário da humanização do parto. **Estudos feministas**. Ano 10, 2º semestre, p. 483-492, 2002.
- WILLIAMS, R. **Culture and Society 1780-1950**. Londres, Chatto & Windus, 1958.
- WORTMANN, M.L.C. Estudos culturais e educação: algumas considerações sobre essa articulação (e sobre algumas outras mais) nas análises culturais. In: SILVEIRA, R.M.H (Org.) **Cultura, poder e educação: um debate sobre os estudos culturais em educação**. Canoas: Editora da ULBRA, 2005.
- WORTMANN, M. L. C.; COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. M. H. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. **Educação**, v. 38, n. 1, p. 32, 2015.

ANEXO 1 – Episódios selecionados para análise

MAMILOS 11 - Parto, Dopping, Misoginia e a bunda que REALMENTE quebrou a internet. [Locução de]: Cris Bartis e Ju Wallauer. [S.l.]: Brainstorm9, 6 de fev. de 2014. Podcast. Disponível em:

<https://mamilos.simplecast.com/episodes/11-parto-dopping-misoginia-e-a-bunda-que>

Acesso em 29/11/2020



mamilos

MAMILOS 23 - Mães sem Doriana, Barbárie no PR, Viúva Negra e Baltimore. [Locução de]: Cris Bartis e Ju Wallauer. [S.l.]: Brainstorm9, 1 de mai. de 2015. Podcast. Disponível em:

<https://mamilos.simplecast.com/episodes/23-maes-sem-doriana-barbarie-no-pr-viuva>

Acesso em 29/11/2020



mamilos

MAMILOS 147 – **Mães e tabus.** [Locução de]: Cris Bartis e Ju Wallauer. [S.l.]: Brainstorm9, 11 de mai. de 2018. Podcast. Disponível em: <https://mamilos.simplecast.com/episodes/147-maes-e-tabus>
Acesso em 29/11/2020



MAMILOS 190 - **Depois do Parto: Histórias e Reflexões.** [Locução de]: Cris Bartis e Ju Wallauer. [S.l.]: Brainstorm9, 29 de mar. de 2019. Podcast. Disponível em: <https://mamilos.simplecast.com/episodes/depois-do-parto-historias-e-reflexoes>
Acesso em 29/11/2020



MAMILOS 196 - **Maternidade & Carreira.** [Locução de]: Cris Bartis e Ju Wallauer. [S.l.]: Brainstorm9, 10 de mai. de 2019. Podcast. Disponível em: <https://mamilos.simplecast.com/episodes/maternidade-e-carreira>
Acesso em 29/11/2020



MAMILOS 247 - **Crianças e Quarentena.** [Locução de]: Cris Bartis e Ju Wallauer. [S.l.]: Brainstorm9, 17 de abr. de 2020. Podcast. Disponível em: <https://mamilos.simplecast.com/episodes/criancas-e-quarentena>
Acesso em 29/11/2020



ANEXO 2 – Episódios com os comentários da seção *Fala que eu te escuto*

MAMILOS 12 - Violência policial, bancada conservadora, Lea T e mais um gol de Romário. [Locução de]: Cris Bartis e Ju Wallauer. [S.I.]: Brainstorm9, 13 de fev. de 2014. Podcast. Disponível em:

<https://mamilos.simplecast.com/episodes/12-violencia-policial-bancada>

Acesso em 29/11/2020

MAMILOS 24 - Transgênicos, Toren, Boko Haram, Bebê real. [Locução de]: Cris Bartis e Ju Wallauer. [S.I.]: Brainstorm9, 9 de mai. de 2015. Podcast. Disponível em: <https://mamilos.simplecast.com/episodes/24-transgenicos-toren-boko-haram-bebe>

Acesso em 29/11/2020

MAMILOS 191 - O Averso da Jornada do Herói. [Locução de]: Cris Bartis e Ju Wallauer. [S.I.]: Brainstorm9, 5 de abr. de 2019. Podcast. Disponível em:

<https://mamilos.simplecast.com/episodes/o-avesso-da-jornada-do-heroi>

Acesso em 29/11/2020

MAMILOS 197 - Mudanças Climáticas Na Sua Vida. [Locução de]: Cris Bartis e Ju Wallauer. [S.I.]: Brainstorm9, 17 de mai. de 2019. Podcast. Disponível em:

<https://mamilos.simplecast.com/episodes/mudancas-climaticas-na-sua-vida>

Acesso em 29/11/2020

MAMILOS 248 - Vida na linha de frente do Covid. [Locução de]: Cris Bartis e Ju Wallauer. [S.I.]: Brainstorm9, 24 de abr. de 2020. Podcast. Disponível em:

<https://mamilos.simplecast.com/episodes/vida-na-linha-de-frente-do-covid>

Acesso em 29/11/2020

ANEXO 3 – Lista completa de episódios (até 31/12/2020)

Nº	Data	Título
1	14/11/2014	Bundas, traições, complexo de Deus e cometa
2	21/11/2014	Precisamos falar sobre aborto, Uber, Lollapalooza
3	28/11/2014	Drogas, Cruzeiro, Ornitorrinco e Mascotes das Olimpíadas
4	05/12/2014	Guarda Compartilhada, Treta, Star Wars, Chaves e Agenda Black
5	12/12/2014	Desafios da democracia, o Inominável, Seca, Pitty x Anitta
6	19/12/2014	Piratária, sequestro em Sidney, Cuba x EUA e flood no Markito
7	09/01/2015	Atentado ao Charlie, Passe Livre, Cesárea x Parto Normal, Posse da Dilma e Highsexual
8	16/01/2015	Liberdade de expressão, Globo de Ouro e Ataque na Nigéria
9	23/01/2015	Pena de morte, sexo, crise hídrica e concentração de renda
10	30/01/2015	A boa morte, rombo na Petrobrás, realitys bizarros e seca
11	06/02/2015	Parto, Dopping, Misoginia e a bunda que REALMENTE quebrou a internet
12	13/02/2015	Violência policial, bancada conservadora, Lea T e mais um gol de Romário
13	20/02/2015	50 tons de cinza, discussão de gênero na escola, impeachment e desfile patrocinado por ditador
14	27/02/2015	Greve dos caminhoneiros, Swiss Leaks, Oscar e juiz folgado
15	06/03/2015	Feminismo, Glass Lion, Gladiadores do Altar e vazamentos
16	13/03/2015	Protestos, Obama em Selma, Toro Loco e Peterson
17	20/03/2015	Síndrome de Down e Inclusão, Achacadores, Batgirl e Mamaço
18	27/03/2015	Cotas raciais, esmalte da discórdia, legalização do aborto e escola do futuro
19	03/04/2015	Redução da Maioridade Penal, Leila Diniz, Racismo e corrente do bem
20	10/04/2015	Educação, Terceirização, Selfie de prostituta, Revenge Porn
21	17/04/2015	Nudez, Hillary Clinton, Padre contra a homofobia e Dubsmash
22	24/04/2015	Imigração, fundo partidário, robôs e prefeita polêmica
23	1º/05/2015	Mães sem Dorian, Barbárie no PR, Viúva Negra e Baltimore
24	09/05/2015	Transgênicos, Toren, Boko Haram, Bebê real
25	15/05/2015	Jornalismo, Fachin, igualdade salarial e o lado negro da internet
26	22/05/2015	O feminismo de Mad Max, Magnum, GoT e podcasts no Spotify
27	29/05/2015	Reforma política e só
28	05/06/2015	Escândalos na FIFA, fim da mutilação na Nigéria, polêmicos e recessão
29	13/06/2015	Raça, religião, idade, deficiência, orientação sexual: amores acima de qualquer polêmica
30	20/06/2015	Desigualdade social, PCC, umbandofobia e Mulher maravilha
31	26/06/2015	Manda nudes, BoeChat, Taylor Swift e Fator previdenciário
32	03/07/2015	Mobilidade urbana, Redução da maioria penal, Calote grego, Celebrete Gay Pride
33	07/08/2015	Crise?; Táxi vs. Uber
34	14/08/2015	Gênero na escola; STF e a maconha; Alphabet
35	21/08/2015	só tragédia: chifre, chacina e manifestações
36	28/08/2015	Nova paternidade

37	04/09/2015	Refugiados, Déficit fiscal e Cultura Acessível
38	11/09/2015	Keynote Apple, Sotaque da discórdia E IURD condenada
39	18/09/2015	Legalize, Charlie e Pacotão
40	25/09/2015	Justiceiros e Viola Davis
41	02/10/2015	Violência contra a mulher na internet
42	09/10/2015	Mordaça, TPP e contas reprovadas
43	16/10/2015	Playboy sem nudes, Reestruturação de escolas e bebê abandonado
44	23/10/2015	Star Wars, sigilos e prefeito herói
45	30/10/2015	Enem, ranking da morte e Mau humor corporativo
46	06/11/2015	BNDES, Papinhas e Amizade
47	13/11/2015	Edição de Aniversário
48	20/11/2015	Um gosto amargo no Rio Doce
49	27/11/2015	Relacionamentos Abusivos
50	04/12/2015	Chacina, Ocupação nas escolas e impeachment
51	11/12/2015	SeraQueÉRacismo, carta de Temer e Pânico banido da CCXP
52	18/12/2015	Cunha, Acordo de Paris, Natal
53	30/12/2015	Meritocracia, a aristocracia dos talentos
54	29/01/2016	Zika vírus e microcefalia
55	05/02/2016	Mudanças no ICMS, SAG Awards e carnaval
56	13/02/2016	Fantasia & Contextos, Internet.org
57	19/02/2016	Ondas Gravitacionais, Carta Aberta ao Brasil e Eleições americanas
58	26/02/2016	Acessibilidade
59	04/03/2016	Super Tuesday e Monólogo do Oscar
60	12/03/2016	Operação Lava Jato
61	18/03/2016	Libertação Animal e Licença Paternidade
62	25/03/2016	Obama em Cuba, Atentado em Bruxelas, Caco Infeliz
63	1º/04/2016	Surto de H1N1, Tay e financiamento de campanha
64	09/04/2016	Gaslighting e Panamá Papers
65	15/04/2016	Internet livre e votação de Impeachment
66	22/04/2016	Votação e ameaça terrorista
67	06/05/2016	Profissão de Fé
68	14/05/2016	Rafael Braga e Homofobia no futebol
69	20/05/2016	Conversa sobre pornô no banheiro feminino
70	27/05/2016	Adoção
71	04/06/2016	Cultura do estupro
72	10/06/2016	Muhammad Ali e Trabalho escravo
73	17/06/2016	Atentado em Orlando e Amor romântico
74	24/06/2016	Rio em calamidade, Massacre indígena e Tite na seleção
75	02/07/2016	Depressão
76	06/08/2016	Banimento do WhatsApp e preconceito linguístico
77	12/08/2016	Olimpíada: abertura, doping e Rafaela Silva
78	19/08/2016	Lei Maria da Penha e Derrotas
79	26/08/2016	Futebol feminino, burkini e sucesso
80	03/09/2016	Guerra na Síria
81	10/09/2016	Manifestações e Antibióticos

82	16/09/2016	Suicídio
83	23/09/2016	Filhos e Paz Mundial
84	28/09/2016	Eleições 2016
85	07/10/2016	Colômbia, SUS e Separatismo
86	14/10/2016	Divórcio
87	21/10/2016	Efeito Estufa, Nobel de Bob Dylan e Boatos
88	04/11/2016	PEC241
89	11/11/2016	Trump, e agora?
90	18/11/2016	Aniversário, Ocupação nas Escolas e Prisões no Rio de Janeiro
91	25/11/2016	Argentina, Papa e o Aborto, Chikungunya
92	02/12/2016	Consciência Negra • Parte 1
93	09/12/2016	Consciência Negra • Parte 2
94	17/12/2016	Natal e Resoluções de Ano Novo
95	23/12/2016	Retrospectiva 2016
96	03/02/2017	Westworld: A Jornada da Consciência
97	10/02/2017	Crack, Pixo e a Cidade
98	17/02/2017	Economia 2017 e Censura
99	1º/03/2017	Beba com moderação e poste com consciência
100	18/09/2017	Sistema Prisional • Parte 1
101	25/03/2017	Sistema Prisional • Parte 2
102	31/03/2017	Empatia e População de Rua
103	07/04/2017	Reforma da Previdência
104	14/04/2017	Síria, Torcidas organizadas e BBB
105	21/04/2017	RIP Ego e Amor
106	28/04/2017	Remédio para quê?
107	06/05/2017	Reforma Trabalhista
108	12/05/2017	O futuro do trabalho
109	26/05/2017	Sistema Político em Xequê
110	02/06/2017	Mulheres, dinheiro e independência
111	10/06/2017	Internações involuntárias: problema ou solução?
112	16/06/2017	Três é demais?
113	24/06/2017	Cidadania 2.0
114	30/06/2017	Marketing de Causa
115	12/08/2017	Venezuela em convulsão
116	19/08/2017	Distritão e Fundo Partidário
117	25/08/2017	O paradoxo da tolerância
118	03/09/2017	Autismo
119	09/09/2017	Redes Sociais: Guia de sobrevivência
120	16/09/2017	Arte para que?
121	22/09/2017	The Handmaid's Tale
122	30/09/2017	Futuros Possíveis: Microrevoluções
123	07/10/2017	Pedofilia
124	14/10/2017	A Importância do Brincar
125	21/10/2017	Câncer: Sobre Vida
126	04/11/2017	Bullying

127	10/11/2017	Fintechs
128	17/11/2017	Especial 3 anos!
129	02/12/2017	Controle de armas
130	08/12/2017	AIDS, nova geração
131	16/12/2017	Burnout
132	22/12/2017	O Bom Natal
133	02/02/2018	Nômades Digitais
134	10/02/2018	Carnaval por quê?
135	17/02/2018	Gordofobia
136	23/02/2018	Intervenção no Rio de Janeiro
137	03/03/2018	Pagamos impostos demais?
138	09/03/2018	Beleza para quem?
139	17/03/2018	Fake News
140	24/03/2018	Direitos Humanos
141	31/03/2018	Quem Quer Privacidade?
142	06/04/2018	Politização do Judiciário
143	13/04/2018	Aquecimento Global
144	21/04/2018	Futuros Possíveis: Saída: direita ou esquerda?
145	27/04/2018	Masculinidade e Sentimentos
146	04/05/2018	Crise Habitacional
147	11/05/2018	Mães e Tabus
148	22/05/2018	Escola Sem Partido
149	25/05/2018	Desemprego - Crise em Ebulição
150	02/06/2018	Um Caminhão de Problemas
151	09/06/2018	Todas as Letras do Arco-Íris - Parte 1
152	15/06/2018	Sexoterapia
153	21/06/2018	Todas as Letras do Arco-Íris - Parte 2
154	29/06/2018	Você Não É Seu Trabalho
155	27/07/2018	Precisamos Falar Sobre Aborto (Reapresentação do episódio 02)
156	04/08/2018	Aborto
157	11/08/2018	Pesquisa Científica no Brasil
158	17/08/2018	Como Não Falir o Seu Casamento
159	26/08/2018	Rio Doce - Da Lama ao Caos
160	1º/09/2018	Rio Doce - Um Olhar pro Futuro
161	07/09/2018	Vacina e Imunidade Coletiva
162	15/09/2018	Futuros Possíveis: As Potências do Agreste
163	22/09/2018	Suicídio na Adolescência
164	29/09/2018	Os Desafios da Democracia
165	06/10/2018	Quem É o Eleitor Brasileiro?
ESPECIAL	09/10/2018	Viva Seu Corpo 1 - A Gente Já Nasce Pronta
166	12/10/2018	Essa Tal Felicidade
167	19/10/2018	Vencendo o Câncer de Mama
168	27/10/2018	Quem É o Eleitor Brasileiro? - Parte 2
169	02/11/2018	Inteligência Emocional
ESPECIAL	06/11/2018	Viva Seu Corpo 2 - Carta à Garota do Maiô Verde

170	09/11/2018	Vou Passar Cerol na Mão
171	17/11/2018	Ensino à Distância
172	24/11/2018	SUS e a Saúde Pública
173	1º/12/2018	Eu Não Sou Racista
ESPECIAL	04/12/2018	Viva o Seu Corpo 3 - O Corpo no Espelho
174	08/12/2018	Como vencer a miséria?
175	14/12/2018	Liberte Seu Corpo
176	22/12/2018	Perdoar Pra Quê?
177	28/12/2018	Retrospectiva 2018
178	04/01/2019	Jornalismo
ESPECIAL	08/01/2019	Viva o Seu Corpo 4 - O Mapa do Corpo
179	11/01/2019	A Boa Morte
180	18/01/2019	Guerra às Drogas
181	26/01/2019	Relacionamento Abusivo
182	1º/02/2019	Adoção
183	09/02/2019	O Governo do Mito
184	16/02/2019	Pacote Anticrime
185	22/02/2019A Nova Tradicional Família Brasileira	
186	02/03/2019	Paquera ou Assédio?
187	08/03/2019	Voltando à Venezuela
188	15/03/2019	A pornografia é vilã?
189	22/03/2019	Anatomia de um Massacre
190	29/03/2019	Depois do Parto: Histórias e Reflexões
191	05/04/2019	O Aveso da Jornada do Herói
192	12/04/2019	Caminhos Para Além do Medo
193	20/04/2019	Vida de Música
194	26/04/2019	Falta de Educação
195	03/05/2019	Impossível Ser Feliz Sozinho?
196	10/05/2019	Maternidade & Carreira
197	17/05/2019	Mudanças Climáticas Na Sua Vida
198	25/05/2019	Jornalismo nos Tempos de Cólera
199	31/05/2019	Futuro do Trabalho
200	07/06/2019	A Voz do Povo nas Ruas
201	13/06/2019	Vaza Jato
202	21/06/2019	Sexo em Falta?
203	28/06/2019	Drags: Eleganza! Extravaganza!
204	05/06/2019	Comunicação Não-Violenta: Derrubando Muros
205	12/07/2019	Filmes e Séries Que Nos Inspiram
206	19/07/2019	Livros Que Nos Inspiram
ESPECIAL	22/07/2019	Algoritmo G: Mulher não é boa em exatas
207	26/07/2019	Comidas Que Nos Inspiram

208	02/08/2019	Músicas Que Nos Inspiram
ESPECIAL	05/08/2019	Algoritmo G: Mulher não curte tecnologia
209	09/08/2019	Homem Pai
210	16/08/2019	Povos indígenas: de onde viemos, para onde vamos
ESPECIAL	19/09/2019	Algoritmo G: Mulher não é ambiciosa
211	23/08/2019	Legalize?
212	30/08/2019	Vegetarianismo
ESPECIAL	02/09/2019	Algoritmo G: Não precisa de mulher
213	06/09/2019	Privatização: sim ou não?
214	13/09/2019	Improviso: estratégia de sobrevivência
215	20/09/2019	Agrotóxicos
216	27/09/2019	Irmãos
217	04/10/2019	Bacurau: descolonizando o olhar
218	11/10/2019	Crianças & telas
219	18/10/2019	O preço da democracia
220	25/10/2019	Ativismo & militância digital
221	28/10/2019	Pets
222	31/10/2019	Emicida em AmarElo
223	1º/11/2019	Plantão América Latina
224	08/11/2019	Ditadura no Brasil
225	15/11/2019	Efeito Lula
226	19/11/2019	Empreendedorismo feminino
227	22/11/2019	Afrofuturismo
228	29/11/2019	Desigualdade à brasileira
229	09/12/2019	Alter do Chão: Paraíso em Disputa
230	13/12/2019	Traição
231	20/12/2019	A Felicidade É Inútil
232	27/12/2019	Retrospectiva 2019
233	04/01/2020	Viagem com pouca grana
234	10/01/2020	Viagem com filhos
235	17/01/2020	Viagem com Propósito
236	24/01/2020	Viagem sozinha
237	31/01/2020	Viagem com Ju e Cris
238	14/02/2020	Coronavírus
239	22/02/2020	Carnaval e Apropriação Cultural
240	28/02/2020	Bolsonaro x Congresso
241	06/03/2020	As conquistas da Lei Maria da Penha
242	13/03/2020	Coronavírus: economia infectada
243	20/02/2020	Sobrevivendo ao coronavírus
ESPECIAL	25/03/2020	Era uma vez... um amor
ESPECIAL	25/03/2020	Era uma vez... uma donzela em perigo
ESPECIAL	25/03/2020	Era uma vez... um felizes para sempre
ESPECIAL	25/03/2020	Era uma vez... uma família feliz
ESPECIAL	25/03/2020	Era uma vez... um príncipe encantado
244	30/03/2020	Humor na quarentena

245	03/04/2020	Como proteger vidas e salvar a economia?
246	10/04/2020	Ansiedade
247	17/04/2020	Crianças e Quarentena
248	24/04/2020	Vida na linha de frente do Covid
249	1º/05/2020	Efeito Moro
250	08/05/2020	Travessias - filosofia para sustentar a dor
251	15/05/2020	Enem 2020?
252	22/05/2020	Meio ambiente: proteger x crescer
ESPECIAL	28/05/2020	Uma jornada sobre a menstruação: Nosso Sangue – Ep. 01
253	29/05/2020	Dia da África
ESPECIAL	04/06/2020	Uma jornada sobre a menstruação: Nosso Sangue – Ep. 02
254	05/06/2020	Resistência - Negra: Abolição e o presente
ESPECIAL	11/06/2020	Uma jornada sobre a menstruação: Nosso Sangue – Ep. 03
255	12/06/2020	Trabalhadoras domésticas
ESPECIAL	18/06/2020	Uma jornada sobre a menstruação: Nosso Sangue – Ep. 04
256	19/06/2020	Sonhar a Realidade
257	26/06/2020	Corrupção
258	03/07/2020	Novo marco do saneamento básico
259	10/07/2020	Saudade
BÔNUS	13/07/2020	Mamilos Apresenta: Pura Caffeina
BÔNUS	14/07/2020	Mamilos Apresenta: Meteora
BÔNUS	15/07/2020	Apresenta: História Preta
260	17/07/2020	EUA x China: Liderança em Disputa
261	24/07/2020	Resistência - Trabalhadores: Greve Geral
262	31/07/2020	Vivências Trans
263	07/08/2020	Volta às Aulas?
264	14/08/2020	Luto
265	21/08/2020	O Prazer e o Poder da Leitura
266	28/08/2020	Cidadãos em situação de rua
Publicidade	04/09/2020	Vem aí (anúncio de novidades na programação)
267	10/09/2020	Como voltar a dialogar?
ESPECIAL	11/09/2020	Mamilos Cultura #01 – Jojo Rabbit, resistência e quebra de preconceitos
268	17/09/2020	Como impedir a destruição do Pantanal?
ESPECIAL	18/09/2020	Mamilos Cultura #2 – A Juíza, relacionamento antiabusivo e estratégia pra mudar o mundo
269	24/09/2020	Como comer bem?
ESPECIAL	25/09/2020	Mamilos Cultura #3 – Série Black Earth Rising: conversas difíceis sobre tramas da vida
270	1º/10/2020	Por que estamos deprimidos?
ESPECIAL	02/10/2020	Mamilos Cultura #4 – Livro Parece que Piorou: Deboche e autoconhecimento
271	08/10/2020	O que pode ser esquecido?
ESPECIAL	09/10/2020	Mamilos Cultura #5 – Livro Simplesmente Bela: descobertas e redescobertas
272	15/10/2020	Dá pra educar sem castigar?

ESPECIAL	16/10/2020	Mamilos Cultura #6 – Livro “E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas” – O medo e a coragem
273	23/10/2020	O que é cultura do estupro?
ESPECIAL	27/10/2020	Especial - Tireóide no Radar
ESPECIAL	28/10/2020	Mamilos Cultura #7: “Borat: Fita de Cinema Seguinte” e a banalidade do mal
274	30/10/2020	Inclusão pra quem?
ESPECIAL	04/11/2020	Mamilos Cultura #8: Curta “A Janela Dos Vizinhos” – Grama mais verde
275	06/11/2020	O que está em jogo nas eleições municipais?
ESPECIAL	11/11/2020	Mamilos Cultura #9: Roda Viva com Djamilia Ribeiro e a construção de pontes
276	12/11/2020	Há vida lá fora?
ESPECIAL	18/11/2020	Mamilos Cultura #10: Hamilton – Arte e política
ESPECIAL	25/11/2020	Mamilos Cultura #11 – EP. Romaria – Perspectiva jovem na pandemia
277	20/11/2020	Como enfrentar uma 2ª onda da COVID-19?
278	27/11/2020	Feminismo negro: como ser aliada?
ESPECIAL	02/12/2020	Mamilos Cultura #12: Podcast Praia dos Ossos – O que é honra?
279	04/12/2020	Quem é você depois do câncer de mama?
ESPECIAL	09/12/2020	Mamilos Cultura #13: Filme “Os 7 de Chicago” – Reforma e revolução
280	11/12/2020	Assédio sexual: o que fazer?
ESPECIAL	16/12/2020	Mamilos Cultura 14: Documentário “AmarElo – É Tudo Pra Ontem”
281	18/12/2020	Contos de Natal
ESPECIAL	23/12/2020	Mamilos Cultura: Álbum “Onde?” – Raízes e frutos da MPB
ESPECIAL	30/12/2020	Mamilos Cultura 16: Série “Upload” – Humor e distopia
282	31/12/2020	Retrospectiva 2020